



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**LYVIA DE ARAUJO CRUZ**

**“ENQUANTO SEU LOBO NÃO VEM”: PROPOSTA DE TRADUÇÃO  
PARA LIBRAS NO GÊNERO CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS**

**FORTALEZA**

**2022**

LYVIA DE ARAUJO CRUZ

“ENQUANTO SEU LOBO NÃO VEM”: PROPOSTA DE TRADUÇÃO PARA LIBRAS  
NO GÊNERO CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

D32“ de Araujo Cruz, Lyvia.  
“Enquanto Seu Lobo não vem” : proposta de tradução para libras no gênero contação de histórias infantis /  
Lyvia de Araujo Cruz. – 2022.  
122 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-  
Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva.

1. Estudos da Tradução. 2. Estudos Surdos. 3. Tradução Intermodal. 4. Contação de Histórias. I. Título.  
CDD 418.02

---

LYVIA DE ARAUJO CRUZ

“ENQUANTO SEU LOBO NÃO VEM”: PROPOSTA DE TRADUÇÃO PARA LIBRAS  
NO GÊNERO CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Aprovada em: 29 de abril de 2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Izabel Cristina Cordeiro Lima Costa  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marinês Lima Cardoso  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Dedico esta dissertação à minha filha Maria Letícia e à minha família, cujo apoio incondicional foi fundamental ao longo desta jornada acadêmica. Também dedico este trabalho à amada Comunidade Surda, fonte de inspiração e aprendizado constante.

## AGRADECIMENTOS

Foi desafiador encontrar as palavras adequadas para expressar minha gratidão, pois, ao longo desta jornada acadêmica, enfrentei diversos obstáculos e desafios. No entanto, tive o privilégio de contar com uma rede de apoio incrível e, por isso, sou imensamente grata aos meus familiares, amigos e tradutoras.

Em particular, gostaria de expressar minha profunda gratidão às tradutoras Acaian, Michelle e Gracy Kelly, que apoiaram de maneira excepcional a produção desta dissertação em língua portuguesa. Como a Libras é minha primeira língua, enfrentei momentos em que a escrita representou um desafio significativo, e a orientação profissional delas foi fundamental.

Também quero expressar minha sincera gratidão ao meu orientador Rafael Ferreira, pela persistência e paciência ao longo deste processo.

Agradeço imensamente aos meus familiares, que me apoiaram e ajudaram a equilibrar as demandas da vida, e à minha filha, fonte constante de orgulho e inspiração.

Chegar até aqui é motivo de grande gratidão, e poder compartilhar esta publicação e contribuir com a pesquisa na área da educação de crianças surdas é uma verdadeira honra.

Espero que este estudo possa servir de inspiração, assim como me inspirei nas palavras de Guilherme Nichols, ao afirmar que toda criança é digna de amor e proteção, fomentando seu crescimento físico e psicológico. Acrescento que toda criança merece ter acesso à sua língua natural, que não deve ser imposta, mas sim respeitada e cultivada em seu ambiente de convívio.

Às crianças surdas, desejo que tenham seu direito à língua de sinais assegurado, apesar das diversas violações linguísticas perpetradas por aqueles que negligenciam a cultura surda. A língua de sinais é um meio de amor, proteção e aprendizado para as pessoas surdas, e acredito que a literatura em língua de sinais, quando explorada e potencializada por meio dos recursos artísticos da Libras, pode servir como uma ponte didática para o encontro entre culturas. Nesse sentido, a literatura se torna uma valiosa aliada no desenvolvimento das nossas crianças surdas.

Espero que esta pesquisa seja bem recebida e que possa servir de base para muitos estudos futuros no Brasil.

A língua, além de ser o principal veículo de comunicação, é também o mais importante meio de identificação do indivíduo com sua cultura e o suporte do conhecimento da realidade que nos circunda. O problema das minorias linguísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação da língua materna, mas, sobretudo, a privação de sua identidade cultural (BRITO, 1995).

## RESUMO

A motivação para esta pesquisa é o meu desejo de apresentar a minha realidade, que, inclusive, não é a realidade de todo surdo. Vou falar da importância da Língua de Sinais Brasileira (Libras) como fator identitário-cultural para a comunidade surda brasileira. Segundo o IBGE, no Brasil há mais de 10 milhões de surdos, dos quais, se considerada a população com mais de 5 anos, apenas 22,4% sabem Libras. Diante dessa difícil realidade, que envolve educação básica, família, acessibilidade e políticas linguísticas, que influenciam diretamente a vida de um povo que depende de políticas públicas para se desenvolver, ter autonomia e ocupar seu espaço na sociedade, a minha intenção com esta pesquisa é propor uma tradução de um livro infantil escrito em português para a Libras, no gênero textual contação de histórias, que explora profundamente a Libras, valorizando o seu caráter visual-espacial, através desse registro sociolinguístico importante para a alfabetização e o letramento do povo surdo, fomentando a valorização da sua identidade e da sua cultura. Para chegar à proposta de tradução, traço um percurso crescente, apresentando pesquisas realizadas sobre aspectos educacionais, culturais e tradutológicos dos Estudos Surdos. Depois, traço um perfil histórico da educação de crianças surdas no Brasil. Então, abordo a cultura surda, especificamente a literatura, quando trato de literatura infantil, literatura sinalizada e literatura surda. Abordo os Estudos da Tradução, em que falo das especificidades da tradução intermodal, mais especificamente de estratégias de interpretação/tradução em Libras para crianças no gênero contação de história, valorizando a gramática de língua de sinais e seus elementos peculiares. Apresento, então, a proposta de tradução, que é o cerne do trabalho, fazendo comentários e retomando o referencial teórico.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução; Estudos Surdos; tradução intermodal; contação de histórias.



## ABSTRACT

The motivation for this research is my desire to present my reality, which is not the reality of every deaf person. I will talk about the importance of the Brazilian Sign Language (Libras) as a cultural identity factor for the Brazilian deaf community. According to IBGE, in Brazil there are more than 10 million deaf people, of which, considering the population over 5 years of age, only 22.4% know Libras. Faced with this difficult reality, which involves basic education, family, accessibility and language policies, which directly influence the life of people who depend on public policies to develop, have autonomy and occupy their space in society, my intention with this research is to propose a translation of a children's book written in Portuguese into Libras, in the textual genre storytelling, which deeply explores Libras, valuing its visual-spatial characteristics, through this important sociolinguistic register for the literacy of deaf people, encouraging the appreciation of their identity and culture. To achieve the translation proposal, I trace a growing path, presenting research carried out on educational, cultural and translational aspects of Deaf Studies. Then, I trace a historical profile of the education of deaf children in Brazil. So, I approach deaf culture, specifically literature, when I deal with children's literature, signed literature and deaf literature. I approach Translation Studies, in which I talk about the specifics of Intermodal Translation, more specifically about interpretation/translation strategies in Libras for children in the storytelling genre, valuing the grammar of sign language and its peculiar elements. I then present the translation proposal, which is the core of the work, making comments relating back to the theoretical framework.

**Keywords:** Translation Studies; Deaf Studies; intermodal translation; storytelling.

## LISTA DE FIGURAS

|             |  |     |
|-------------|--|-----|
| Figura 1 –  | 1 e 2: Galinha em mímica; 3 e 4: Galinha em Libras ..... | 14  |
| Figura 2 –  | A porta trancada .....                                   | 34  |
| Figura 3 –  | A oração .....   | 35  |
| Figura 4 –  | O bigode .....   | 35  |
| Figura 5 –  | O olho e a mão .....                                     | 37  |
| Figura 6 –  | Capa do livro “Enquanto Seu Lobo não vem” .....          | 79  |
| Figura 7 –  | Primeira página do livro .....                           | 81  |
| Figura 8 –  | Segunda página do livro .....                            | 82  |
| Figura 9 –  | Terceira página do livro .....                           | 84  |
| Figura 10 – | Quarta página do livro .....                             | 85  |
| Figura 11 – | Quinta página do livro .....                             | 87  |
| Figura 12 – | Sexta página do livro .....                              | 88  |
| Figura 13 – | Sétima página do livro .....                             | 89  |
| Figura 14 – | Oitava página do livro .....                             | 90  |
| Figura 15 – | Nona página do livro .....                               | 91  |
| Figura 16 – | Décima página do livro .....                             | 92  |
| Figura 17 – | Décima primeira página do livro .....                    | 94  |
| Figura 18 – | Décima segunda página do livro .....                     | 95  |
| Figura 19 – | Décima terceira página do livro .....                    | 96  |
| Figura 20 – | Décima quarta página do livro .....                      | 97  |
| Figura 21 – | Décima quinta página do livro .....                      | 98  |
| Figura 22 – | Décima sexta página do livro .....                       | 100 |
| Figura 23 – | Décima sétima página do livro .....                      | 101 |
| Figura 24 – | Décima oitava página do livro .....                      | 102 |
| Figura 25 – | Décima nona página do livro .....                        | 103 |
| Figura 26 – | Vigésima página do livro .....                           | 104 |
| Figura 27 – | Vigésima primeira página do livro .....                  | 106 |

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1 – Português sinalizado .....                             | 40 |
| Quadro 2 – Libras .....   | 41 |
| Quadro 3 – Tradutor-ator .....                                    | 44 |
| Quadro 4 – Frase em português.....                                | 47 |
| Quadro 5 – Frase em português sinalizado.....                     | 47 |
| Quadro 6 – Tradução em Libras .....                               | 47 |
| Quadro 7 – (Galinha – Corporal) .....                             | 50 |
| Quadro 8 – Sinal da Libras .....                                  | 58 |
| Quadro 9 – Sinal do antropomorfismo.....                          | 58 |
| Quadro 10 – Xícara falante .....                                  | 58 |
| Quadro 11 – Olá, sou xícara.....                                  | 59 |
| Quadro 12 – Frase em Libras.....                                  | 59 |
| Quadro 13 – Tradução de incorporação .....                        | 60 |
| Quadro 14 – Sinal de Classificador-Ação .....                     | 61 |
| Quadro 15 – Sinal em Libras .....                                 | 62 |
| Quadro 16 – Sinal do classificador .....                          | 62 |
| Quadro 17 – Sinal em Libras .....                                 | 63 |
| Quadro 18 – Sinal do classificador .....                          | 63 |
| Quadro 19 – Velocidade.....                                       | 65 |
| Quadro 20 – Expressão, velocidade e espacial.....                 | 66 |
| Quadro 21 – Frase em Libras.....                                  | 67 |
| Quadro 22 – Frase de uma estrutura gramatical.....                | 68 |
| Quadro 23 – Frase em Libras sem expressão facial e corporal ..... | 69 |
| Quadro 24 – Frase em Libras com expressão facial e corporal.....  | 69 |
| Quadro 25 – Sinal em Libras .....                                 | 70 |
| Quadro 26 – Frase com expressão facial e corporal .....           | 70 |
| Quadro 27 – Tradução de imagens.....                              | 71 |
| Quadro 28 – Sinal do classificador .....                          | 73 |
| Quadro 29 – Sinal do visual vernacular .....                      | 73 |
| Quadro 30 – Soletração de onomatopeia.....                        | 76 |

## SUMÁRIO

|        |   |     |
|--------|---|-----|
| 1      | INTRODUÇÃO .....  | 12  |
| 2      | ESTADO DA ARTE DE ESTUDOS SURDOS E TRADUÇÃO NO BRASIL...                    | 20  |
| 3      | OS DESAFIOS DOS SURDOS NA ESCOLA .....                                      | 25  |
| 4      | CULTURA SURDA .....   | 32  |
| 4.1    | Literatura surda .....  | 38  |
| 5      | TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL NO PAR PORTUGUÊS-<br>LIBRAS .....           | 40  |
| 5.1    | O papel do professor/intérprete nas escolas.....                            | 48  |
| 5.2    | O papel do contador de histórias .....                                      | 50  |
| 5.3    | Estratégias de interpretação em Libras para crianças .....                  | 56  |
| 5.3.1  | <i>Antropomorfismo</i> .....  | 57  |
| 5.3.2  | <i>Incorporação</i> .....   | 59  |
| 5.3.3  | <i>Classificadores</i> .....  | 60  |
| 5.3.4  | <i>Efeito visual e espacial</i> .....                                       | 65  |
| 5.3.5  | <i>Estrutura gramatical</i> .....   | 67  |
| 5.3.6  | <i>Expressão facial/corporal</i> .....                                      | 68  |
| 5.3.7  | <i>Imagem visual</i> .....  | 70  |
| 5.3.8  | <i>Visual vernacular</i> .....  | 72  |
| 5.3.9  | <i>Sinais simetria</i> .....  | 74  |
| 5.3.10 | <i>Onomatopeia</i> .....  | 74  |
| 6      | PROPOSTA DE TRADUÇÃO DO LIVRO INFANTIL “ENQUANTO SEU<br>LOBO NÃO VEM” ..... | 78  |
| 7      | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 110 |
|        | REFERÊNCIAS .....   | 112 |
|        | ANEXO A – LIVRO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA .....                             | 116 |
|        | ANEXO B – ENTREVISTA COM A AUTORA E ILUSTRADORA<br>SILVANA RANDO .....      | 121 |

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é um texto escrito em língua portuguesa, mas com bastante influência da Língua Brasileira de Sinais, a Libras. Não estranhem se houver muitas retomadas de assunto, por exemplo, e outras estratégias de enunciação e referenciação, mas é para atender também aos pesquisadores surdos que lerão este trabalho.

A motivação para esta pesquisa é o meu desejo de apresentar a minha realidade, que, inclusive, não é a realidade de todo surdo. Vou falar da importância da Língua de Sinais Brasileira (Libras) como fator identitário-cultural para a comunidade surda brasileira. Segundo o IBGE, no Brasil há mais de 10 milhões de surdos, dos quais, se considerada a população com mais de 5 anos, apenas 22,4% sabem libras.

Eu acredito que o tema Libras não seja novidade para o brasileiro médio, porque já viram interpretação na TV, principalmente durante a pandemia, quando foram realizadas muitas *lives* com janela de Libras. Um outro momento de destaque da Libras foi quando “Educação de Surdos” foi tema da redação do ENEM, em 2017. As redes sociais e outras mídias também ajudam a divulgar a Libras de maneira mais rápida e de fácil acesso. Pode-se também encontrar Libras nas igrejas em que há intérpretes e lugares em que haja a presença da comunidade surda, como associações ou escolas.

Há mais de 20 anos, a Lei 10.436/2002, conhecida como Lei da Libras, foi criada com o propósito de reconhecer a língua de sinais como L1 oficial da comunidade surda, e foi a partir desse dia que tudo passou a melhorar na sociedade para o surdo, pois, quando foi oficializada a lei, houve mudanças na sociedade. A primeira mudança foi a implementação de cursos de Libras para servidores públicos com o intuito de melhor comunicação com pessoas surdas. Logo em seguida, foi um avanço enorme a aceitação de surdos para trabalharem como instrutores de Libras. O MEC os reconhecia como técnicos, mesmo que na época muitos tivessem graduação. Cabe lembrar também que o processo de implementação de intérpretes de Libras nas escolas regulares representou uma mudança positiva na vida dos surdos, pois muitos voltaram a estudar com o objetivo de concluir o Ensino Fundamental e Médio.

Dessa forma, pode-se afirmar que, em comparação entre o período que se deu antes da efetivação da Lei e o período depois, agora está muito melhor do que antes. A lei é proposta da seguinte forma:

Art. 1º: É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Primeiramente, começamos com a noção de pessoa surda. No dicionário, há a seguinte definição: “que ou quem não ouve ou ouve pouco, não tem ou perdeu a audição” (HOUAISS, 2009, p. 1794). A população ouvinte está acostumada a ouvir todo tipo de som de modo contínuo, sejam os sons domésticos, urbanos, da natureza etc. Para os ouvintes, as informações chegam de forma mais rápida por causa dos sons. Já para o surdo, as informações são perdidas, e com isso o seu desenvolvimento é atrasado, se for feita uma comparação.

Como o surdo pode se desenvolver então? A solução é bem simples: as orelhas são substituídas pelos olhos e a boca, pelas mãos. Ou seja, os olhos passam a escutar e as mãos, a falar. O surdo passa a ter uma forma de comunicação diferente chamada de visual-motora, assim como os ouvintes já são acostumados com o seu sistema áudio-oral.

É comum, também, muitas pessoas pensarem que usar o visual-espacial significa se comunicar por meio de mímica, gestos e pantomimas. Porém, o surdo tem uma língua própria, na qual ele pode expressar: opinião, ideia, o abstrato, críticas; ou seja, da mesma forma que a comunicação oral se dá por meio da fala, assim também a língua de sinais pode expressar qualquer sentimento ou pensamento usando as mãos, podendo passar uma mesma informação que é dita na língua falada. Gesser (2009) define Libras da seguinte maneira:

A Língua Brasileira de Sinais – Libras é uma língua de modalidade viso-espacial com gramática própria e falada como língua materna pelos surdos brasileiros. Portanto, a Libras contém morfologia, sintaxe, fonologia, semântica, pragmática, expressões idiomáticas, regionalismos, gírias, etc., tudo o que há nas línguas orais como o português, por exemplo.

Sobre isso, Quadros e Karnopp (2007, p. 30) acrescentam:

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema lingüístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

A língua natural para surdos é, portanto, a língua de sinais, por causa do seu caráter visual-espacial. Com ela, conseguem perfeitamente se expressar e se comunicar. Mas não é só isso, pois os surdos, ao terem contato com a língua sinalizada, passam a compreendê-la como sua L1 natural. As pessoas surdas se sentem mais confortáveis com a comunicação em língua de sinais, pois, como já foi dito, não possuem audição. Para os ouvintes, é totalmente possível usar as duas línguas (oral e sinalizada), porque eles tanto podem usar o

sistema áudio-oral como o visual-espacial. Ou seja, os ouvintes podem aprender a língua de sinais e se comunicar com as pessoas surdas.

No Brasil, os universitários dos cursos de Licenciatura precisam aprender a Libras como L2. Tal fato se dá pelo Decreto Federal 5.626/2005, que obriga a implementação da disciplina de Libras em todas as universidades visando à comunicação entre a comunidade ouvinte e surda e suas culturas. Dessa forma, o preconceito, o medo e a vergonha, por parte dos ouvintes, diminuí significativamente. O Decreto Federal 5.626/2005 estabelece as seguintes normas:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

A partir desse decreto, que, pela primeira vez, insere de modo obrigatório a Libras na comunidade predominantemente ouvinte, quebram-se muitas ideias errôneas sobre a Libras e a comunidade surda, como a confusão entre Libras e mímicas/gestos/pantomimas. Gesser (2009, p. 22) afirma que:

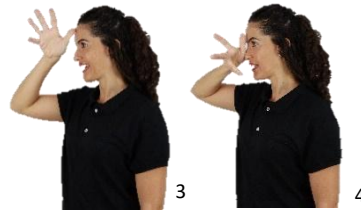
[...] a língua de sinais tem todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural. É necessário que nós, indivíduos de uma cultura de língua oral, entendamos que o canal comunicativo diferente (visual-gestual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais.

As mímicas/gestos/pantomimas são tipos de linguagens que trazem um significado para as pessoas entenderem uma mensagem curta e direta, assim como placas de trânsito, desenhos e expressões artísticas, diferente da língua de sinais, que apresenta a mesma complexidade e composição de uma língua falada. Por isso, o surdo precisa realmente aprender a língua de sinais para conseguir se comunicar, pois não é algo criado ou inventado no momento da conversa. No exemplo da Figura 1, conseguimos perceber que há uma diferença.

Figura 1 – 1 e 2: Galinha em mímica; 3 e 4: Galinha em Libras



### Galinha em Mímica



Galinha em Libras

Fonte: Elaborada pela autora.

O surdo, ao viver em sociedade, depara-se com a realidade de que a maioria das pessoas é ouvinte. Com isso, encontra-se em um dilema: como estabelecer comunicação? Assim, entende que a comunicação ocorrerá por meio de mímica ou gestos. As pessoas comumente confundem as definições e conceitos a partir da comunicabilidade que está usando e acredita (na maioria das vezes) que está utilizando a Libras, pois muitos acreditam que é um tipo de linguagem que se utiliza de mímicas e gestos e, preconceituosamente, julgam que só mexer os braços e as mãos basta, mas o uso desse tipo de linguagem é muito limitado por não ter estrutura linguística, podendo apenas ser considerado um possível auxílio em uma comunicação simples. Tal prática, portanto, é incapaz de substituir uma língua de sinais, pois não possibilita dizer seu nome, citar um sistema abstrato, agir formalmente, expressar sentimentos, dialogar, falar sobre negócios, entre outras situações do cotidiano.

A realidade da comunidade surda, porém, como dito anteriormente, não goza totalmente do domínio da Língua de Sinais Brasileira, sendo menos de  $\frac{1}{4}$  da população surda a saber Libras. Os surdos no Brasil vivem realidades diferentes, e cada comunidade com presença de surdos se utiliza de diversas formas visuais para melhor se expressar, como mímicas somadas a sinais caseiros, códigos combinados e também Libras. Ou seja, cada surdo traz consigo experiências visuais próprias ou não.

As comunidades surdas usam a língua de sinais de acordo com as suas experiências visuais, em que vivem e ressignificam as formas, imagens, cores, características de pessoas, animais, ações e tudo o que está guardado em suas memórias visuais. Quando sinalizam, eles entendem o que está acontecendo e podem manifestar, assim, suas falas. Segundo Strobel (2013), a experiência visual é o que constitui os surdos como indivíduos que percebem o mundo através de seus olhos.

A experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total da audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de



conhecer o mundo, e de entrar nas artes, conhecimento científico e acadêmico. (STROBEL, 2013, p. 45).

A experiência visual surgiu naturalmente dentro da cultura surda. Tal fato se dá pela necessidade de adaptação às mudanças em relação à convivência vivenciadas diariamente, uma vez que a maioria dos surdos vive em meio a barreiras por causa da diferença cultural. Posso citar o exemplo de quando acontece um *show*. Por dificilmente contratarem intérpretes de Libras, os surdos acabam não os frequentando, pois não têm como saber o contexto das músicas, além de outras dificuldades. Muitas vezes, a única alternativa é copiar os ouvintes ou tentar acompanhá-los. Recentemente, houve muitas *lives* durante a pandemia. Notou-se que os cantores se preocuparam com o público surdo e houve a participação de intérpretes de Libras. A comunidade surda, por sua vez, ficou bastante satisfeita, pois os surdos não precisavam mais imitar os ouvintes. Com a inserção dos intérpretes, ficou mais fácil acompanhar o ritmo e entender as letras, perceber o tipo de música e reconhecer, assim, o mundo da música. Este foi apenas um exemplo que retrata um pequeno passo que pode mudar a vida dos surdos no reconhecimento linguístico musical.

Outra situação de experiência visual é a realidade dos hospitais e/ou clínicas, onde surdos precisam ficar sempre atentos à chamada de seus nomes, observando o movimento da boca dos funcionários, aguardando sua vez para o atendimento. A mesma situação não acontece com ouvintes, pois o fator da espera pela chamada de seu nome não os preocupa. Situações como essas citadas exemplificam de forma bastante superficial algumas diferenças entre situações vividas por surdos e ouvintes.

Define-se comunidade surda como grupo de pessoas em que há pessoas surdas, famílias de pessoas surdas, professores bilíngues, intérpretes e alunos de línguas de sinais. Tais indivíduos são considerados agentes ativos de uma comunidade surda, pois é onde se usa a língua de sinais, onde se convive diretamente com a cultura surda e há frequentes encontros com o objetivo de trocar ideias acerca da cultura surda.

Dentro desse contexto, o objetivo desta dissertação é lançar uma proposta de tradução que explore e valorize os aspectos culturais e identitários da comunidade surda brasileira, como um subsídio de fomento à autonomia por meio da proficiência linguístico-cultural do indivíduo.

Como o produto final desta pesquisa é um texto visuoespacial no gênero contação de histórias infantis, trago a citação de Santos (2016, p. 17) que afirma que “Tratar da literatura surda envolve a discussão de, pelo menos, três aspectos principais: a identidade surda, a cultura surda e a língua de sinais como elementos constitutivos para o aparecimento

de uma literatura surda”, justificando o percurso de método epistemológico que proponho, que culmina na reflexão sobre a importância da proficiência em Libras por parte dos surdos (e de seus formadores) para a maior autonomia do indivíduo. Karnopp (2008, p. 15) completa afirmando que a literatura “reconta a experiência das pessoas surdas, no que diz respeito, direta ou indiretamente, à relação entre as pessoas surdas e ouvintes, que são narradas como relações conflituosas, benevolentes, de aceitação ou de opressão do surdo”.

Corroborando esse assunto, Lorenzetti (2013, p. 2) afirma que:

É por meio das linguagens presentes no universo que o homem se humaniza, elabora ideias, pensamentos, amplia interações, apropria-se de discursos que circulam na sociedade, cria, recria e organiza um mundo que não é somente feito de projeções e representações individualizadas por meio da língua, mas fruto de práticas sócio-interativas. É através da língua que as pessoas, de diferentes maneiras e formas, se relacionam e esta só existe em função do uso de seus locutores e interlocutores em situações concretas de comunicação. E, é nesse exercício de interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros que a experiência discursiva de qualquer pessoa se forma e a comunicação acontece.

Embora o texto *corpus* da pesquisa não seja um texto originalmente em língua de sinais, isso não é relevante, pois nosso foco é a tradução, que abordará elementos linguísticos repletos de identidade e cultura, manifestados por meio das estratégias da Libras no gênero contação de histórias, que serão vistas no capítulo 5, o qual trata da tradução propriamente dita.

Retomando, a comunidade surda vivencia a sua cultura natural, que vem de um referencial visual e produz diversos artefatos culturais, os quais podem ser linguísticos, familiares, literários, sociais, esportivos, artísticos, políticos. Strobel (2013, p. 22) define da seguinte maneira: “A ‘cultura surda’ é o jeito pelo qual o sujeito surdo entende o mundo e o modifica a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas”.

Ainda há um outro conceito em relação aos surdos, diferente de comunidade surda, que é o que Strobel (2013, p. 38) define como “povo surdo”:

Quando pronunciamos ‘povo surdo’, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços (STROBEL, 2013, p. 38).

Sobre o contexto histórico da cultura, Strobel (2013) nos pergunta: “os surdos têm cultura?”. E assim são traçadas as primeiras linhas para a apresentação dos surdos como grupo cultural minoritário. Dessa maneira, a cultura surda é definida como:

O jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2013, p. 29).

A cultura surda é a base de entendimento para melhor entender quem são as pessoas surdas e compreender, ainda, a sua comunidade. É necessário salientar que todas as pessoas surdas são diferentes, visto que os seus conhecimentos e desenvolvimento dependerão de vários aspectos, como nível educacional, social, financeiro, incentivo familiar, residência rural ou urbana, dentre outros. Tais aspectos caracterizam-se como identidade surda.

É de suma importância conhecer as identidades surdas, pois, como já dito, são diferentes, visto que os índices de educação brasileira para surdos são muito insuficientes. Tal circunstância se dá pela falta de políticas públicas; dentre infinitas deficiências, não há investimento em inclusão de Libras na escola. Com isso, há uma enorme lacuna quando se trata de didáticas próprias da cultura surda, o que leva, muitas vezes, a família a decidir por não matricular os filhos na escola, para protegê-los de exclusão e *bullying*, impedindo-os de crescer educacionalmente e, gerando, assim, adultos não alfabetizados.

Como é possível perceber, a falta de metodologia especializada acarreta diversos pontos negativos em relação à construção da identidade surda. Nota-se, então, que, com o passar dos anos, apareceram diversos surdos com características culturais e identidades diferentes, seja por causa da comunicação sinalizada e/ou oralizada, ou por outros aspectos. Porém, todos têm em comum a experiência visual. Segundo Perlin (1998, p. 54), a identidade surda pode ser explicada da seguinte forma:

Para identificar a marca 'surdo' que apresentamos, preciso aproximar o que é fácil entender por sujeito surdo. É uma marca que identifica nós os surdos em crescente posição de termos próprios no interesse de gerar poder 'para si e para os outros'. Os surdos são surdos em relação à experiência visual e longe da experiência auditiva (PERLIN, 1998, p. 54).

Diante dessa difícil realidade, que envolve educação básica, família, acessibilidade e políticas linguísticas, que influenciam diretamente a vida de um povo que depende de políticas públicas para se desenvolver, ter autonomia e ocupar seu espaço na sociedade, a minha intenção com esta pesquisa é propor uma tradução de um livro infantil escrito em português para a Libras, no gênero textual contação de histórias, que explora profundamente a Libras, valorizando o seu caráter visual-espacial, através desse registro sociolinguístico importante para a alfabetização e o letramento do povo surdo, fomentando a valorização da sua identidade e da sua cultura.

Para chegar à proposta de tradução, farei um percurso crescente. Começarei com o capítulo 2, que será um Estado da Arte, apresentando pesquisas realizadas sobre aspectos educacionais, culturais e tradutológicos dos Estudos Surdos. Depois, traçarei, no capítulo 3, um perfil histórico da educação de surdos no Brasil. Então, no capítulo 4, abordarei a cultura surda, especificamente a literatura, quando falarei sobre literatura infantil, literatura sinalizada e literatura surda. No capítulo 5, abordarei os Estudos da Tradução, em que falarei das especificidades da Tradução Intermodal, mais especificamente de estratégias de interpretação/tradução em Libras para crianças no gênero contação de história, valorizando a gramática de língua de sinais e seus elementos peculiares, como já citado anteriormente. Como explicitado no título da dissertação, o texto-fonte é “Enquanto Seu Lobo não vem”, de Silvana Rando, publicado pela editora Leiturinha, especializada em literatura infantil. No capítulo 6, apresentarei a proposta de tradução, que é o cerne do trabalho, fazendo comentários e retomando o referencial teórico. Encerro a dissertação com as considerações finais e as referências.

Passemos ao estado da arte.

## 2 ESTADO DA ARTE DE ESTUDOS SURDOS E TRADUÇÃO NO BRASIL

Ferreira (2002, p. 257) afirma que pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” tratam da produção acadêmica recente para mapear a pesquisa sobre determinado assunto e apontar o caminho para novas discussões:

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares.

O olhar sobre a Libras dentro dos Estudos da Tradução ainda é significativamente recente, porém a área já conta com diversas produções bibliográficas, como trabalhos de conclusão de curso (TCC) de graduação e de pós-graduação, artigos científicos e capítulos de livros, que não tratam somente do processo de interpretação propriamente dito, mas da língua de sinais como expoente importante da cultura de uma comunidade.

Para podermos situar a nossa pesquisa dentro do contexto acadêmico em que transitam os Estudos da Tradução e da Interpretação e os Estudos Surdos, selecionamos alguns trabalhos de conclusão de curso de diferentes níveis de formação, de diversas universidades brasileiras, e também artigos científicos que nos últimos 10 anos abordaram a questão da Libras como elemento fundamental da expressão e, por conseguinte, da autonomia do surdo.

O primeiro trabalho é um TCC de graduação de 2013, da autoria de Danielle Gomes da Rosa, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e se intitula “Educação e surdez – em defesa da língua de sinais para a inclusão social dos surdos”. O resumo diz:

O objetivo do presente trabalho é abordar a importância da Língua de Sinais para a inclusão social do surdo, considerando como referenciais teóricos as concepções sócio-históricas e culturais de Vygotsky e a educação bilíngue para surdos, que entende a língua de sinais como primeira língua, reconhecida como natural para esses sujeitos e a língua portuguesa como segunda língua (ROSA, 2013, p. 5).

Selecionamos também um TCC de graduação de 2016, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), de Roberta dos Santos Oliveira, intitulado “A criança surda e a escola: condições e contradições no ambiente escolar para efetivar a inclusão”. O estudo revela a necessidade de se investir em capacitação profissional, assim como em medidas que promovam a articulação entre professores especialistas e docentes da classe comum.

O TCC de graduação “A trajetória e os desafios do tradutor intérprete de Libras na educação de surdos”, de Jaderson Pires dos Santos Vasconcelos, apresentado no Instituto Nacional de Educação de Surdos, em 2017:

[...] refletiu sobre a educação de surdos e a atuação do profissional intérprete tradutor de libras. Para tal reflexão tivemos como objetivos: compreender as propostas pedagógicas inseridas no contexto da história da educação de surdos; analisar o processo de construção da atuação do profissional tradutor intérprete; refletir sobre a educação bilíngue e o papel do profissional tradutor intérprete no atual processo de inclusão educacional (VASCONCELOS, 2017, p. 8)

O TCC de graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), de 2018, de Joana Bonato Melegari, intitulado “Análise Curricular da Disciplina de Libras como L2 no Ensino Superior”:

[...] analisou a disciplina obrigatória de Língua Brasileira de Sinais (Libras) dos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Paraná (UFPR), campus Curitiba, com uma investigação de cunho bibliográfico-documental dividida em duas etapas: 1) Seleção dos documentos oficiais que regulamentam a Libras como língua no Brasil (Lei de Nº 10.436/2002) e como uma disciplina obrigatória (Decreto de Nº 5.626/2005). 2) Levantamento dos documentos no site da universidade investigada. [...] As referências bibliográficas apontam para uma visão socioantropológica da linguagem. Conclui-se que: [...] b) a disposição da grade curricular não incentiva os futuros docentes a terem experiências práticas com alunos surdos; c) a posição teórica apresentada vai ao encontro da perspectiva defendida pela cultura surda (bilinguismo); d) a quantidade de horas dedicadas ao ensino de uma segunda língua, sessenta horas, é insuficiente para atender um alunado surdo, bem como à ministração dos conteúdos relacionados à Cultura Surda (ensino de língua sinalizada, história e cultura) (MELEGARI, 2018).

O TCC de graduação de Vanessa Mendes Fernandes (2018), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), intitulado “A importância da comunicação em Libras para o surdo brasileiro”, analisa:

[...] a importância da Libras no processo de comunicação entre o surdo e a sociedade, tendo em vista a importância da inclusão social dos surdos como garantia de seus direitos. [...] Desse modo, foi possível perceber que a utilização da Libras deve ser cada vez mais incentivada na sociedade e não utilizada apenas nas instituições escolares, pois [...] possibilita ao surdo interagir com o meio em que vive, construir e firmar sua identidade, colaborando ainda para a melhoria da qualidade de vida da população surda do país, além de assegurar-lhes os direitos como cidadão e o respeito às diferenças (FERNANDES, 2018, p. 9).

A dissertação “Literatura surda e letramento visual: a criação de uma história infantil e de material didático bilíngue para surdos” (2017), da Universidade Federal Fluminense (UFF), de Jeanie Liza Marques Ferraz de Macedo, teve:

[...] objetivo principal a criação de uma história infantil e material didático bilíngue para o desenvolvimento de letramento visual em crianças surdas. Baseados na experiência da autora e em pesquisa bibliográfica sobre o tema percebeu-se a

pequena existência de materiais didáticos apropriados para o letramento de surdos. [...] Os objetivos específicos envolveram estudos sobre aquisição de linguagem (GOLDFELD, 2002), importância da Libras, aprendizado da Língua Portuguesa (KARNOPP e PEREIRA, 2012), Letramento Visual (LEBEDEFF, 2010);(CAMPELLO, 2008), literatura infantil (PAIVA e OLIVEIRA, 2010; CADEMARTORI, 2010 literatura surda (ROSA, 2006; MOURÃO,2011) que serviram de base teórica para a criação da história e de todo o material. Todo o desenvolvimento do trabalho se baseia em uma perspectiva de letramento visual de alunos surdos com a intenção de pesquisa e oferta de um material que possa favorecer o acesso dos surdos à educação, assim como o estímulo ao desenvolvimento cognitivo, linguístico e social da criança surda. Produto: livro de história infantil com DVD bilíngue e cartelas com imagens e escrita de vocabulário e frases para o letramento visual de crianças surdas (MACEDO, 2017, p. 16).

O TCC de graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG), “Literatura e Libras: a contação de histórias como apoio no processo humanizador de crianças surdas”, de Juliana Prudente Santana do Valle (2017), relata:

[...] como a Contação de Histórias pode auxiliar no processo humanizador de crianças surdas. [...] Apesar das distinções entre contar histórias para surdos e ouvintes, essa atividade demonstra o quão profícua pode se tornar a leitura literária que proporciona um meio inclusivo e socializador de forma agradável e divertida (VALLE, 2017, p. 1).

O TCC de graduação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) de Iara Bezerra da Silva (2021), intitulado “A contação de histórias na perspectiva bilíngue para aquisição de leitura em Libras pelo surdo: análises de dissertações no contexto brasileiro”, analisa:

[...] três dissertações que versam sobre [...] a contação de histórias, e que se enquadraram no critério de pesquisa. [...] Por meio dos resultados obtidos nesta pesquisa, constatamos que a contação de história proporciona o desenvolvimento da compreensão leitora, bem, como a aquisição em Libras, de alunos surdos e dos demais estudantes que são ouvintes. Contudo, para isso, é necessário que o docente tenha conhecimentos que favoreçam a seleção do texto, os recursos humanos e materiais necessários, selecione adequadamente o espaço da contação e busque parcerias para a mediação da contação de histórias (como o Tradutor Intérprete da Libras, professores surdos e/ou o docente do Atendimento Educacional Especializado) (SILVA, 2021, p. 11).

A dissertação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) de Celina Nair Xavier Neta (2017), intitulada “Senta, que lá vem a história! Representações de docentes sobre a Hora do Conto em Língua Brasileira de Sinais”, tem como objetivo:

[...] identificar as representações das professoras sobre a Hora do Conto e estabelecer relações entre o referencial teórico existente sobre a contação de histórias, na modalidade oral, com as práticas de contação de histórias infantis sinalizadas, realizadas em escolas de surdos. Inserida na linha de pesquisa dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos Surdos, fundamenta-se esta pesquisa principalmente nas contribuições de Hall (2016), Costa, Silveira e Sommer (2003), Karnopp (2005), Hunt (2010), Colomer (2007) e Sisto (2001). [...] A investigação ressalta a importância do trabalho com a literatura como artefato cultural e estético e

destaca as contribuições da contação de histórias em Libras para os alunos surdos (XAVIER NETA, 2017, p. 8).

O artigo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) de Neiva de Aquino Albres, Mairla P. P. Costa e Harrison G. Adams (2018), intitulado “Contar um conto com encantamento: a construção de sentidos e efeitos da tradução para Libras”, fala:

Traduções para língua brasileira de sinais – Libras vem gradativamente sendo publicadas no Brasil na medida em que os usuários da Libras estão presentes em diversos espaços e requerem materiais didáticos, acadêmicos ou literários em Libras (ALBRES, 2012, 2014a). Bem como em função das políticas de acessibilidade mediante a luta pelos direitos linguísticos (BRITO, 2013), que garantem o direito ao acesso à cultura e educação por meio de sua língua. Os textos produzidos para língua sinalizada são produzidos basicamente em formato midiático, sendo que esse tipo de texto requer do tradutor a utilização de estratégias específicas, diferentes daquelas utilizadas em traduções de línguas orais produzidas apenas em formato escrito (ALBRES; COSTA; ADAMS, 2018, p. 89).

A dissertação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) de Guilherme Nichols (2016), intitulada “Literatura Surda: além da Língua de Sinais”, traz:

Muitas crianças surdas convivem, na maior parte do tempo, com família e amigos ouvintes e, portanto, têm pouco acesso à literatura infantil. A escola é um dos poucos espaços onde a criança tem oportunidade desse contato com a Literatura Surda. Acredito que os resultados desta pesquisa podem servir de apoio para diversas editoras, tradutores de língua sinais, leitores para as crianças surdas, entre outros, que se propõem a organizar formas de contação de histórias para crianças surdas e levam em conta a real necessidade desses materiais (NICHOLS, 2016, p. 18).

Sutton-Spence (2021), no artigo “Literatura Surda original para crianças pequenas”, da revista *Espaço*, explicou o seguinte:

A literatura surda em Libras faz parte da cultura surda e da identidade dos surdos, e as crianças surdas devem conhecer essa cultura para desenvolver suas identidades. Existem traduções em Libras de outras histórias, mas além destas, a experiência das crianças deve incluir narrativas de literatura infantil originais, criadas e contadas pelos próprios surdos. Atualmente, exemplos desse gênero são muito escassos. Neste artigo, defendo que a literatura surda original para crianças pequenas que se inserem no contexto escolar da educação infantil na fase de alfabetização emergente é fundamental para a identidade surda e o letramento do ser surdo, e mostro como essas narrativas podem ser produzidas.

A tese da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) de Cláudio Henrique Nunes Mourão (2016), intitulada “Literatura surda: experiência das mãos literárias”, analisa:

[...] a experiência de surdos com a Literatura Surda, e como sua trajetória influenciou sua constituição como produtor de literatura. [...] Nos resultados das análises, destaco a forma como os entrevistados utilizam o conceito de Literatura Surda e Literatura em Língua de Sinais, com evidência de utilização das mãos literárias entre os surdos em encontros, festivais e escolas residenciais. As experiências dos entrevistados ocorreram por meio de sua formação literária, que



foram sendo absorvidas pela sua identificação cultural e pertencimento à comunidade surda. Por fim o papel da Literatura Surda é narrado como uma forma de compartilhamento em diferentes espaços, tanto em ambientes formais quanto informais, com um público diversificado (MOURÃO, 2016, p. 8).

O último trabalho que trazemos para esta seção é o artigo “Literatura Surda: análise de um conto infantil à luz da tradução intercultural e intermodal”, da revista *Cadernos de Tradução*, escrito por Lyvia de Araújo Cruz, Michelle Arrais Guedes e Andrea Michiles Lemos (2021), que analisa:

[...] a tradução do conto, comparando-a a uma nova proposta tradutória desenvolvida por nós, proposta esta que considera as estratégias de uma tradução intermodal e intercultural. [...] Quanto aos pressupostos teóricos, lançamos mão das noções de Literatura Surda apresentadas por Karnopp, Sutton-Spence e Silveira e trabalhamos com os aportes teóricos da Tradução Intermodal e Intercultural trazidos por Segala e Valente. [...] A contribuição deste artigo é compartilhar conhecimentos acerca da tradução intermodal e intercultural para surdos, assim como colaborar com o processo de qualificação dos profissionais de tradução voltados ao âmbito literário (CRUZ; GUEDES; LEMOS, 2021, p. 223).

O objetivo deste capítulo foi mostrar que a causa do letramento surdo e as suas infinitas implicações estão presentes em diversas pesquisas brasileiras, de diferentes regiões, justificando a relevância deste trabalho no âmbito não somente acadêmico, mas, sobretudo, social.

No capítulo 3, começo a dar corpo à minha pesquisa, traçando um perfil sócio-histórico da educação básica de surdos no Brasil.

### 3 OS DESAFIOS DOS SURDOS NA ESCOLA

A evolução da Educação Surda no Brasil é bastante complicada, pois existiram e existem diversos problemas que dificultam o processo educacional da comunidade beneficiária. Há baixo número de escolas bilíngues ou escolas exclusivas para surdos, não dando conta dos surdos locais. Por outro lado, as escolas regulares, naturalmente, recebem alunos surdos, que precisam de uma atenção diferenciada e demandam metodologias diferentes dos educadores.

Entretanto, as políticas públicas ainda são muito incipientes em diversos aspectos primordiais, como a insistência na utilização da metodologia da oralização, que leva para o imprevisto, em vez de caminhar para ações funcionais, como o estabelecimento de um treinamento de toda a comunidade escolar, a introdução da Libras no currículo ou a atualização/adaptação de modelos educacionais para a realidade surda, por exemplo.

A política ainda não reconhece a cultura surda como realidade dentro das escolas, assim como reconhece a cultura ouvinte, por exemplo. Com isso, ao passar do tempo, diversos problemas podem surgir e aumentar, dificultando, assim, o processo educacional dos surdos. A seguir, será abordado um pouco da história da educação para surdos no Brasil.

O professor francês Ernest Huet foi o pioneiro da educação de surdos em terras brasileiras. De família nobre, também conhecido como Eduard Huet, ele nasceu em Paris em 1822, ficando surdo aos 12 anos por complicações do sarampo. Como recebia uma educação diferenciada por ser de família nobre, ainda adolescente já era poliglota. Sua família o matriculou no Instituto Nacional de Surdos de Paris, onde passou muitos anos de sua vida, tornando-se professor de surdos e, em seguida, diretor do Instituto de Surdos de Bourges, também na França.

Devido à sua excelente atuação e comprometimento com a causa da Educação Surda, Huet ficou famoso em toda a Europa, sendo convidado pela corte portuguesa para fundar uma escola para surdos no Brasil. Então, Huet transferiu-se para a ainda colônia portuguesa com a sua esposa e fundou, em 1857, o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que, mesmo destinado inicialmente às classes sociais altas, foi e é de imensa importância para a comunidade surda brasileira. A língua de sinais trazida por Huet mesclada à língua sinalizada pela comunidade do instituto deram origem à Libras.

Huet trouxe uma metodologia sinalizada e um currículo específico para surdos, com que trabalhou por seis anos. Por problemas pessoais, decidiu ir embora para o México,

mas deixou com seus alunos todo o aprendizado necessário para se tornarem verdadeiros repetidores, que repassariam a língua de sinais para outros alunos.

Seu lugar foi ocupado por um outro diretor, Frei do Carmo, que, com o passar do tempo, acabou não dando continuidade e foi trocado por outros diretores. Mais à frente, Tobias Leite assumiu a diretoria e notou que sua metodologia era diferente do modelo adotado por Huet.

Mesmo com as dificuldades citadas, foram tentadas diversas formas de aprimorar o que vinha sendo trabalhado. Assim, por várias vezes, Tobias viajou para a França em busca de informações acerca de métodos diferenciados, visando repassar os conhecimentos adquiridos para os professores brasileiros. Em uma de suas viagens, Tobias deparou-se com uma situação que lhe chamou bastante atenção: um surdo, que entrou no ensino com a idade um pouco avançada, havia se tornado repetidor e, como resultado, seus alunos haviam evoluído bastante, pois o modelo adotado pelo professor surdo, seus métodos, características e estratégias foram cruciais.

Ainda hoje, a realidade da educação dos surdos no Brasil é muito precária, havendo pouquíssimas escolas especializadas em metodologias para surdos. Uma solução encontrada é a contratação de intérpretes para as salas de aula, o que requer atenção sobre a formação desses profissionais. As dificuldades aumentam quando se sai das capitais em direção às cidades menores e para a zona rural.

Com tal relato, percebe-se que faltam políticas públicas direcionadas à criação e à utilização de metodologias próprias de educação dos surdos, que valorizem a sua identidade e a sua cultura, fazendo com que os alunos se sintam pertencentes ao mundo escolar, seja em instituições para surdos ou escolas regulares.

Para as escolas regulares, é importante que se atente à formação dos intérpretes, pois a sua fluência e a inserção na cultura surda são fatores determinantes para um bom desempenho. O intérprete só conseguirá repassar com clareza as informações para surdos se for bem formado. É importante que a sua experiência visual seja desenvolvida.

O intérprete trabalha utilizando o par linguístico Libras e português, ou seja, ele atua como uma ponte: uma comunidade majoritária usa a comunicação falada-oral e a comunidade surda usa a comunicação falada-sinalizada. O profissional intérprete escuta a fala oralizada e interpreta para a sinalizada e vice-versa.

É relevante destacar que os intérpretes não têm por obrigação conhecer os princípios da cultura surda, mas devem, sem dúvida, conviver sempre que possível, ter contato com surdos, pois apenas com a experiência se consegue alcançar a absorção da cultura

viva. Deve-se vivenciar o mundo surdo, visto que, desse modo, tem-se mais suporte para se tornar um bom profissional. Salienta-se ainda que o profissional intérprete de Libras tem a possibilidade de atuar em diversas áreas, não somente na escola, e os surdos têm total direito linguístico de acessá-las e receber informações.

Em relação aos materiais didáticos, é de suma importância que sejam acessíveis para todo tipo de público, inclusive para as pessoas surdas. As pessoas surdas aprendem, como primeira língua, a língua de sinais e, em segundo plano, a língua portuguesa. Os materiais já são encontrados em português, porém não são devidamente traduzidos para a comunidade surda. Mas por que os surdos não podem ler em português? O primeiro ponto que devemos frisar é que, para a pessoa surda, é mais confortável ler em sua língua mãe, ou seja, seu esforço será bem menor se o material for traduzido para a língua de sinais. É importante destacar que, com o passar do tempo, o surdo ficará cada vez mais maduro e independente, assim, mais compreensivo em relação a seu entendimento da língua portuguesa e, conseqüentemente, será capaz de ler sozinho. Mas, novamente frisando, é de real importância que o auxílio da acessibilidade ajuda bastante no entendimento do português. Se tal acessibilidade não é implantada, tudo fica mais difícil de se entender, pois é comum se deparar, na língua portuguesa, com ambigüidade e dificuldade de assimilação de ideias e de signos linguísticos.

Os ouvintes têm à disposição uma infinidade de materiais didáticos escolares para cada série, que vão desde abordagens mais superficiais a níveis mais aprofundados, para satisfazer os diferentes tipos de escolas. Não há a mesma oferta de materiais didáticos em Libras.

A formação continuada de intérpretes é de fundamental importância para a formação do surdo, pelo fato de todas as áreas de conhecimento poderem ser expressas por uma língua de sinais. No caso da escola, não há somente as matérias escolares mais teóricas, mas também há as matérias que lidam com a emoção, como é o caso das Artes, e também a Literatura, que possui diferentes gêneros como poesia, narrativa, história de humor, entre outros. O papel do intérprete é crucial, pois dele dependerá a carga emotiva em Libras, diferente de uma comunicação mais simples, como um diálogo, em que não há necessidade de prender a atenção do receptor. Com isso, entende-se que, ao se contar uma história ou recitar uma poesia, o receptor precisa sentir a emoção que o interlocutor quer passar e isso só se aprende e se internaliza na prática diária, na inserção na cultura surda e com estudos especializados contínuos. Infelizmente, muitos surdos acabam privados de conhecimentos de

Literatura, não conseguindo nem ter acesso às bibliotecas, nem participar de maneira inclusiva de contações de histórias como as feitas nas escolas regulares.

Volto ao exemplo da galinha já citado na Introdução. O movimento que a galinha faz com as suas asas, por exemplo, ajudará o surdo a memorizar o seu sinal, que remete ao movimento da ave. Assim, a pessoa surda compreenderá melhor e vencerá todas as barreiras possíveis, pois a língua de sinais abre portas e também a mente da sua comunidade. Um exemplo claro em relação à importância da fluência em uma língua é o fato de que algo ensinado errado pode gerar uma série de desentendimentos futuros dentro de uma comunidade, a exemplo da língua inglesa. Se um professor, por exemplo, ensinar uma palavra em inglês para sua turma de maneira errônea, os alunos poderão repassar o erro para outras pessoas, e assim sucessivamente. Isso também pode acontecer na língua de sinais, o que só aumenta a dificuldade de muitas pessoas na compreensão da língua.

Um outro fator que precisa de uma renovação nas políticas públicas é a garantia de equidade nos concursos para a área de Libras, visto que, na maioria das vezes, há demasiado conteúdo em língua portuguesa, sem interpretação para Libras, causando desvantagem para os profissionais surdos. Muitas vezes, os aprovados para a área de Libras só passaram porque tiveram vantagens por causa da fluência em língua portuguesa. Situações como essa trazem prejuízos para o desenvolvimento da autonomia dos surdos, que tendem a não ver perspectivas de trabalho, uma vez que nem sempre a acessibilidade é garantida.

Como se sabe, as ações de acessibilidade para surdos são muito recentes e ainda não são totalmente executadas. Quando se trata da educação dos surdos, é notório que sempre foi bastante fraca. Em relação ao número de professores surdos, é visível que são minoria.

Uma outra questão política que influencia a formação da criança surda é a falta de legislação que envolva a família. As crianças surdas precisam ter aquisição da língua de sinais em casa. É importante que as famílias com crianças surdas tenham acesso a cursos de Libras para poder ensinar aos filhos, para que cheguem à escola sabendo se expressar de forma mais completa. Mas esse não é o cenário real do surdo do Brasil. A família, na maioria das vezes, não sabe e nem domina Libras.

Há uma outra questão que atrasa a formação em Libras, que é a tendência à oralização prescrita por pessoas da área da saúde, em detrimento de um encaminhamento a uma formação em Libras para a criança e para a família. A maioria dos médicos e fonoaudiólogos orienta às famílias que os filhos surdos precisam de aparelhos auditivos ou de cirurgias cocleares e que precisam aprender a oralizar para conseguir viver bem em sociedade, junto com a comunidade ouvinte.

Com isso, a família aceita, entende e obedece às orientações, haja vista que quem está dando as orientações são pessoas que ocupam cargos de respeito e que têm um nível de instrução um pouco maior, levando assim a família a acreditar que, com treinos, terapias e sessões de fonoaudiologia, a criança se tornará um adulto independente.

Mas esse processo leva anos e anos, até que o surdo entende que essa não é a melhor resposta e nem o caminho mais viável. Com isso, o surdo é levado para a escola, em sua maioria, tardiamente. Com cinco ou seis anos, a criança surda tem o primeiro contato com a instituição escolar, porém perde muito devido à sua não inclusão no meio educacional. Com isso, percebemos que há uma perda significativa sem contato com a Libras nem na família nem na escola, pois entre 0 e 5 anos é a fase em que a criança absorve bastante informação, junto com outros colegas e/ou no dia a dia.

É importante ressaltar que, assim, o surdo não consegue se desenvolver na idade certa em vários aspectos, como o emocional, por exemplo, pois não há uma simples comunicação nem com a família. Assim, a pessoa surda sempre vai se sentir estando um passo atrás de todo mundo do seu convívio, ocasionando revolta e desânimo.

Salienta-se, então, a importância de a família fazer o surdo aceitar a própria cultura e a própria língua até chegar ao ponto de se sentir fluente e participante ativo no próprio meio. A Libras e a aceitação da cultura são ferramentas de suma importância para o convívio e o desenvolvimento da pessoa surda, pois assim ela pode ter contato com outras pessoas, mais instruídas ou não, e trocar informações, conversar, entender mais sobre a sua própria cultura, pois, mesmo que cada surdo tenha a sua própria identidade, todos são atuantes da mesma comunidade.

Dessa forma, o surdo pode tentar recuperar o tempo perdido, pois é sabido que o ouvinte, devido à sua oralidade e ao aparelho auditivo, consegue se desenvolver com mais facilidade por meio da comunicação oral, já a pessoa surda vai se desenvolver/evoluir no seu tempo, sem pressa, porém da mesma forma. É um processo demorado, porém necessário, pois o fato de o surdo perder informações da sua própria cultura é inviável nesse e em qualquer outro contexto.

Com isso, percebe-se que a educação de surdos enfrenta desafios: falta de acessibilidade, metodologia inapropriada, políticas educacionais não inclusivas, profissionais despreparados etc. Os problemas citados podem ser facilmente solucionados com a participação massiva de professores capacitados no ensino e na inclusão do aluno surdo no meio educacional, pois o contato entre surdos facilita o desenvolvimento dos seres atuantes da comunidade. Isso é bom tanto para quem ensina quanto para quem aprende.

Como dito antes, o processo educacional do surdo se inicia na família. Normalmente, nas famílias ouvintes, há diálogo com o filho recém-nascido, brincadeiras, músicas, trocas constantes e contatos mútuos. Isso facilita o desenvolvimento e a evolução da criança ouvinte, pois o processo de oralização acontece de maneira natural, uma vez que seu aparelho auditivo capta as informações necessárias para o desenvolvimento da fala.

Quando analisamos a criança surda, o processo é diferente, pois esse desenvolvimento não acontece, já que a criança surda não capta as informações que são direcionadas a ela com os contatos e as trocas constantes com a família. Assim, percebe-se que, por falta da memória auditiva, o desenvolvimento oral não acontece, a criança surda perde muita informação e o contato familiar também vai se perdendo com o tempo. Apenas por meio de improviso as trocas familiares podem acontecer, como é o caso da utilização de gestos, mímica, expressões faciais e brincadeiras. E somente quando a pessoa surda cresce é que vai perceber que há uma dificuldade maior na comunicação com o resto do mundo, pois se acredita que a maneira mais viável para haver uma comunicação simples com alguém é oralizando, mas isso não é confortável para a comunidade surda, e, quando comparado com a utilização da língua de sinais, nota-se que o surdo se sente melhor com esta e os detalhes e as abstrações nas suas expressões e diálogos finalmente são possíveis.

É nítido perceber que só assim o surdo entende que a sua cultura e a sua língua são tão fortes quanto a cultura e a língua oral e que ele não é uma pessoa estranha, mas sim uma pessoa igual a todas as outras, que apenas usa uma comunicação diferente. É importante salientar que, por meio da língua de sinais, a pessoa surda pode fazer uma crítica, contar uma piada, expressar-se por meio da arte e dialogar sobre qualquer assunto que quiser. Porém, infelizmente, essa mesma construção de diálogo não acontece no contexto familiar, pois, como já foi dito anteriormente, a família se restringe apenas ao que foi orientado por profissionais da área da saúde e, na maioria das vezes, vê a língua de sinais como um ato de rebeldia do surdo em não conseguir desenvolver a fala.

Dessa forma, o surdo percebe que não há um desenvolvimento no contato com sua família, porém uma revolução acontece quando passa a estar em constante contato com a comunidade surda, pois todos no meio usam a língua de sinais para comunicação. Com a utilização da língua de sinais, o surdo não perde nada, a não ser que ele ainda não a domine, e somente neste caso o surdo demora para evoluir.

Assim, chega-se a uma nova discussão em relação à dificuldade do surdo em entender a língua portuguesa, pois essa barreira foi criada no início da sua vida escolar, quando não teve um acesso adequado à educação. Analisando de maneira fria o que o surdo

passa em boa parte da sua vida, consegue-se então perceber que a não comunicação com a família e a perda de informação por meio da escola facilitam o atraso educacional para a comunidade surda.

Com o passar dos anos, o surdo entende que, para alcançar a sua própria independência, precisa ingressar no mercado de trabalho, porém os serviços que as pessoas surdas conseguem encontrar são, em sua maioria, trabalhos braçais e pesados. Nesse contexto, a pessoa surda tende a retornar para a escola, para a Educação de Jovens e Adultos, porém se depara com metodologias orais, materiais com foco na comunidade ouvinte e com provas escritas, que dificultam muito o entendimento do surdo.

É importante salientar que, com base em tudo que já foi relatado, volta-se para a questão inicial, de que a pessoa surda precisa, o quanto antes, aceitar a sua cultura e a sua língua, preferencialmente desde criança, pois só assim se sentirá confortável e assimilará melhor os conteúdos e as informações que lhe são passados.

Após percorrer e relatar sobre a educação dos surdos, no capítulo 4, será abordado o tema Cultura Surda.



#### 4 CULTURA SURDA

Grande parte das pessoas conhece a palavra “cultura”, sendo ela interpretada de diversas formas, como quando se imagina a cultura relacionada à maneira como um grupo se veste, à culinária, aos locais, à língua, entre outros. Mas, quando se trata da comunidade surda, deve-se ter em mente que a cultura exerce grande papel na vida e na luta das pessoas surdas. Cita-se então a maneira de entender e reconhecer tudo ao seu redor, ou seja, a cultura surda é algo internalizado e inerente à vida do surdo. Quando comparamos a cultura surda e a cultura ouvinte, é nítida a diferença e, ainda mais, a maneira que cada comunidade usa para se expressar.

Compreende-se assim que, como se trata de línguas diferentes, com percepções diferentes, o comportamento também será diferente, assim como o entendimento, o pensamento e tudo o que caracteriza as culturas vigentes. A seguir, será feita uma abordagem das características da cultura surda, em que será elencada uma das mais importantes: a experiência visual.

Não devemos imaginar que a cultura surda é algo fechado, rígido e limitado ou que existem diversas regras a serem seguidas para se caracterizar como cultura surda ou não. Cada surdo tem seu entendimento sobre cultura e cada um pratica a sua de maneira diferente da do outro. Em outras palavras, se uma pessoa surda não teve acesso à educação e nem contato com outras pessoas surdas, nesse caso, essa mesma pessoa desenvolverá sua própria cultura até que encontre um outro surdo e haja uma troca de experiência, contato e entendimento das culturas de cada um. Essa é uma das inúmeras diferenças entre a cultura surda e a cultura ouvinte, visto que o surdo aprende desde cedo a utilizar tudo o que é visível para formar ideias, pensamentos e compreensão de tudo que está à sua volta.

Uma das maneiras que o surdo utiliza a memória visual é no momento de nomear alguém por meio de sinais. Isso ocorre porque todas as pessoas precisam de um sinal para facilitar para a comunidade surda no momento de falar sobre alguém, conversar com alguém, no ato da apresentação, entre outros momentos. A apresentadora Xuxa, por exemplo, fez bastante sucesso anos atrás e ficou bastante marcada na memória das pessoas a caracterização dela e a utilização do cabelo amarrado com o que chamou de “xuxinhas”. Assim, o sinal estabelecido pela comunidade surda para ela foi referente à característica que mais chamava a atenção: o modo como prendia o cabelo. Com isso, percebe-se a importância do sentido visual para o surdo, tendo em vista que não tem como pensar na pessoa surda e sua cultura e não imaginar a utilização do espaço visual e da memória visual.

Ressalta-se ainda que, mesmo que o surdo se utilize de diversas formas de comunicação, como mímica, gestos ou a língua de sinais, ele parte do pressuposto de usar sua memória visual para tal. Não se deve achar que todos os surdos são iguais, uma vez que cada pessoa surda tem sua própria vivência, experiência e modo de enxergar as coisas ao seu redor.

Dentro do mundo surdo, existem diversos tipos de surdos e, assim, diversos tipos de experiências diferentes. Ou seja, imaginemos a situação de haver surdos que dependem da família para tudo no dia a dia; há também surdos que foram submetidos a sessões e mais sessões de treino de oralização, crescendo assim sem contato com a língua de sinais; há também situações de surdos que nunca tiveram acesso à educação e nem contato com ninguém que não fosse da família (situação comum para surdos que vivem em zonas rurais afastadas dos centros urbanos), esse surdo crescerá utilizando apenas mímica para a comunicação; e há também comunidades surdas repletas de surdos que tiveram acesso ao ensino da língua de sinais desde cedo e, assim, podem se expressar e se comunicar de maneira mais fluida. Apenas com alguns exemplos reais podemos perceber a diferença entre surdos que compartilham das mesmas dificuldades e preconceitos, mas não das mesmas experiências.

Quando se usa a palavra “gesto”, deve-se imaginar que são formas de comunicação de comum entendimento de todas as pessoas (surdas e ouvintes), mas que não possibilitam um diálogo ou algo mais livre. São exemplos de gestos: o sinal de positivo ou negativo, o sinal de “não” feito com o dedo indicador, sinais para apontar algo etc. Percebe-se que sinais assim são limitados e não permitem que o surdo estabeleça uma comunicação com outra pessoa, por mais simples que seja. Nota-se dessa forma que, mesmo que sejam diversas as formas de comunicação, todas se voltam para a mesma cultura e a mesma forma de entender as coisas: espaço-visual.

Campello (2008, p. 91) afirma que:

O artefato cultural dos Surdos é organizado de acordo com a visualidade e utiliza uma estratégia para substituir a ausência do som. Pela ausência do som, criamos as nossas informações sobre a cultura do seu criador em detrimento da maioria da comunidade Surda e seus usuários que perderam ou nunca tiveram contato com a língua de sinais. O artefato varia e é acrescido ao longo do tempo, dependendo da evolução da tecnologia, de novas descobertas e dos recursos que nós necessitamos para viver por meio da visão. E destes criam-se um pertencimento cultural que, por meio da visualidade, se apropria, se media e transmite a cultura proporcionando vários significados capazes de promover a sociabilidade e a identidade através da visualidade e da ‘experiência visual’ como protagonistas dos processos culturais da comunidade Surda.

Todas as comunidades surdas existentes são compostas por surdos diferentes com níveis diferentes. Ressalta-se, assim, que é comum encontrar pessoas não alfabetizadas, com

pouco vocabulário sinalizado, com bastante conhecimento na língua de sinais, entre outros casos.

Grande parte dos falantes da língua oral acredita que apenas as línguas faladas possuem gramática, semântica, morfologia etc. Mas se engana quem acredita que a língua sinalizada é constituída apenas por gestos e mímicas. Destaca-se a importância de se aprofundar nos estudos linguísticos da Libras, uma vez que ela possui todas as características de qualquer língua oral existente. Enquanto os ouvintes percebem sentimentos e/ou mudança de humor, por exemplo, na tonalidade da fala, os surdos utilizam-se das características visuais para tal.

Deve-se sempre ter cuidado no momento de entender as regras de cada língua, assim como suas particularidades. Cada língua tem sua importância e suas estruturas a serem seguidas. Apenas quem entende e segue as regras gramaticais de cada uma (oral e sinalizada) poderá traduzir de maneira adequada as informações de uma língua para outra.

Campello (2008, p. 91) ainda ressalta que:

A cultura visual vem da ‘experiência visual’ (PERLIN, 1998), que na teoria cultural e de Estudos Surdos, a língua de sinais vem construída e absorvida visualmente juntamente com a cultura do sem som. As percepções visuais e suas experiências visuais, no dia a dia, com seus ‘próprios significados não-sonoros’ transportam aquilo o que foi vivenciado por meio da língua de sinais, e acabam selecionando o final da história para dar ao ponto de partida no começo da fragmentação da experiência visual.

A experiência visual servirá como um direcionamento para o surdo e o ajudará em diversas situações. Todas essas experiências citadas já foram vivenciadas em algum momento pelos surdos em sua trajetória de vida, uma vez que a inexperiência dos ouvintes no tratamento de relações para com a pessoa surda é comum a todos. A seguir, observaremos três situações comuns no dia a dia da pessoa surda.

Figura 2 – A porta trancada



Fonte: Holcomb, Holcomb e Holcomb (1994).

Na primeira situação apresentada, observa-se que há um menino sentado ao chão escrevendo diversas informações em pedaços de papel. Compreende-se assim que há, nessa cena, uma necessidade de diálogo entre os personagens, uma vez que, um deles sendo surdo, a porta não possibilita tal comunicação oral ou visual, a não ser pelo uso da escrita, pois os

papéis passam por baixo da porta. Casos como esse são comuns no dia a dia da pessoa surda, visto que as portas dos banheiros, das casas etc. não facilitam a comunicação visual.

Figura 3 – A oração



Fonte: Holcomb, Holcomb e Holcomb (1994).

No segundo caso, pode-se observar que há algumas pessoas orando com os olhos fechados, o que é comum em locais religiosos ou em casas de praticantes religiosos que sempre oram antes das refeições. Em casos assim, os surdos se sentem desconfortáveis, tendo em vista que, como estão de olhos fechados, não saberão o momento certo de abri-los. Da mesma forma, como é algo cultural, a pessoa surda se sentirá incomodada em não participar do momento.

Figura 4 – O bigode



Fonte: Holcomb, Holcomb e Holcomb (1994).

Por fim, na última imagem, deparamo-nos com uma tentativa de diálogo entre um policial e uma pessoa surda. Destaca-se que grande parte da comunidade surda consegue entender algumas palavras quando ditas de maneira clara, pois, com o passar do tempo, devido ao grande contato com os ouvintes, muitos surdos desenvolvem a capacidade de leitura labial. Porém, em casos como esse, em que claramente podemos ver que o policial (ouvinte) faz uso de um grande bigode, que, por sua vez, cobre totalmente a boca, o surdo não consegue distinguir o que o policial está falando. Em casos como esse, nota-se que seria de bom uso a língua de sinais.

É de suma importância salientar que os surdos não priorizam os saberes diversos que os rodeiam, como oralidade, língua de sinais, mímica, gestos etc. Os surdos têm como base principal para toda e qualquer comunicação a visualidade do que está acontecendo no espaço ao seu redor. Apenas após entender que as vivências dos surdos se assemelham em relação às dificuldades encontradas no decorrer da vida é que podemos enxergar que para o surdo se faz muito importante que todos tenham uma base de conhecimento da língua visual ou, pelo menos, de sua essência.

Se todos os espaços que se caracterizam como acessíveis fossem totalmente assim, os surdos evoluiriam de maneira significativamente mais rápida. Se em todos os canais de TV houvesse intérpretes, ou em todas as escolas, ou em todos os espaços públicos houvesse materiais voltados para a comunidade surda, os surdos se sentiriam mais confortáveis e, assim, o preconceito diminuiria cada vez mais.

Um exemplo claro do que está sendo discutido nesse tópico, como já foi dito, ocorre quando o surdo precisa ir ao hospital. Na maioria das vezes, as pessoas são chamadas para o consultório médico de maneira oral. Com isso, notamos que o surdo precisa estar sempre atento e, em grande parte das ocasiões, acompanhado de algum ouvinte. Todo esse cenário só mudaria se as pessoas entendessem a importância que a língua de sinais tem para o surdo, da mesma forma que a língua oral tem para o ouvinte. A vivência sinalizada passa despercebida no dia a dia das pessoas ouvintes, uma vez que isso é sentido apenas pela comunidade surda, que, por sua vez, não tem como se expressar, pois quem estuda a língua de sinais são apenas professores, pesquisadores da área e surdos (em grande maioria). Poucas pessoas da área da saúde sabem a língua de sinais, assim como os profissionais de todos os outros serviços essenciais.

Holcomb, Holcomb e Holcomb (1994, p. 141) afirmam que:

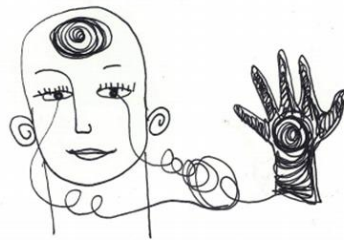
Os surdos têm uma cultura única, baseada na visão e não no som. Consequentemente, nossa maneira de se comportar e pensar geralmente gira em torno da visão. Esta coleção fornece um vislumbre de como os surdos funcionam em uma sociedade que depende do som.

Autores e estudiosos do campo da língua de sinais pontuam que a essência da cultura surda é comum a todos os surdos, uma vez que todos são atuantes no mesmo cenário. Compreende-se assim que, caso um surdo pudesse representar os percalços da sua vida por meio de um desenho, todos os surdos que o vissem entenderiam o que estava sendo retratado. Retoma-se novamente o pensamento anterior, no qual se destacou que cada surdo tem suas

dificuldades e vivências, porém todos compartilham da mesma cultura, uma vez que as experiências são semelhantes.

A artista Kilma Couto retrata em suas obras a arte por meio de ilustrações voltadas para o mundo surdo. Podemos entender, com a imagem apresentada a seguir, a maneira como a pessoa surda compreende o que lhe está sendo dito da mesma forma que a utilização das mãos para a comunicação. Destaca-se assim que o surdo também pode se expressar por meio da arte, poesia e demais formas artísticas/culturais existentes.

Figura 5 – O olho e a mão



Fonte: Couto (2020).

Observando a imagem, é nítido perceber que a autora representa de maneira clara a vivência do surdo e a sua maneira de captar as informações que lhe chegam. Pontua-se a maneira como ela deixa clara a representação das mãos (parte do corpo importante para a comunicação sinalizada), dos olhos (forma de captação e receptores das informações) e da mente (pensamentos focados no que está sendo apresentado pelas mãos). Rebate-se assim, por meio da arte, o pensamento do filósofo Aristóteles, que defendia que sem ideologia lógica não haveria palavras e, assim, não haveria pensamento, o que cai por terra, tendo em vista que todo surdo tem pensamentos, porém sua maneira de se expressar é diferente da forma que os ouvintes usam.

Campello (2008, p. 206) afirma que:

A língua sinalizada utilizada como definição da comunidade Surda reforça o sentido histórico e cultural constituído pelos sujeitos integrantes desta comunidade. As pessoas não-surdas usam a audição como funcionamento auditivo pela habilidade nos atos do ouvir e do falar. Acontece o mesmo com as pessoas Surdas que usam as mãos e o corpo como funcionamento visual pela habilidade nos atos do ver e do sinalizar.

A comunidade surda como um todo é composta por todas as faixas etárias e orientações sexuais de surdos, como crianças, adolescentes, homens, mulheres, idosos, famílias, casais, filhos, profissionais, pesquisadores, tradutores etc. Todos com o foco na comunicação sinalizada. No caso do Brasil, a Libras é a língua oficial dos surdos, que

estabelecem por ela a sua comunicação principal. Mas deve-se imaginar também que são diversos os níveis do entendimento e uso da língua de sinais. É comum haver surdos que não usam a língua de sinais, outros que a usam de maneira bem básica, outros que têm fluência, entre outros casos. Com isso, compreende-se que todo e qualquer lugar pode ser considerado um local de encontro para surdos diversos, uma vez que a utilização da língua de sinais seja prioridade dentro desses grupos. Em outras palavras, igrejas, escolas, parques, praças e demais locais são pontos de encontro de surdos com bastante vontade de conversar e aprender cada vez mais essa língua que os deixa confortáveis e permite que conversem sobre qualquer assunto.

Por fim, tudo o que foi retratado acima é considerado característica ativa da cultura surda.

Strobel (2008, p. 22) conclui que “A cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas”.

Após falarmos sobre cultura surda, vamos, no subcapítulo a seguir, tratar de um de seus artefatos, que é a literatura.

#### **4.1 Literatura surda**

A literatura é um instrumento de suma importância para se alcançar o ensino dentro das comunidades surdas, pois assim o surdo passa a conhecer melhor a sua história, a sua cultura e a sua língua. Embora haja poucos trabalhos acadêmicos sobre o tema, reuni aqui algumas conceituações em ordem cronológica.

Lane (*apud* SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 576) ressalta que a literatura surda é constituída das seguintes questões:

[...] cultura surda, além da língua, é composta de literatura específica, sua própria história ao longo do tempo, ‘história de contos de fadas, fábulas, romances, peças de teatro, anedotas, jogos de mímica’. Nessa mesma direção, pode-se dizer, então, que a experiência que as pessoas surdas têm na modalidade visual é transmitida de forma diferenciada nos aspectos linguístico e cultural.

Karnopp (2006, p. 102) informa o seguinte:

[...] utilizamos a expressão ‘literatura surda’ para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo linguístico e cultural diferente.

Karnopp (2008, p. 14-15) ainda afirma que:

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais.

Karnopp (2010, p. 171) postula que a literatura surda nasce “[...] pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais”.

Especificamente sobre literatura traduzida para Libras, Mourão (2012, p. 3) afirma que “[...] caracterizam-se como traduções para a Libras de clássicos da literatura. Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda”.

Santos (2016, p. 24), anos mais tarde, reafirma que a literatura surda “[...] é uma forma de produzir os textos dentro de um ambiente literário de língua, cultura e identidade surda, em que os artefatos culturais estão intrinsecamente relacionados principalmente ao seu ambiente linguístico – LIBRAS”.

Diante do exposto, podemos inferir que possibilitar à criança surda o contato com o gênero contação de histórias em Libras lhe permite experienciar a sua própria cultura, identidade, história, permitindo-lhe também se reconhecer como participante de um grupo linguístico e cultural, além de lhe garantir conhecimento de mundo por meio das obras literárias de diferentes tempos e espaços.



## 5 TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL NO PAR PORTUGUÊS-LIBRAS









O senso comum pode sugerir que a tradução/interpretação é algo simples e acrítico, se se considera que basta saber os sinais correspondentes às palavras, e a tradução/interpretação flui. É importante frisar que são duas culturas totalmente diferentes (cultura surda e cultura ouvinte), assim as frases também ganham outra maneira de se traduzir, uma outra perspectiva, principalmente em se tratando de literatura infantil, que, em sua maioria, envolve personagens fantásticos. Nos quadros 1 e 2, um exemplo de frase que uso bastante quando explico essa diferença.





Quadro 1 – Português sinalizado

|   |   |
|---|---|
| Português<br>Escrito                      | A águia comeu coelho.   |
| Tradução<br>em<br>português<br>sinalizado |  <p data-bbox="847 1149 983 1182">A ÁGUIA</p>  |
|   |  <p data-bbox="584 1429 699 1462">COMEU</p> <p data-bbox="1075 1429 1206 1462">COELHO</p> |

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2 – Libras

|                    |  |
|--------------------|--|
| Libras escrito     | Coelho águia comer.  |
| Tradução da Libras |  <p>COELHO</p>  <p>CORRER</p>  <p>FOLHAS</p> |
|                    |  <p>A ÁGUIA</p>  |
|                    |  <p>A ÁGUIA</p>   |
|                    |  <p>CARACTERIZA AS PENAS</p>   |
|                    |  <p>VOANDO EM DIREÇÃO</p>  <p>OLHO EM DIREÇÃO DO ALVO</p>   |
|                    |  <p>DESCENDO ANTES DE ATACAR</p>   |

|                    |  |
|--------------------|--|
|                    |  <p>COELHO TREMENDO</p> <p>CORRE COM VELOZ</p>   |
| Tradução da Libras |  <p>ÁGUIA PEGOU E CARREGOU COELHO NOS OMBROS</p> |
|                    |  <p>COELHO SOCORRENDO E DESABOTOU</p>           |
|                    |  <p>ÁGUIA LEVOU VOANDO</p>                     |

Fonte: Elaborado pela autora.

Em português, pode-se dizer “A águia comeu o coelho.”. Em libras, é dito “coelho águia comer”, com a sua sintaxe e elementos próprios. Nota-se a enorme diferença e há quem considere até mesmo estranho, mas não é. No exemplo de “comer”, o sinal tradicional combina e/ou encaixa no contexto da alimentação dos animais? Não, pois, primeiro, a águia, por exemplo, usa as garras para pegar a sua presa, depois utiliza o bico para comer.

Ressalta-se que os surdos visualizam toda a cena em sua imaginação com a ajuda dos sinais e expressões. Trata-se de estratégias próprias da cultura surda, pois só assim o surdo consegue visualizar e compreender com exatidão a situação que está sendo contada. Tal exemplo está ligado diretamente à experiência visual dos surdos, visto que, em suas conversas, trocas de experiências e relatos de histórias, é comum que haja a presença de diversas ideias próprias da memória visual, pois o uso da imaginação é de extrema relevância.

Essa é uma das inúmeras diferenças entre português e Libras, sendo apenas uma característica do mundo da língua de sinais que precisa ser levada em consideração quando se faz a ponte entre a cultura ouvinte e a cultura surda.

Quando Jakobson (1959) classifica os tipos de tradução em interlinguística, intralinguística e intersemiótica, ele considera apenas as línguas orais e os seus sistemas de signos. Chegou-se até a se tratar a tradução para línguas de sinais como tradução intersemiótica, como vemos no seguinte excerto de Santos e Lima (2016, p. 8):

Outra produção literária que vem se expandindo é a tradução dos livros clássicos da literatura mundial e brasileira que foram traduzidos para a libras. Este tipo de tradução é caracterizado como intersemiótica - em que há uma tradução da língua verbal para uma língua não-verbal, tornando-se um ambiente bilíngue, pois as duas línguas ficam disponíveis na mesma tela.

Mas Segala (2010) atualizou o conceito de tradução envolvendo língua de sinais, aprofundando-se na narrativa da comunidade surda e cunhando o termo tradução intermodal, que explica da seguinte maneira:

É uma expressão que pode definir esse tipo de tradução relacionando uma língua oral-auditiva a uma língua visual/espacial. A recodificação de uma mensagem originalmente produzida em Libras (língua gestual - visual) para o Português (língua oral - auditiva), enquadra-se no que vem sendo chamado de tradução intermodal (SEGALA, 2010, p. 28).

Como citado, a tradução intermodal se destaca por focar na tradução que se utiliza da comunicação visual-espacial, assim como o uso de expressões faciais. De acordo com o que foi estudado na obra de Jakobson, entende-se que, para o autor, havia uma preocupação com relação à tradução da língua de forma básica. Já para Segala, nota-se que, além das preocupações existentes que rodeiam a língua, também existiam as preocupações em relação à tradução da voz para movimentos corporais, ou seja, é um tipo de tradução válida.

É importante ressaltar que, da mesma maneira que deve haver uma preocupação no momento de traduzir, também deve haver cuidado ao se utilizar a Libras, pois, por exemplo, caso a pessoa esteja utilizando a língua de sinais em um vídeo, deve-se sempre estar atento ao enquadramento da câmera, aos sinais utilizados e também ao espaço visual. Com isso, vê-se a necessidade de sempre analisar a tradução intermodal de modo aprofundado, uma vez que até mesmo um sinal feito de madeira espelhada pela tela do computador pode confundir o receptor.




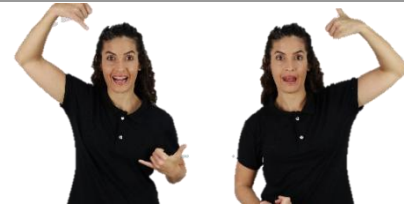

Destaca-se ainda que, no momento de traduzir um livro de uma língua oral para outra, percebe-se que os leitores ouvintes conhecem os personagens apenas pelas suas características e, sobretudo, pelo nome. Casos assim não são comuns na cultura surda. Na

tradução para uma língua sinalizada, as preocupações e os cuidados são outros, como a preocupação com o visual-espacial. Essa é uma das principais diferenças dos pensamentos dos autores citados acima, pois, enquanto Jakobson se preocupa com os códigos e configurações das línguas orais, Segala atenta para as ricas possibilidades da tradução para a língua sinalizada.

Segundo Segala (2010), usa-se não só a capacidade de traduzir e de compreender o texto, mas também se expõe a imagem para registrar em vídeo e o produto final.

Veja abaixo no Quadro 3:

Quadro 3 – Tradutor-ator

|                  |  |
|------------------|--|
| Expressão facial |     |
| Sinal em Libras  |    |
| Imagem cortada   |  |
| Espacial         |   |
| Tradutor-ator    |  |

Fonte: Elaborado pela autora.

No Quadro 3, pode-se notar a presença do chamado tradutor-ator. Percebe-se que há um mistério em relação ao rosto e ao corpo, o que não pode ser traduzido de forma simplória para a língua de sinais; uma língua visual necessita de certas características para que haja comunicação e seja repassada a informação.

Percebe-se assim que, em livros de literatura focados na língua oral, há uma falta de imagens que chamem a atenção do leitor surdo. Para a criança surda, uma história infantil com poucas imagens não é interessante. A presença de imagens prende a atenção e colabora com a língua de sinais. Nos casos de videoaulas, disciplinas presenciais e até mesmo vídeos em plataformas *on-line*, é comum encontrar tradutores-atores que conseguem expressar, por meio do corpo, situações, enredos e situações que não podem passar despercebidas.

Assim, surgem indagações: qual a melhor forma de se traduzir a literatura? Deve haver apenas movimentos corporais e pouca sinalização? Ou se fazem necessárias mais expressões faciais somadas a muitos sinais?

A forma mais comum de se registrar Libras é através de vídeo. Sobre isso, Novak (2005) afirma que “Os textos traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais são filmados, pois, é uma língua vista pelo outro, é uma língua que usa as mãos, o corpo, as expressões, é uma língua que depende da presença material do corpo do tradutor, por isso, também – ator”.

É importante reforçar que, assim como numa língua oral, na tradução envolvendo línguas de sinais não se deve apenas traduzir as palavras de uma língua para outra, a superfície, mas também traduzir o significado, o sentido, a interpretação. Neste caso, utilizando-se também de expressões faciais, movimentos corporais, espaço visual e todas as estratégias que as línguas de sinais oferecem. Deve-se ressaltar que traduções feitas de palavras por palavras, sem a interpretação da função em ambas as línguas/culturas, não são corretas, pois não são retextualizadas com a mesma função, embora haja pessoas que acreditam que na tradução apenas deve-se focar o significado de cada palavra na outra língua, o que acaba gerando um novo texto não condizente com o texto de partida.

Nord (2016, p. 82-83) chama a atenção para os elementos comunicativos que devem ser respeitados ao se traduzir:

Combinando os modelos de Bühler e Jakobson, chegamos a quatro funções básicas de comunicação: (a) a função referencial (também denotativa ou cognitiva), focada no referente ou no contexto ao qual se refere o texto, (b) a função expressiva ou emotiva, voltada para o emissor, suas emoções ou sua atitude para o referente, (c) a função apelativa (também operativa, conativa, persuasiva ou vocativa), centrada na orientação do texto para o receptor, e (d) a função fática, que serve principalmente para ‘estabelecer, para prolongar ou para suspender a comunicação entre o emissor e o receptor, para verificar se o canal funciona, para atrair a atenção do interlocutor ou para confirmar ou manter sua atenção permanentemente’. A nosso ver, a função

fática é também responsável pelo desenvolvimento do relacionamento social entre o emissor e o receptor. Além do espaço, do tempo e da cultura, é a influência de tais funções básicas que constitui o ‘mundo’ de um texto.

Aplicando tal teoria à tradução de contação de histórias no par português-Libras, o contador é o emissor, que precisa interpretar e apresentar o contexto da história, com suas atitudes e emoções, prender a atenção do público e desenvolver um relacionamento social, considerando o espaço, o tempo e a cultura.

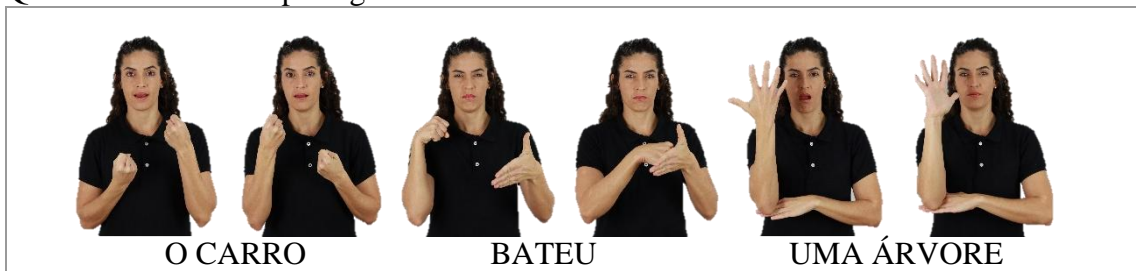
Além dessas questões, quando se envolvem línguas de sinais, há também outros tipos de preocupações em relação à tradução, como as roupas utilizadas por quem está traduzindo, a maquiagem, os acessórios e a utilização das mãos. Deve-se sempre focar apenas no que está sendo mostrado, e não em quem está apresentando ou interpretando algo. Salienta-se ainda que, na interpretação intermodal, precisa-se saber o real foco, quem é o público-alvo, pois, dependendo do assunto e/ou das informações estão sendo passadas, mudam também vários outros aspectos no momento da tradução. Podemos dar exemplo da tradução artística, teatral, televisionada, política, entre outras. Dentre as que foram citadas, destaca-se a tradução artística, pois nela se deve ter uma atenção diferenciada, uma vez que o objetivo maior deve ser o visual.

A exemplo do que está sendo explicado acima, podemos citar a seguinte frase em português: “O carro bateu em uma árvore”. Nessa frase, pode-se notar que a percepção do ouvinte ao ouvi-la ocasiona um misto de imaginação que abre o pensamento do receptor. Destaca-se ainda que essa mesma frase perde todo o sentido quando traduzida simplesmente palavra por palavra tanto em línguas orais quanto em língua de sinais.

Em Libras, por exemplo, a sinalização deve ser “árvore carro bater”. Essa frase já está traduzida de português oral para Libras, porém deve-se levar em consideração que ainda faltam alguns detalhes para que o surdo consiga entender o real sentido dela. Ou seja, no momento da interpretação, o movimento das mãos e/ou a utilização do espaço auxiliam na passagem de informação. É importante salientar que se pode utilizar mais de um movimento, expressões faciais, cada mão para representar cada personagem da história etc. A utilização de todas essas características citadas diz respeito à tradução intermodal.

Ressalta-se assim que deve haver uma preocupação maior dos profissionais da área da língua de sinais com relação a essas questões, explicitadas aqui nos quadros 4 a 6.

Quadro 4 – Frase em português



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 5 – Frase em português sinalizado



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 6 – Tradução em Libras



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos exemplos citados acima, nota-se a importância de pensar a respeito dos assuntos abordados, uma vez que uma pessoa surda cresceu e viveu todas as informações ao seu redor de maneira visual, enquanto uma pessoa ouvinte recebeu muito mais informações em várias modalidades, pois além de utilizar a visão, utiliza-se também da memória auditiva, conhecendo tonalidades de som, tipos de ruídos etc. Dessa forma, a inquietação surge em um momento em que as crianças surdas podem ser as mais prejudicadas, uma vez que, se a própria literatura educacional inicial não for devidamente explorada, a comunidade mirim pode deixar de receber muitas informações na fase em que mais se aprende.



Destaca-se, assim, um dos objetivos centrais deste trabalho, que é o fomento à valorização do entendimento das crianças em relação à literatura infantil, utilizando-se da tradução intermodal artística. Salienta-se, porém, que o processo é demorado, mas deve ser levado com seriedade. Em cada história, deve-se expor para os receptores o enredo, contexto, cenário, personagens e diálogos, pois só assim a comunidade surda entenderá o real sentido da história que está sendo repassada. E é nesse momento que a política educacional deve agir de maneira incisiva, uma vez que os materiais e as avaliações devem ser sérios e transparentes. Afirma-se, assim, que há como melhorar o processo educacional atual, visando à melhoria do ensino para pessoas surdas por meio da literatura e da tradução intermodal artística, por exemplo.

### **5.1 O papel do professor/intérprete nas escolas**

Tendo em vista tudo o que já foi exposto, é importante que exista um diálogo entre professores/intérpretes ouvintes e professores surdos para que o objetivo maior seja alcançado. Ou seja, os professores surdos, mesmo estando dentro da comunidade ouvinte, enfrentam desafios e barreiras diárias, como a tradução para o português, visto que na maioria das vezes não dominam bem a língua, por vários motivos, sobretudo por não terem memória auditiva. Vou elencar nos parágrafos seguintes as variadas barreiras típicas da comunidade educacional surda brasileira.

O professor surdo poderá ter diversas dificuldades na escolha das palavras, pois nas línguas orais existem diversas palavras parecidas que têm significados diferentes, ou até mesmo uma mesma palavra com mais de dois significados. E vice-versa. O professor ouvinte de Libras e o intérprete também enfrentam desafios nas escolhas tradutórias, assim como qualquer outro bilíngue. É importante que se perceba que a formação de um profissional da educação nunca se extingue. Fazem-se necessárias formações constantes em relação não somente às línguas de trabalho e suas especificidades, como também à didática.

Nota-se que existem diversos materiais que auxiliam no desenvolvimento e aprendizado da criança ouvinte, como livros infantis, cadernos de desenho, histórias ilustradas, livros 3D, fantasias etc. Porém a mesma riqueza de material não está disponível para a comunidade surda, uma vez que a tradução de tais materiais custa muito caro e/ou nem existe.

Outro problema comum se dá em relação à contratação de profissionais capacitados, porém que não dispõem de materiais adequados ou até mesmo não encontram adaptações disponíveis, por exemplo.

Salienta-se também o fator cultural existente dentro das comunidades surdas, em que cada grupo familiar desenvolve e aperfeiçoa seus próprios sinais, e mesmo muitos surdos, devido à falta de assistência, não conseguem ter acesso ao meio educacional e assim desenvolvem seus próprios sinais diários.

Frisam-se tais situações como importantes uma vez que as crianças surdas podem perder bastante informação em relação à não compreensão do que está sendo repassado. Assim como acontece nas línguas orais, em que uma mesma palavra pode ter diversos significados, um mesmo sinal pode ser feito de diversas formas diferentes dentro da comunidade surda, uma vez que a língua de sinais é uma língua viva e é utilizada por pessoas com experiências e vivências diferentes, e cada uma tem dentro de sua mente imagens e pontos de vista diferentes sobre o mesmo assunto.

Deve-se sempre ter em mente que se faz necessário conviver com a cultura para a qual você está interpretando, haja vista que, sem sentir e vivenciar todos os aspectos culturais de determinada comunidade, fica inviável traduzir sentimentos. Na tradução literal do português para a Libras (o que vira um português sinalizado), há uma perda significativa no que está sendo repassado. Já na interpretação e tradução envolvendo a intermodalidade, nota-se uma troca de experiência e uma troca de conhecimentos culturais que rodeiam todas as comunidades falantes ou não.

Configura-se assim como uma das inúmeras preocupações da pessoa surda em relação ao aprendizado de próximas gerações que dependem ou não das decisões políticas que estão sendo tomadas nos dias atuais com relação à educação.

Valente e Guarischi (2010, p. 163) afirmam que:

No caso específico das literaturas de minorias – como escritores chicanos, afroamericanos, entre outros – o aspecto intercultural da tradução não só é necessário, como indispensável. É bastante difícil alcançar uma boa tradução desse tipo tão especial de literatura sem se ter consciência dos aspectos culturais envolvidos. Se o tradutor não tiver consciência das marcas culturais presentes no texto em que ele está trabalhando, ele não conseguirá achar equivalentes adequados na língua alvo.

Segundo Bassnett e Trivedi (1999), sem o empoderamento e o entendimento cultural não é possível a tradução, pois a perda no momento de reparação da informação é grande. Da mesma forma, a pessoa surda também precisa passar por todas as experiências

culturais dentro da sua própria comunidade, uma vez que o surdo demora para entender que ele já nasce com uma cultura própria, com costumes próprios e com sua identidade própria.

A pessoa surda passa toda a sua vida por diferentes experiências, experiências estas classificadas como visuais, por isso a necessidade de não tardar o conhecimento cultural para a comunidade surda. Afirma-se, portanto, que, neste momento, a tradução da língua oral para a língua sinalizada de maneira superficial só fará com que o surdo se perca mais ainda dentro da própria cultura. O respeito deve existir no momento da tradução, por isso a necessidade de conhecer e aprofundar-se na cultura viva do mundo surdo, ou seja, não se pode exagerar, omitir informações ou criar fatos, mas deve-se explorar ao máximo as possibilidades que as línguas de sinais oferecem para cada gênero textual.

Aconselha-se, assim, como já foi citado, que no momento da tradução intermodal para a língua de sinais haja um cuidado maior no momento de se entender/interpretar o texto ou fala da língua oral. Não se deve tentar traduzir palavra por palavra, mas sim interpretar primeiramente a informação e, com isso, logo em seguida, traduzir da melhor e mais clara maneira para a língua de sinais.

O respeito deve ser mútuo, ou seja, deve existir tanto na língua oral quanto na sinalizada. Desse modo, no futuro, a acessibilidade será mais comum do que é hoje, o que enche de esperança a comunidade surda. No ENEM, por exemplo, questões envolvendo a literatura de Machado de Assis ou de José de Alencar não deixarão de maneira alguma um participante surdo desorientado, pois será acessível a toda a comunidade surda estudantil.

## 5.2 O papel do contador de histórias

Quadro 7 – (Galinha – Corporal)



Fonte: Elaborado pela autora.

O contador de histórias, seja de línguas orais ou de sinais, é um artista cuja função vai além da leitura, mas implica, direta ou indiretamente, no desenvolvimento humano, a partir da memória. Usa recursos como maquiagem, figurinos, instrumentos musicais, bonecos

e adereços para transportar os pequenos ouvintes até as páginas dos livros e fomentam o hábito da leitura e o prazer pelo conhecimento de mundo.

Lorenzetti (2013, p. 16) afirma que:

As histórias passam de geração para geração, nascem e renascem diariamente e ganham vida, pois é também através delas que a palavra deixa de ser insignificante e passa a ser vivificante, criativa e carregada de sentidos. As histórias, segundo Benjamin (1994), transportam as pessoas que falam e escutam para dentro do campo da correspondência, pois se a voz é presença, a narração oral [ou sinalizada] é memória.

As histórias podem ser todas contadas a partir da criatividade do contador ou podem ser a história de um livro infantil ao qual o contador faz continuamente referência, chamando atenção para as ilustrações das páginas.

Cruz, Guedes e Lemos (2021), já citadas no capítulo de Estado da Arte, trazem a discussão de como deve ser feita a contação em Libras, através da tradução intermodal, de modo que se explore a completude da língua e isso ajude na formação de crianças surdas que ainda estão aprendendo a própria língua. As autoras pontuam várias questões que devem ser consideradas na interpretação de um livro infantil em língua portuguesa, utilizando o gênero textual contação de histórias.

O livro escolhido como *corpus* do artigo delas é “O sanduíche da Maricota”, sendo a personagem-título uma galinha. Um exemplo que exploram é a frase “A galinha abriu a porta”, que, em se tratando da cultura ouvinte, por sua memória auditiva e exposição a todo momento a contos de fadas e histórias infantis de todo gênero, as crianças assimilam de forma mais automática a ideia de uma galinha ser um personagem antropomórfico, enquanto o surdo terá dificuldade de interpretar tal informação, dependendo de sua formação, lembrando os desafios que a maioria dos surdos enfrenta não só na fase pré-escolar, mas em toda a infância.

Há diversas maneiras para o contador fazer a tradução dessa frase, mas a primeira coisa a ser feita é a interpretação e a segunda é recriar o texto valorizando o espaço visual, típico da Libras. Por exemplo, a porta não deve ser traduzida de maneira literal, e mesmo assim o surdo entenderá a ação que foi executada pela personagem principal da informação. Isso é o chamado “entendimento cultural” ou “tradução intermodal artística”, em que o contador e todo tradutor deve ter conhecimento bicultural para poder contemplar as duas línguas-culturas. O tradutor saberá que não é necessário sinalizar a porta para o surdo, mas somente a personagem fazendo o movimento de abertura.

Strobel (2008, p. 22 afirma que a “cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas”.

As pessoas surdas devem começar a desenvolver seus próprios jeitos e formas de entender sua própria cultura e, assim, assimilar melhor todos os aspectos culturais que os rodeiam. É importante ressaltar que, como a pessoa surda não escuta, ela desenvolve melhor a percepção através dos olhos, que irão captar todas as informações. E a expressão será através das mãos, podendo utilizar também todo o seu corpo.

Entende-se assim que, dentro de tudo que já foi relatado, o surdo consegue se expressar completamente por meio da língua de sinais. É capaz de dar sua opinião, fazer críticas, falar de política, fazer poesias e qualquer outra forma de expressão, utilizando o seu corpo e o seu espaço no momento de articular movimentos. E isso deve ser levado em consideração ao se contar uma história.

Na cultura surda, ao se falar de um livro, o detalhamento pormenorizado das informações, enredo, meio, personagens e outros é de suma importância para o bom entendimento no momento da comunicação. Ou seja, se um surdo for descrever para outro surdo que existem três vasos em um determinado local, espera-se que descreva cada vaso detalhadamente por meio de sinais. Porém se o mesmo caso acontecer dentro da comunidade ouvinte, não se faz necessário tanto detalhamento em relação aos vasos, que são o ponto de partida do assunto. Conclui-se assim que, para os ouvintes, não se faz tão necessária descrição das características bem detalhadas de objetos presentes na fala, suas cores, tamanhos, formas etc., que são questões cruciais no momento da fala do surdo.

Isso se dá pelo fato de a pessoa surda vivenciar mais experiências relacionadas à sua memória visual. O artista nesse momento deve se preocupar com o entendimento do surdo com relação ao que está sendo contado, assim se compreende que a interpretação intermodal tem sua importância para a comunicação dentro da comunidade surda/ouvinte.

Já na língua oralizada essas características muitas vezes passam despercebidas, o que faz com que muitos diálogos traduzidos sob a perspectiva ouvinte sejam vagos e superficiais demais para os surdos. Na comunidade surda, é comum haver ocasiões em que o surdo conte algo do seu cotidiano e leve um certo tempo para descrever todo o cenário, itinerário, enredo e até clima. Dessa forma, percebe-se o desafio da maioria das pessoas no momento da tradução, em virtude de não considerar esse fator cultural que é muito valorizado na cultura surda.

O povo surdo tem várias identidades diferentes, umas sinalizadas e outras oralizadas, mas todos têm em comum a experiência visual. É importante ressaltar que a competência tradutória deve considerar as diferenças culturais. Valente (2006, p. 26) explica que, quando não se reconhece a cultura, é impossível considerá-la na tradução cultural:

Na tradução dessas obras é absolutamente fundamental que o tradutor tenha consciência do grande valor e importância da Tradução Intercultural, sendo mais do que conhecedor de suas línguas de trabalho, mas também da cultura dos países falantes daquelas línguas.

Faço um adendo sobre essa realidade visual do surdo. Nos dois anos em que vivemos isolados devido à pandemia de covid-19, houve um aumento nos números de videochamada e reuniões *on-line*. Esse tipo de comunicação já era uma realidade na vida da comunidade surda antes de o mundo ser forçado a utilizá-la, já que a língua da comunidade surda é visual. Assim, volta-se para um dos pontos iniciais, quando se falou sobre contextos e vivências culturais distintas, tendo em vista que na vida do surdo em tudo tem a presença da tradução intermodal e da consciência cultural nas diferentes comunidades atuantes da sociedade.

Como dito anteriormente, as crianças surdas precisam aprender que a sua L1 é a língua de sinais. Tal aceitação poderia ser facilmente entendida por meio de interação com a família, com profissionais fluentes em Libras em casa e com outros surdos nos anos iniciais dentro do sistema educacional. Vale repetir que não se pode achar que a metodologia utilizada, seja para aulas, seja para contação de histórias, com as crianças ouvintes é a mesma metodologia para as crianças surdas.

O interesse na língua de sinais e na cultura surda aos poucos é despertada por meio da exposição à Libras viva em uso, seja feita por surdos ou ouvintes, o que despertará curiosidade nas crianças, que se apoderarão de seu artefato cultural. Nesse caso, a tradução intermodal artística se encaixa perfeitamente, tendo em vista que na infância o lúdico chama mais atenção. Assim, as crianças compreenderão que suas histórias são vivas e que já nascem com uma bagagem cultural enorme. Mas, para que isso aconteça, é preciso que haja um comprometimento real e concreto com os tradutores, professores, núcleo educacional e comunidade.

Como resultado, com o passar do tempo, as crianças começariam a compreender melhor as histórias que são contadas e a criar suas próprias histórias por meio da imaginação visual que elas desenvolveriam aos poucos. Infelizmente, a realidade é que a maioria das crianças não consegue compreender as histórias que lhes são contadas, o que dificulta muito a

compreensão da literatura infantil. É importante ressaltar que em nenhum momento estamos criticando ou julgando os intérpretes, tradutores e/ou professores de más interpretações ou metodologias não adequadas. O que está sendo discutido é o fato de não haver mais incentivos ao aperfeiçoamento das práticas sinalizadas, uma vez que a principal preocupação é com o entendimento das crianças surdas do que lhe é repassado.

Faltam políticas públicas de acessibilidade que garantam a formação continuada dos profissionais de Libras. Existem casos em que o intérprete/professor/contador é excelente, com várias especializações, porém não domina o que chamamos de consciência visual, cujo objetivo é canalizado nos anseios de a criança estar compreendendo ou não as informações. Retomando a frase citada anteriormente, “o carro bateu em uma árvore”, o tradutor poderá saber todos os sinais que compõem a frase, porém pode se confundir na tradução também com os sentidos que a formam. Assim, pondera-se que se deve ter muito cuidado com relação aos significados que integram o pensamento das crianças da comunidade surda, levando sempre em consideração três pontos importantes: a cultura, as experiências e a língua delas.

Dito isso, reflete-se sobre o atraso na vida das pessoas surdas, uma vez que cada surdo tem sua própria identidade surda. Ou seja, o surdo “A” pode ter aprendido Libras na escola, porém não há ninguém na família que saiba, criando assim uma barreira dentro do próprio eixo familiar. Já o surdo “B” pode ter aprendido Libras com a comunidade surda, mas não ter acesso à educação. E pode haver também um surdo “C” que tenha desenvolvido sinais dentro da própria família e depois de adulto sinta dificuldade em trocar e adaptar para os sinais existentes na língua de sinais. Por isso, a importância de a criança surda desenvolver desde cedo a sua consciência visual, que é incentivada pelo contato com a sua língua própria por meio da literatura e da tradução intermodal.

Para se alcançar esses objetivos, necessita-se que esses contatos sejam rodeados de trocas de experiências e aceitação da identidade surda existente. Entretanto, as crianças demoram para entender a importância de tal tomada de consciência. Com esse pensamento, elas começarão a conquistar seus espaços em discussões, em tomadas de decisão e em todos os espaços nos quais têm acesso. Caso não aconteça, o entendimento delas em relação ao mundo que as rodeia irá demorar a acontecer, ou não acontecerá.

A criança ouvinte, em toda a sua trajetória de vida, recebe diariamente informações e tem contatos frequentes com outros ouvintes, o que facilita muito seu desenvolvimento e entendimento de mundo. Situações como essa são muito raras na vida de uma criança surda, já que não é tão comum uma criança surda ter contato com outra pessoa

surda na infância e, na maioria das vezes, há uma outra barreira, que é o fato de os pais não aceitarem o filho surdo.

Faltam políticas públicas que obriguem os responsáveis por uma criança surda terem o papel de fazê-la entender desde muito cedo que é de suma importância que se conheça sua própria história, a história da comunidade surda local.

Além disso, os materiais utilizados em toda a sua formação escolar e cultural têm que ser voltados para o ensino não só da Libras, mas também da cultura surda. Assim como existem livros e revistas ilustrados e simplificados para as crianças ouvintes, há a necessidade de focar também na criança surda e seu desenvolvimento pessoal.

A contação de história em Libras tem um papel fundamental no contexto atual da comunidade surda. O ideal seria que a criança tivesse acesso à língua de sinais em casa e assim, na escola, potencializasse ainda mais os seus conhecimentos. Mas, infelizmente, na realidade não é isso que acontece, visto que a escola, na maioria das vezes, preocupa-se muito mais em repassar o conteúdo do que ensinar a língua de sinais propriamente dita, o que atrasa muito o desenvolvimento da pessoa surda.

Infelizmente, a maioria das instituições regulares de ensino não se preocupa tanto com o currículo voltado para o real ensino de surdos, assim como também não há um maior cuidado na prática educacional e metodologias adotadas no meio institucional. Assim, afirma-se que interpretações ou métodos de tradução mal adotados geram um grande déficit educacional na vida das pessoas surdas. Ou seja, a criança cresce sem conhecer nada da sua cultura e língua mãe. As informações que chegam para ela diariamente são informações soltas do cotidiano, o que faz o surdo não conseguir desenvolver seu próprio senso crítico sobre os assuntos e temas.

Tudo o que já foi citado até aqui não representa ainda todas as barreiras enfrentadas pela comunidade surda brasileira, uma vez que esta se vê diante de outros percalços no país. Esperamos uma mudança nesse cenário o quanto antes e a superação das barreiras, uma vez que só cresce o conhecimento das pessoas em relação à língua de sinais e à cultura surda. Quanto mais pessoas capacitadas no meio linguístico sinalizado, maior a chance de serem produzidos materiais de qualidade, metodologias diversificadas e formas de atrair o surdo para dentro das escolas, para a educação, para as artes.

Campello (2010, p. 70) resume o que foi falado até agora nesta dissertação:

Os Surdos usam a língua de sinais brasileira envolvendo o corpo todo, no ato da comunicação. Sua comunicação é viso-gestual e produz inúmeras formas de apreensão, interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual. Muitos professores, familiares (principalmente, pais de filhos/as Surdos), não entendem a



língua de sinais brasileira, sendo considerados, então, como ‘estrangeiros’ em relação à língua de sinais brasileira e cultura visual.

### 5.3 Estratégias de interpretação em Libras para crianças

Dando continuidade ao que já foi explicado anteriormente, serão apresentados alguns pontos importantes acerca das estratégias de interpretação voltadas para as crianças surdas, a fim de compreendermos melhor as formas adequadas de abordar o ensino da Libras. Campello (2010) defende que haja um entendimento maior em relação ao contexto em que o surdo está inserido, uma vez que quanto mais se aproximar da sua realidade, maior será a chance de entendimento, retomando assim o conceito de visualidade:

A cultura visual vem da ‘experiência visual’ (PERLIN, 1998), que na teoria cultural e de Estudos Surdos, a língua de sinais vem construída e absorvida visualmente juntamente com a cultura do sem som. As percepções visuais e suas experiências visuais, no dia a dia, com seus ‘próprios significados não-sonoros’ transportam aquilo o que foi vivenciado por meio da língua de sinais, e acabam selecionando o final da história para dar ao ponto de partida no começo da fragmentação da experiência visual (CAMPELLO, 2008, p. 21).

No que se refere à língua e cultura oral, é normal a escrita imitar a fala, tendo em vista que a visualização de imagens é menor no momento da fala em comparação com a cultura surda, na qual acontece de forma contrária. Por isso, a maioria das pessoas ouvintes se preocupa apenas com o som das palavras ou com a entoação com que são ditas.

Já na comunidade surda, essas preocupações são substituídas por outras, em relação a como algumas informações são traduzidas para a língua de sinais, ou se acontece algo parecido com a tradução simples de português para Libras, por exemplo. Dessa mesma forma, as imagens devem ser adaptadas e traduzidas para a realidade da pessoa surda, dado que a visualidade é de suma importância para o entendimento das informações. Anteriormente havia sido citada a explicação acerca da frase “o carro bateu na árvore”, que pode ser entendida de maneira bem simples quando dita de maneira oral. É uma frase que necessita de bastante cuidado quando interpretada para a língua de sinais. Campello (2008, p. 94) corrobora essa informação ao dizer que:

[...] a escrita está comprometida com a linguagem falada, o som através de sua representação e do seu referente. A visualidade não. Tem diferentes representações e referentes diferentes que somente será possível se gravar, copiar, ‘visualizar’, ler com os ‘olhos’ ou arquivar a sua imagem, o seu referente, a sua representação através da imagem visual, o que e, na área da imagem, como filme de cinema, pintura, fotografia, e outros, é reconhecida como produto de documento visual.

A autora afirma que o entendimento e a compreensão dos surdos baseiam-se no visual imagético, uma vez que sua imaginação deriva da memória visual, diferentemente dos ouvintes, que utilizam suas memórias auditivas. Retomando o que já havia sido dito, os ouvintes preocupam-se com a entonação da voz e a maneira como ouvem os sons. Já na escrita, esse cenário muda, uma vez que não se demonstra fielmente a entoação dos sons por meio da escrita. Quando se refere ao entendimento e interpretação do surdo com relação a alguma informação que lhe está sendo repassada, muda-se a maneira de enxergar a mesma situação.

Ressalta-se então que a pessoa surda observará todos os detalhes visuais presentes no momento da tradução, ou seja, o limite encontrado no ato da escrita não é detectado no momento da tradução para a língua sinalizada, uma vez que a Libras não tem limite. É importante ressaltar que tal fato só se dá quando a tradução é fiel, não omitindo e nem exagerando os fatos a serem interpretados. Compreende-se desta forma que se deve sempre respeitar as culturas em questão, no momento da tradução. Em outras palavras, quando a tradução é feita de maneira adequada, o sentido não é perdido na passagem de língua oral para língua sinalizada.

É sobre “priorizar a imagem visual dos surdos” (SUTTON-SPENCE; KANEKO, 2016), levando em consideração que os surdos têm pensamentos diferentes quando comparados com os pensamentos dos ouvintes. Para isso, deve-se conhecer e empregar todas as características e estratégias: antropomorfismo, classificador, efeito visual e espacial, estrutura gramatical, expressão facial/corporal, incorporação, imagem visual, movimento visual, visual vernacular (VV) e performance, que abordaremos nos subcapítulos a seguir.

### **5.3.1 Antropomorfismo**

A palavra “antropo” vem da língua grega e significa “homem, humano”, e a palavra “morfo” também vem do grego e significa “forma”. Então, antropomorfismo significa “forma humana”. Em línguas de sinais, o antropomorfismo é dar características humanas a animais e objetos e outros seres inanimados. Dessa forma, a língua de sinais consegue representar o jeito de agir dos animais, objetos e demais seres inanimados com posturas humanas, sentimentos humanos, expressão facial humana, vida humana. Temos como exemplo o filme “A Bela e a Fera”, no qual há seres inanimados, como xícaras, pratos e talheres, que dançam, cantam e dialogam. Tudo isso pode acontecer com qualquer animal,

objeto ou elemento da natureza, tendo em vista que o limite é a imaginação, e isso faz com que as crianças consigam imaginar as cenas quando é utilizado o antropomorfismo.

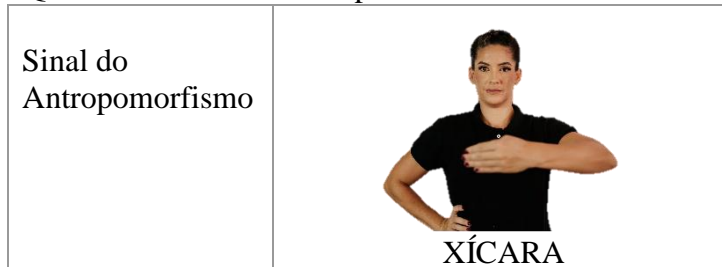
Veja os quadros 8 e 9:

Quadro 8 – Sinal da Libras



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 9 – Sinal do antropomorfismo



Fonte: Elaborado pela autora.

Percebem-se as diferenças entre sinal e antropomorfismo, uma vez que, quando se usa um “sinal falante”, as crianças não conseguem imaginar porque não têm como associar e acabam perdendo o contexto, ficando assim confusas no momento de procurar quem está falando. Quando se usa o antropomorfismo, percebe-se que é a xícara que está falando. Por isso, dessa forma, fica muito claro que, quando se usa de maneira direta, não há necessidade de mostrar sinais e na fala pode-se usar a incorporação da xícara e da fala de maneira simultânea.

Quadro 10 – Xícara falante



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 11 – Olá, sou xícara



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando se sinaliza baseado no antropomorfismo, não é uma sinalização com visual poluído, mas uma maneira de trazer encantamento para a história, o que agrada o público infantil.

### 5.3.2 Incorporação

A incorporação em língua de sinais é quando se compreende a função e o significado de animais, personagens, objetos e sentimentos, absorvendo suas principais ações/funções e traduzindo para a língua de sinais por meio de expressões faciais e movimentos corporais dentro do espaço visual. Por exemplo, no verbo “comer”, entende-se que todo ser vivo se alimenta, porém o modo como isso acontece varia de ser vivo para ser vivo. Ou seja, a incorporação trabalhará focada nessas características específicas.

Quadro 12 – Frase em Libras



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 13 – Tradução de incorporação



Fonte: Elaborado pela autora.

A incorporação acontece também na língua oral, uma vez que, quando há uma interpretação ou encenação teatral em que é necessário incorporar um personagem vilão, tende-se a mudar a tonalidade da voz ou incluir risadas a fim de transmitir medo aos espectadores. Na língua de sinais, isso acontece da mesma forma, visto que a incorporação pode também acontecer por meio das expressões faciais e movimentos corporais. Com a utilização da incorporação, os sinais se tornam pouco atrativos, uma vez que somente os sinais não transmitem emoção poética e/ou outros sentimentos. Os sinais, por serem “diretos” demais, deixam a desejar nesse sentido. A incorporação atrai a atenção das crianças surdas e auxilia mais no entendimento da história. A memorização também fica mais fácil, haja vista que é mais fácil memorizar expressões faciais do que sinais propriamente ditos.

### 5.3.3 Classificadores

Como já dito anteriormente, os classificadores fazem parte da gramática da língua de sinais. São elementos que “desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados e seres animados” (QUADROS; PIMENTA, 2006, p. 71). Portanto, pode-se compreender que eles auxiliam muito no momento da tradução, tendo em vista que são potenciadores de ações e ajudam nas características dos sinais. Ajudam também na compreensão de tempo, ou seja, dependendo do sinal, o classificador pode mudar a configuração de mão, podendo representar tempo e frequência verbal.

Muitos não percebem que alguns sinais são, na verdade, classificadores que, com o tempo, já se incorporaram ao léxico. Os classificadores são morfemas visuais que abrangem as escolhas lexicais, pois uma ação pode ser visualmente representada de diferentes formas. A utilização de classificadores é necessária para analisar a manifestação visual dos léxicos envolvidos, sendo, portanto, uma ação descritiva imagética (CAMPELLO, 2008). “Descrições imagéticas” (DI) é outro termo para classificadores, porém é uma forma mais detalhada de manifestar as ações.

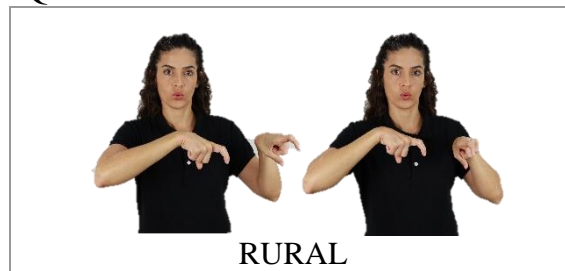
Quadro 14 – Sinal de Classificador-Ação



Fonte: Elaborado pela autora.

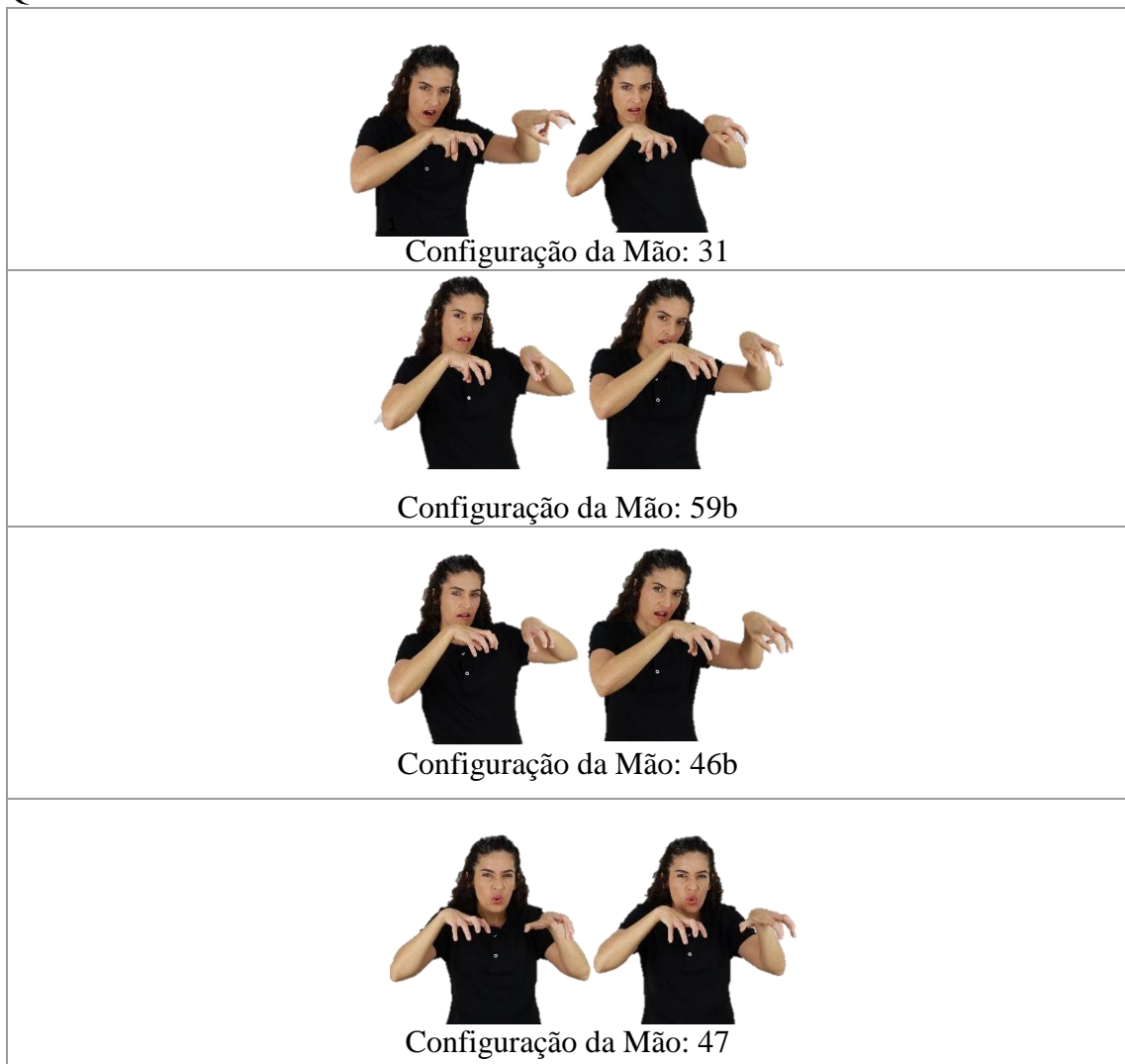
No Quadro 14, o verbo “COMER”, por exemplo, é um classificador que pode ser sinalizado de diversas formas, dependendo de quem, como, onde e o que está sendo comido. Para ilustrar melhor, deixo três exemplos. Primeiro, reflita sobre a frase “comer uma maçã”; não necessariamente se faz o sinal de “COMER” e em seguida “MAÇÃ”, é possível sinalizar “MAÇÃ” e corporalmente assumir a ação de “COMER”. Segundo, para sinalizar “ALMOÇAR”, podemos explorar o ato sinalizando os materiais que são usados para comer e corporalmente desempenhar o ato de almoçar. Terceiro, veja, por exemplo, o sinal de “RURAL” no Quadro 15, a seguir.

Quadro 15 – Sinal em Libras



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 16 – Sinal do classificador



Fonte: Elaborado pela autora.

No momento da tradução de uma frase, conto ou história, não se deve tentar traduzir todos os sinais na mesma ordem em que aparecem no texto escrito; em outras palavras, deve-se tentar adaptar da melhor forma o sentido das informações, sem exagerar e nem omitir as ideias principais. Somente assim a emoção pode ser transmitida e entendida,

assim como o contexto e enredo ficarão bem explícitos e claros. Reforça-se assim a ideia sobre o uso dos classificadores, que não se restringe apenas ao gênero contação de histórias, mas ocorre em qualquer uso do dia a dia.

Quadro 17 – Sinal em Libras



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 18 – Sinal do classificador



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o que foi apresentado nas imagens, nota-se que há diferenças entre os classificadores e a incorporação, tendo em vista que cada um tem a sua importância e relevância no momento da comunicação. A incorporação tem como foco entender como o personagem, objeto ou ser age, e assim busca-se incorporar as ações e/ou características



principais, reproduzindo-as. Já os classificadores têm como foco principal as mãos e os sinais produzidos por elas. O uso do classificador vai depender do que está sendo comunicado, visto que cada sinal e/ou configuração de mão tem suas próprias características e detalhes individuais. Se a tradução for feita por meio apenas do português sinalizado, por exemplo, não deixará claro o enredo, o que só é possível por meio dos classificadores.

Um exemplo claro da utilização de classificadores pode ser entendido quando se quer falar sobre o movimento de abrir e fechar uma porta. Se essa informação for repassada apenas de maneira sinalizada, não ficará claro de que porta está se falando. Ou seja, pode-se descrever a porta de uma casa simples, ou uma porta de uma garagem ou até mesmo uma porta de uma mansão. Porém, se os classificadores forem bem articulados, ficará claro todo o contexto em que o fato está inserido. Da mesma forma, ficará uma dúvida com relação ao tipo de porta que está sendo mostrada, já que existem diversos tipos diferentes de portas.

### 5.3.4 Efeito visual e espacial

O termo “efeito visual e espacial” é utilizado nesta dissertação para indicar elementos estéticos complementares à produção visual em Libras, tais como velocidade, intensidade e movimentação corporal emotiva. Muitos surdos utilizam esses efeitos até mesmo em conversas cotidianas. No entanto, na literatura, tais efeitos são mais especializados, aproximando-a da arte cinematográfica. Uma analogia poderia ser feita com o filme “Matrix”, que, por meio de recursos tecnológicos, cria experiências visuais a partir de efeitos de edição. Na Libras, é possível ter tais efeitos por meio do uso dos elementos já citados ou pela edição de material audiovisual em Libras.

Os efeitos visuais e espaciais podem ser manifestados em diferentes situações, em verbos como “CAMINHAR” e “PULAR”, ou no plural de substantivos, como “CASAS”. Para tanto, deve-se lembrar que a Libras é uma língua tridimensional, ou seja, o corpo do locutor pode se mover durante a sinalização, seja para os lados ou em diagonais, tornando a apresentação mais atrativa. Ao traduzirmos da língua portuguesa para a Libras, podemos contemplar várias palavras em apenas um sinal, desde que os efeitos visuais e espaciais sejam bem utilizados.

No Quadro 19, veja a sinalização “TIRO-DE-BALA LENTA”; por meio dos efeitos é possível causar ênfase ou tonicidade emocional. Caso a bala percorra lentamente o espaço, é possível causar tensão, suspense e enfatizar sentimentos de dor por meio de expressões faciais e corporais.

Quadro 19 – Velocidade



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao tratar dos efeitos visuais, deve-se imaginar que consistem em um recurso comum em vídeos, porém também podem ser encontrados na língua de sinais, uma vez que o tradutor pode utilizar seu espaço e seus movimentos corporais para adequar o sentido dos efeitos visuais. Durante a contação de histórias, por exemplo, ele pode se aproximar do

público ou mostrar movimentos de maneira lenta quando se tratar de uma cena mais detalhada, assim como acelerar em momentos de ação. No final, tais características serão implementadas na tradução de acordo com o momento e o enredo.

Veja, por exemplo, no Quadro 20, como o verbo “ANDAR” pode simultaneamente incorporar estados dos personagens por meio de expressões faciais, corporais e ainda efeitos como velocidade. Um andar mais lento pode demonstrar calma, um mais rápido demonstra pressa, um andar com movimentos mais retidos mostra cautela e assim por diante, dependendo da situação narrativa.

Quadro 20 – Expressão, velocidade e espacial



Fonte: Elaborado pela autora.

Enfim, os efeitos visuais e espaciais na Libras contemplam a entonação das contações de histórias, sendo, portanto, fundamentais para as traduções. Na língua portuguesa, outros recursos podem ser utilizados para aprimorar a leitura, como pontuações, parágrafos e até mesmo ilustrações. Da mesma forma, a Libras possui entonações por meio de efeitos visuais.

### 5.3.5 Estrutura gramatical

Assim como há regras gramaticais na língua portuguesa, podemos inferir que na Libras também há o mesmo tipo de regras, que vão padronizar o idioma. Enquanto uma utiliza as suas regras visando à fala e à escrita, na outra a preocupação é com o contexto visual-espacial e a utilização dos sinais. Na língua de sinais deve-se deixar claro quantos espaços físicos existem, quantos personagens e quais são eles, assim como o clímax etc. Tudo isso só é possível quando se dominam todas as regras e se compreende em que momento deve-se utilizar cada detalhe. Dependendo do momento e da história, será decidido se haverá sinais diferentes simultâneos, se a utilização será de uma mão só ou das duas, entre outras características. Por isso, ressalta-se a importância de se conhecer a estrutura gramatical da Libras assim como se faz necessário conhecer a estrutura de outras línguas no momento de traduzir. Para entender melhor o que se explica neste tópico, imagina-se a seguinte situação: no momento da tradução, depara-se com a situação em que três personagens devem estar presentes no mesmo momento em um mesmo cenário. Isso é possível? Como mostrar três personagens de maneira simultânea levando em consideração que só se tem dois braços? Neste momento, a incorporação assim como os classificadores serão de suma importância, tendo em vista que se pode utilizar as mãos para representar dois personagens e o rosto para representar mais um. Isso só é possível se antes forem mostrados ao público momentos em que os personagens aparecem dessa forma. Imaginando dessa forma, compreende-se que essa mesma situação seria muito difícil de ser representada, caso a tradução fosse feita no estilo “português sinalizado”.

Quadro 21 – Frase em Libras



SE LEVANTOU

E ABRIU SE A PORTA

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 22 – Frase de uma estrutura gramatical



Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se neste ponto a diferença clara entre a língua portuguesa e a Libras, uma vez que na oralidade se ouve primeiro e só depois imagina a cena/situação. Já na Libras acontece o contrário, tendo em vista que a imagem é primeiramente mostrada e o som imaginado. Já posteriormente, entende-se de maneira mais clara o que se quer repassar, reforçando mais ainda o que vem sendo tratado até aqui.

### 5.3.6 Expressão facial/corporal

A maioria das pessoas acredita que a língua de sinais é composta apenas de sinais que traduzem a língua oral somados com expressões faciais. Mas a língua de sinais vai além disso, tendo em vista que há momentos em que se utilizam sinais, expressões e movimentos corporais, assim como há momentos em que não se utiliza sinal algum. Ou seja, quando um surdo demonstra sentimentos de raiva, medo, tristeza etc., não se faz necessário utilizar sinais, apenas expressões faciais e movimentos corporais “fechados”. Com isso, para a percepção de outros surdos que estão em volta, fica claro que a situação ou acontecimento não é de agrado de uma pessoa. Em situações como essa, a clareza é utilizada para demonstrar sentimentos e reações, por exemplo. Da mesma forma pensa-se na tradução literária, uma vez que o surdo observará a tradução por completo, ou seja, se o tradutor utilizar apenas sinais, deixará de

explicitar se a história que está sendo interpretada é de cunho sério ou triste, o que pode afetar muito a sua compreensão.

Quadro 23 – Frase em Libras sem expressão facial e corporal



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 24 – Frase em Libras com expressão facial e corporal



Fonte: Elaborado pela autora.

Como observado nas imagens, percebe-se que há uma diferença nas expressões faciais com relação ao mesmo assunto/objeto. Entende-se assim que tal característica influencia positivamente o momento da compreensão do surdo. O corpo trabalha de maneira cooperativa com os sinais utilizados, a fim de deixar cada vez mais clara a informação repassada. Por isso, afirma-se que, nas traduções de histórias literárias, necessita-se que haja todo o conjunto trabalhando simultaneamente, tendo em vista que isso facilitará cada vez mais a compreensão da comunidade surda, que, por sua vez, entenderá com mais precisão as emoções e sentimentos a serem transmitidos.

Quadro 25 – Sinal em Libras



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 26 – Frase com expressão facial e corporal



Fonte: Elaborado pela autora.

Dando continuidade, observam-se agora mais duas imagens, nas quais percebe-se que há novamente uma mudança no momento de traduzir uma cena. Entende-se que, na segunda imagem, não se faz necessário sinalizar que tem algum som no ambiente, assim, conclui-se que, quando utilizadas expressões faciais e corporais, alguns sinais podem ser omitidos e, mesmo assim, o sentido continuará sendo o mesmo. Para que isso aconteça, necessita-se que o tradutor tenha um vasto conhecimento acerca da cultura e história surda, precisando ter contato frequente com surdos, a fim de internalizar cada vez mais a língua de sinais e suas variações. Tudo isso só é possível porque a língua de sinais tem sua própria gramática e suas regras gramaticais sinalizadas.

### 5.3.7 Imagem visual

A imagem é por vezes negligenciada na tradução, pois muitos tradutores focam na estrutura lexical das frases, esquecendo-se da essência visual das palavras, frases e textos. Mesmo sem ilustrações, é fundamental analisar sua importância. Partindo da ideia de que toda informação é visual, as traduções se tornam mais visuais, ou seja, traduções imagéticas, embora o aspecto visual não esteja explícito na língua portuguesa, que é predominantemente oral-auditiva.

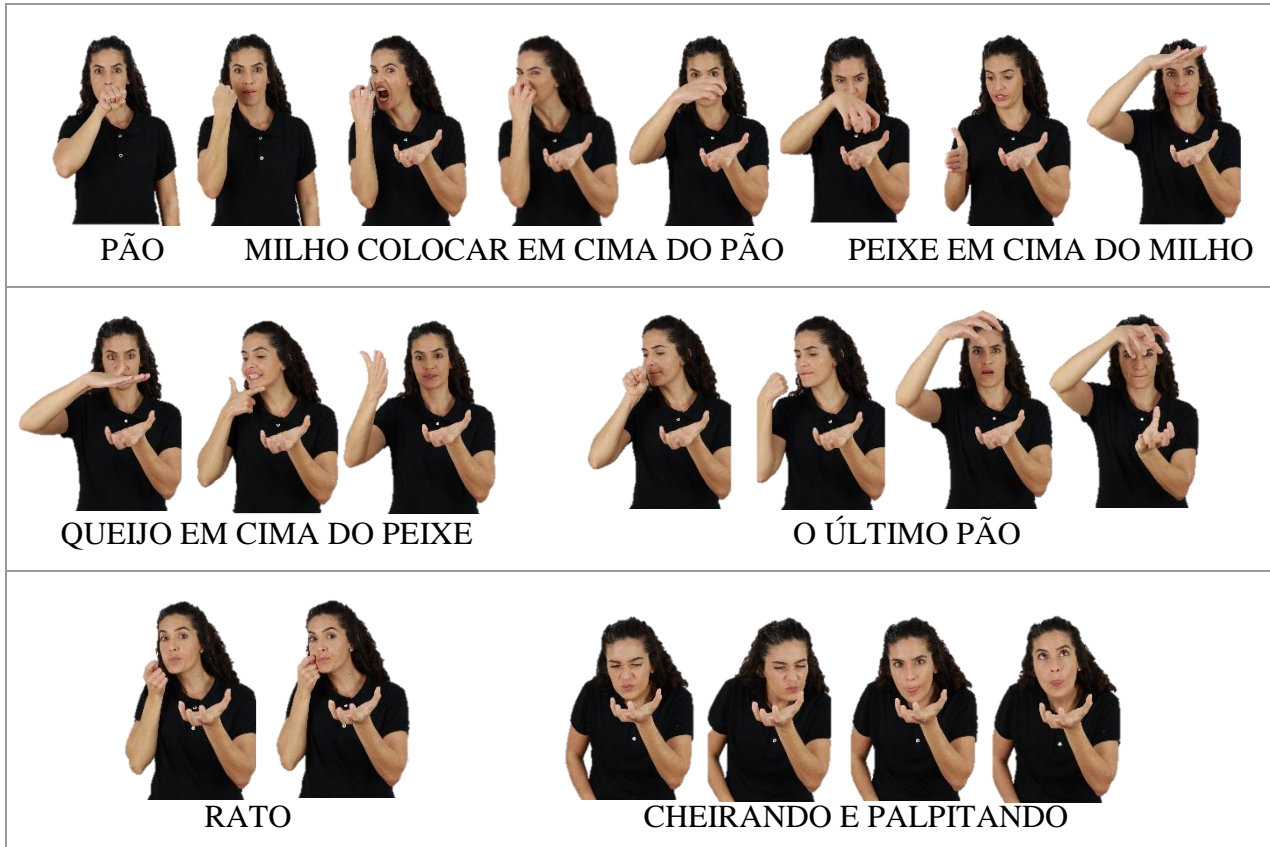
O trabalho de tradução imagética aproxima e facilita a compreensão do público surdo, uma vez que a estrutura da língua portuguesa não é adaptada à essência visual que a Cultura Surda requer; essa é a essência da tradução intercultural. Enriquecer as traduções com elementos visuais é essencial. Traduzir do português para a Libras e vice-versa é uma atividade intercultural que requer a análise de elementos implícitos e explícitos, podendo ser necessário acrescentar informações, principalmente visuais, para criar uma estética atrativa para o público surdo.

Veja, por exemplo, o Quadro 27. Apesar de não conter informações textuais, a imagem poderia ser traduzida por frases como: “o rato olha para o sanduíche”, “o rato quer o sanduíche”, “o rato vê o sanduíche gostoso”. No entanto, podemos enriquecer a tradução com recursos imagéticos provenientes de recursos linguísticos da Libras: utilizando classificadores para representar o sanduíche recheado por meio do uso espacial; posicionando o sanduíche à frente do ratinho; incorporando a expressão de maravilhamento do ratinho por meio de expressões faciais como olhos arregalados; e, por fim, ainda podendo utilizar o sinal de “DELICIOSO”, acrescentando uma fala ao personagem. Veja a tradução que criei a seguir:

Quadro 27 – Tradução de imagens







Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como na imagem do Quadro 27, foram utilizados vários recursos imagéticos para a tradução da contação de histórias do livro “Enquanto Seu Lobo não vem”, todas embasadas nas ilustrações do próprio livro. A tradução literária para a Libras não deve se restringir apenas às sentenças em língua portuguesa, mas enriquecer a visualidade linguística por meio das informações visuais e até imaginárias que a narração oferece aos leitores.

### 5.3.8 *Visual vernacular*

O visual vernacular (VV) é um gênero estético-poético da língua de sinais. O sinalizante em Libras cria performances narrativas articulando diversos elementos visuais das línguas de sinais com propósito de tornar a história-poética altamente visual para o público surdo. Hoje é reconhecido e há até cursos de VV, pois, devido à pandemia, os surdos ficaram ociosos e, assim, não podiam se encontrar e nem participar de eventos. É um termo novo no Brasil, que agora acabou se tornando moda devido à grande divulgação das *lives* no Instagram e no YouTube, com o objetivo de gerar entretenimento e também interagir, tirar dúvidas e saber curiosidades.

Escolhe-se uma história e se utiliza o VV, assim, artistas produzem ideias diferentes, o que é muito interessante, porque se consegue entender melhor a história. Próprio das línguas de sinais, o VV é um recurso artístico e poético que está presente no dia a dia da língua e, especialmente, nas artes surdas.

O seu significado não é verbal e não se pode dar um sinal, pois é objetivo, assim, todos têm que entender a história. Por exemplo, fazem um festival, convidam artistas de fora do país e se veem perdidos, uma vez que não saberão sinalizar em Libras, por isso usa-se VV, pois qualquer pessoa consegue entender. VV se caracteriza por ter 9 tipos e por qualquer pessoa poder usar. É diferente do classificador. Veja um exemplo abaixo.

Quadro 28 – Sinal do classificador



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 29 – Sinal do visual vernacular



Fonte: Elaborado pela autora.

Dando sequência ao que vem sendo tratado, observa-se mais um exemplo de uma única situação traduzida de duas formas diferentes, onde nota-se que há diferentes tipos e maneiras de se introduzir no momento da tradução classificadores e/ou visual vernacular, ou seja, por se tratar de uma língua viva, a Libras possibilita diversas maneiras de se contar um conto ou um fato, podendo mostrar simultaneamente diferentes pontos de vista de uma mesma situação. Assim, no mesmo espaço, muda-se a configuração de mão, os sinais e as expressões, e o entendimento fica cada vez mais claro. Com isso, afirma-se que a utilização do VV, assim como seu entendimento, é comum a toda e qualquer pessoa que tem contato com a língua de sinais. Já a utilização dos classificadores é mais bem entendida e utilizada por quem estuda e vive a cultura surda.

### **5.3.9 Sinais simetria**

O recurso da simetria é muito presente na contação de histórias e poemas. O foco desta dissertação é a contação de histórias, sendo a simetria um recurso estético que embeleza a narrativa, contribuindo para prender a atenção do público. A simetria está basicamente relacionada ao equilíbrio rítmico e à composição estética da narrativa ao utilizar ambas as mãos. É assimétrico, por exemplo, ter vários sinais que utilizam ambas as mãos como morfemas e, de repente, na mesma frase, apenas uma mão para um sinal.

A estética da simetria confere também intensidade e enriquecimento visual do espaço, tempo e temas. Utilizar simetricamente as mãos pode indicar: composição visual dos personagens; localização espacial de sujeitos ou objetos; contraste entre sujeitos ou objetos; simultaneidade de ações. Portanto, a simetria pode ocorrer em sujeitos, verbos e objetos. Importante ressaltar que o termo “simetria” pode ser encontrado em outros campos de estudo, como o linguístico, porém com conceitos diferentes.

A simetria no campo literário está relacionada ao valor estético do corpo em movimentos equilibrados visual e espacialmente. Anteriormente, foram explicados recursos estéticos literários, como: incorporação, classificadores, antropomorfismo, visual vernacular; é possível retomar os exemplos e perceber a predominância na utilização das duas mãos.

### **5.3.10 Onomatopeia**

As onomatopeias são recursos importantíssimos para a comunidade surda, apesar de muitos não as considerarem relevantes por serem recursos linguísticos que carregam

marcas sonoras provenientes da cultura ouvinte. No entanto, defendo que a apresentação dos recursos sonoros é fundamental para as crianças surdas entenderem a presença e os significados sonoros que estão presentes no mundo, apesar de não escutarem. Os sons são manifestados no mundo de diversas formas, sendo possível percebê-los por meio de manifestações visuais em objetos ou até mesmo nas reações das pessoas; isso caracteriza as vivências interculturais entre o mundo ouvinte e os surdos. Portanto, contemplar os sons na tradução por meio de adaptações visuais, incorporações dos sons por meio de expressões corporais ou até mesmo datilologia/soletração manual é fundamental para o entendimento do mundo sonoro por crianças surdas.

A soletração manual/datilologia é um empréstimo linguístico por utilizar a estrutura alfabética da língua portuguesa por meio de configurações de mãos na Libras. O uso da soletração indica termos que não possuem sinais ou nomes próprios. Apesar de a criança ainda não estar alfabetizada e letrada na língua portuguesa, o contato com a língua portuguesa é fundamental, assim como o é para as crianças ouvintes que possuem contato com a língua natural, apesar de não compreenderem. A soletração pode ser abstrata em primeiro momento, até se tornar mecânica para as crianças surdas. Entretanto, quando a criança surda estiver aprendendo a ler e a escrever na língua portuguesa, ela poderá se lembrar das vivências com essa modalidade linguística; dessa forma, o contato prévio estimulará a compreensão natural da língua escrita na fase de alfabetização.

Um exemplo comum é com os sons de animais; defendo a ideia de que a soletração acompanhe a tradução independentemente da idade. Por exemplo: a vaca faz “muuu”, o porco faz “roinc-roinc”, o gato faz “miau”, o cachorro faz “au-au”; é possível seguir didaticamente com as respectivas soletrações. As expressões faciais e corporais auxiliam na percepção visual das crianças surdas, além de contribuírem na associação imaginária dos sons.

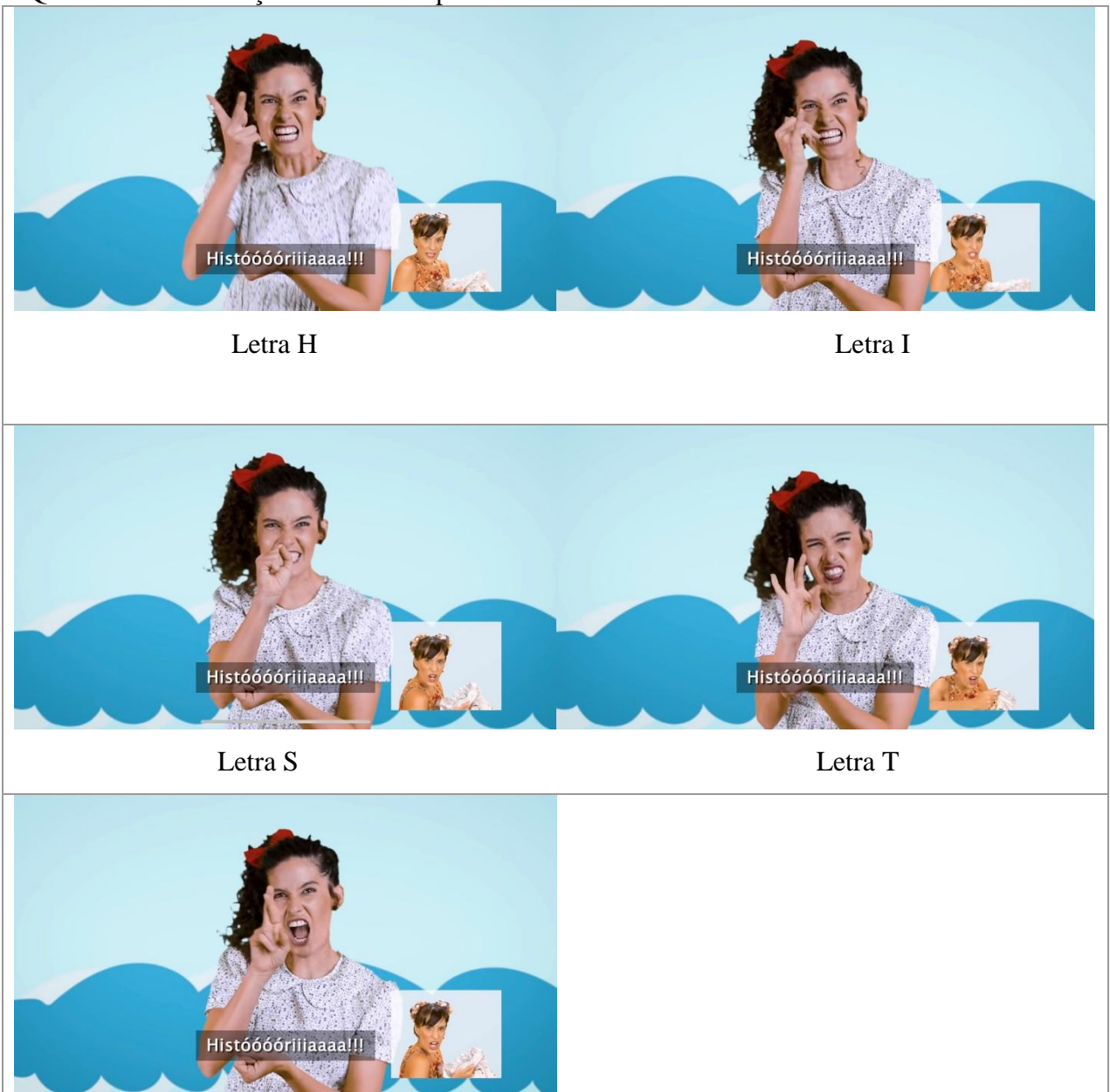
Outro exemplo é a onomatopeia “kkkk”, bastante presente após a modernização das redes sociais, que significa um estilo de gargalhada; pode ser traduzida para a Libras por meio do sinal “RIR”, neste caso, sendo uma adaptação, ou seguir a literalidade da onomatopeia soletrando a letra “K” juntamente com expressões faciais e corporais que apoiem a compreensão. Quando uma criança surda se deparar com um texto escrito em português que tiver “kkk” ou “hahaha”, ela poderá associar a partir das vivências literárias.

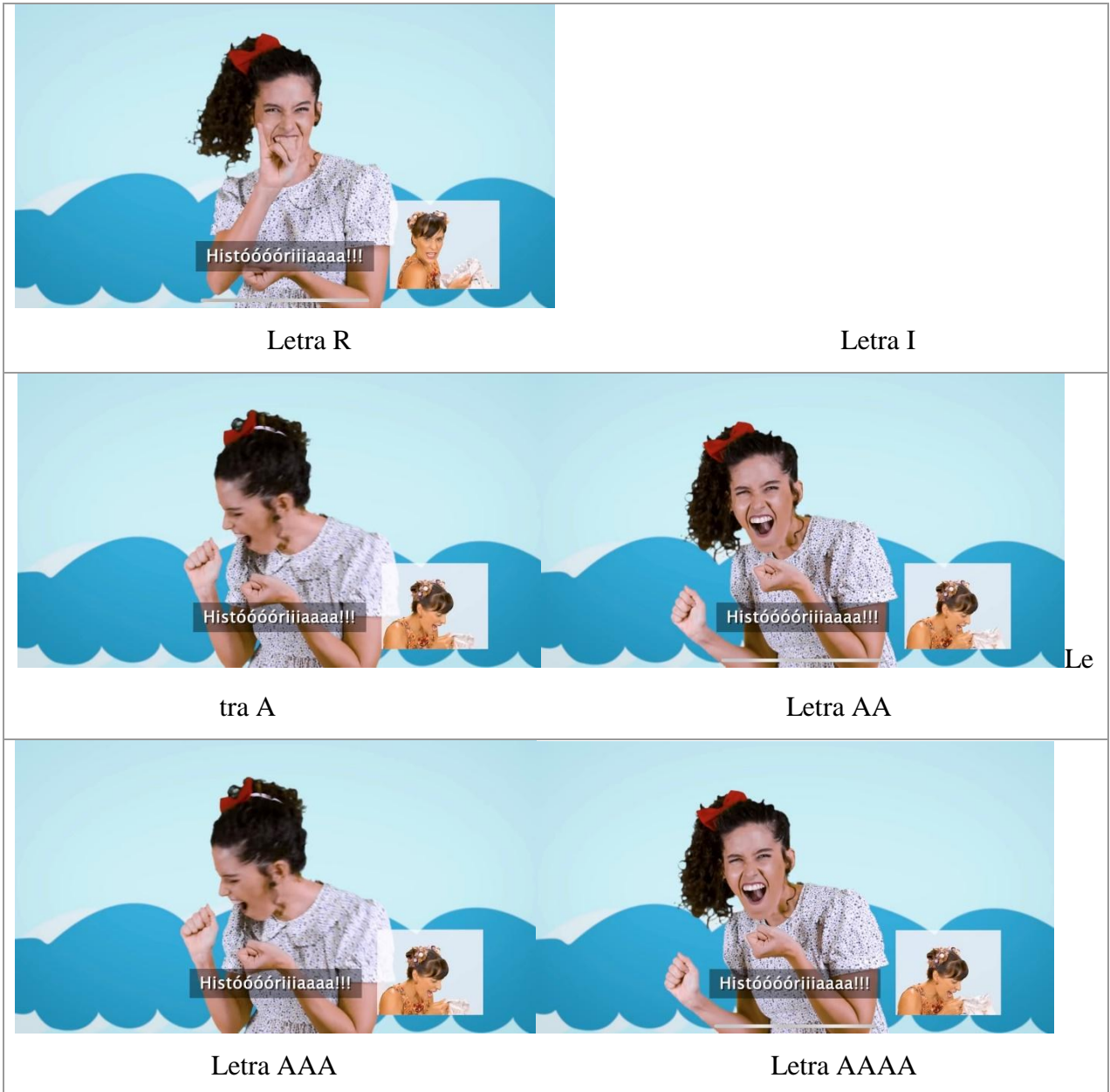
Para a tradução das onomatopeias, alguns fatores devem ser analisados, como: contexto narrativo, público presente e intuito didático da narração. O contexto narrativo está

voltado ao mundo sonoro? Há personagens surdos e ouvintes na história? O público presente tem crianças surdas e ouvintes? A onomatopeia tem significado educativo para o público?

Ainda há exemplos em que os contadores utilizam gritos ou intensidades de volume variados para chamar a atenção. Para ilustrar, cito a contação “Tudo bem ser diferente” da contadora de histórias Carol Levy; como forma didática, a artista chama a história com gritos. Eu, intérprete surda, adotei uma tradução literal por meio da soletração não manual, contemplando assim aspectos da cultura ouvinte. Veja abaixo, no Quadro 30 como ficou a tradução da chamada feita por Carol Levy:

Quadro 30 – Soletração de Onomatopeia





A opção da datilologia no exemplo do Quadro 30 contribuiu para o tempo e a coerência visual com a encenação da contadora, que ainda utiliza uma sacola mágica que, ao ser ouvida, libera novas histórias. Para a sinalização, temos alguns aspectos visuais: a expressão facial enfatizando a chamada intensa; a extensão do movimento da letra “A” no espaço, aproximando à ideia do grito; a soletração sendo feita simultaneamente com o sinal de “SACOLA” suspensa no espaço na outra mão.

No próximo capítulo, explicarei sobre as estratégias de tradução do livro “Enquanto Seu Lobo não vem”, nas quais alguns recursos estéticos até aqui explicados foram utilizados.

## 6 PROPOSTA DE TRADUÇÃO DO LIVRO INFANTIL “ENQUANTO SEU LOBO NÃO VEM”

Este capítulo é o centro do nosso trabalho. É onde apresentamos a nossa proposta de tradução do livro infantil “Enquanto Seu Lobo não vem”, de Silvana Rando, publicado pela editora Leiturinha em 2020. Como já dito, esse livro originalmente não é Literatura Surda, mas a tradução dele, sim, que é justamente o nosso produto.

O *corpus* da pesquisa é um clássico da literatura infantil, o conto “Enquanto Seu Lobo não vem”, oriundo de uma cantiga de rodas da tradição latina, de autor desconhecido. Por se tratar de um gênero oral, apresenta variações nas diferentes versões nos diversos gêneros textuais, mantendo a estrutura original, em que há sempre a presença do Lobo e de outros animais. A trama geral gira em torno de filhotes que estão brincando na floresta enquanto o Lobo não está lá. E, de tempos em tempos, param a brincadeira para ir até a casa do Lobo para saberem o que ele está fazendo, levando o leitor a pensar que o Lobo é mau, corroborando a sua figura na tradução literária. Então, podem aferir que os filhotes estão brincando e querem saber por quanto tempo podem ficar ali tranquilos, sem medo. Porém, ao final, é descoberto que eles estão brincando, mas também estão esperando o Lobo para brincarem juntos. A versão escolhida para a dissertação é a edição da editora Leiturinha, de 2020, adaptada e ilustrada por Silvana Rando.

Como estratégias tradutórias para o título do livro “Enquanto Seu Lobo não vem”, é possível adotar três: soletrar o título utilizando o alfabeto manual/datilologia, traduzir literalmente por meio de sinais ou traduzir apresentando os significados nas entrelinhas. As três estratégias são importantes e válidas, não apenas para o público infantil e não apenas para contações de histórias; elas podem ser aplicadas em diferentes contextos. Veja na imagem abaixo a capa do livro.

Figura 6 – Capa do livro  
“Enquanto Seu Lobo não vem”



Fonte: Rando (2020).

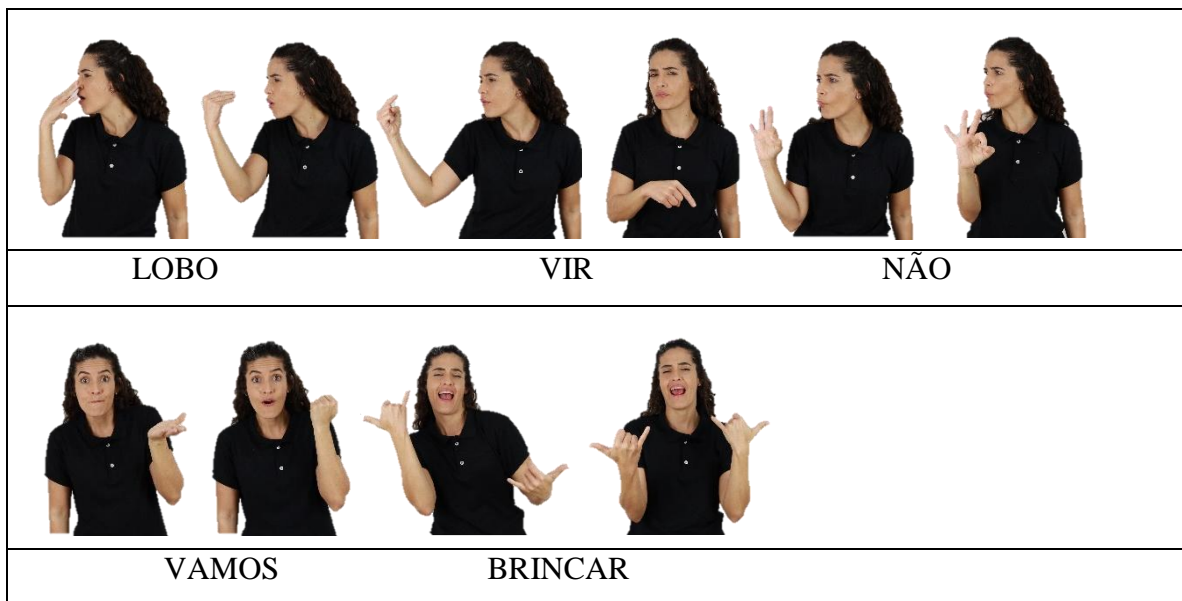
Analisar o título e escolher a estratégia é fundamental, pois pode-se traduzir o título com diferentes didáticas ou até mesmo fazendo escolhas cujas referências visuais não são coerentes com a imagética adotada pelo livro. Didaticamente, soletrar o título permite que as crianças atentem para o português, independentemente de já serem alfabetizadas e/ou letradas, pois a soletração manual/datilologia indicará a presença de outra língua. Ter contato com a língua portuguesa e suas influências linguísticas é importante desde a infância, pois assim, ao crescer, a criança, adolescente, jovem e até mesmo o adulto surdo será empoderado da língua e terá aprimorado a aquisição. Excluir a soletração como estratégia pode prejudicar a aquisição e o contato linguístico de surdos. A contação de histórias pode ser um recurso didático para o ensino da língua portuguesa como segunda língua.

Com relação à segunda estratégia, a visualidade do título é mais enriquecida, pois, ao priorizar o uso dos sinais da Libras, os significados serão mais facilmente percebidos pelo público devido à potencialidade linguística e às experiências visuais da comunidade surda, como explicado no desenvolvimento teórico desta dissertação. No entanto, percebe-se que alguns sinais, como “ENQUANTO”, apesar de serem sinalizados com equivalência a “QUANDO”, ainda carecem de visualidade; da mesma forma, “SEU”, que não deve ser traduzido como pronome possessivo, mas como de tratamento; e o verbo na negação “NÃO VEM”, além do movimento negativo de cabeça, ainda são sinalizados separadamente o verbo e advérbio de negação.

Percebe-se que, apesar de haver sinais para cada termo do título, ainda há a problemática dos significados. Como dito anteriormente, o termo “ENQUANTO” pode ser traduzido com equivalência a “QUANDO”, porém a estrutura sintática não fica significativa ao público “LOBO NÃO VEM QUANDO?”. Partindo dessa reflexão, opto por sinalizar



“LOBO NÃO VEM, VAMOS BRINCAR?”. A segunda forma de sinalizar demonstra a sensibilidade cultural da tradução, tornando o advérbio de tempo “ENQUANTO” significativo para a criança. O significado entrelinhas do título é: o Lobo não está aqui, então posso brincar, porque quando ele chegar vai ser diferente. A sinalização ainda pode ser mais devagar, com entonação, sendo convidativa ao público; no primeiro período “LOBO NÃO VEM”, podemos sinalizar ainda procurando o Lobo no espaço imaginativo. Veja a seguir os sinais adotados para traduzir a capa do livro, perceba a espacialidade e as expressões faciais acompanhando cada sinal.



Na primeira página do livro, temos a seguinte narrativa: “vamos brincar na floresta, enquanto Seu Lobo não vem”. Veja abaixo a ilustração da página, pois ela é fundamental para enriquecer e referenciar as escolhas tradutórias. Contemplar a cultura surda na tradução requer analisar a composição imagética. No caso, o sinal de FLORESTA introduzirá a tradução, situando os leitores e implicitamente respondendo ao título, pois não ficou claro aonde o Lobo iria chegar. Na ilustração, temos quatro personagens animais: Macaco, Ovelha, Zebra e Porco. Caso seja uma contação de histórias, ainda é possível perguntar ao público quem irá brincar na floresta, referenciando a ilustração e convidando o público a interagir com a tradução, tomando as respostas em sinais de cada personagem.

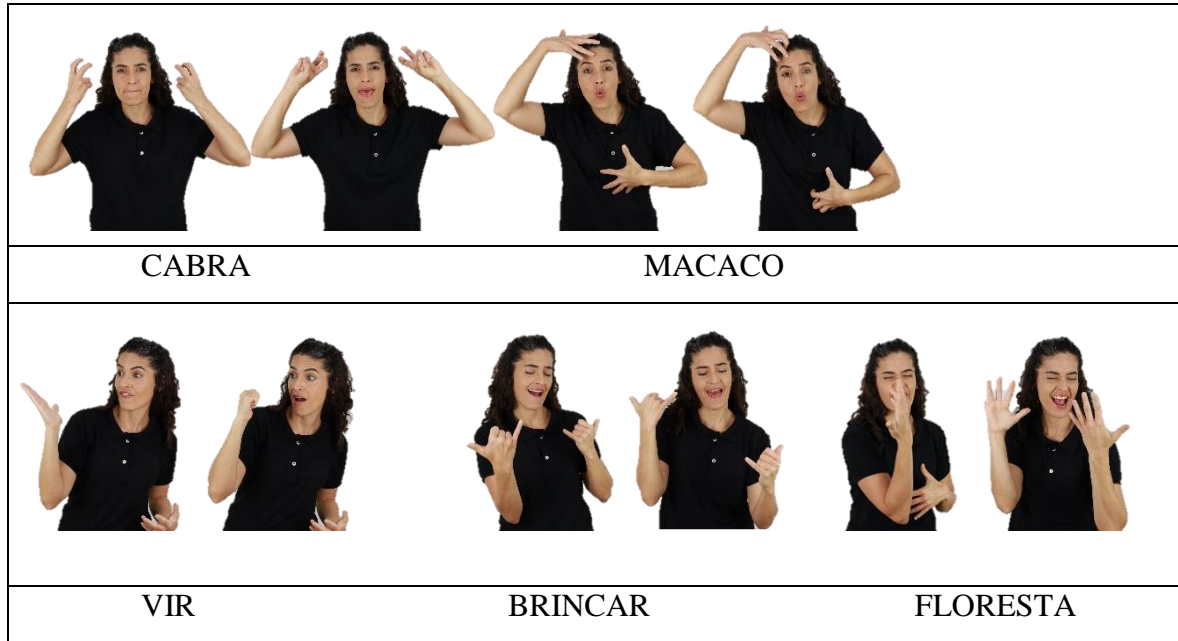
Figura 7 – Primeira página do livro



Fonte: Rando (2020).

Novamente, o termo “ENQUANTO” aparece. Nessa página, não será contemplado por sinal, mas será adaptado ao verbo “BRINCAR” adotado no título. Além disso, o aspecto temporal será contemplado na repetição do sinal “FLORESTA” posto inicialmente, com isso transparecendo a noção de tempo e estado dos personagens no local. Outra estratégia que poderá ser adotada é a alteração na ordem das frases, para que a sequencialidade visual das frases seja contemplada na Libras. Veja a seguir a sequência adotada:

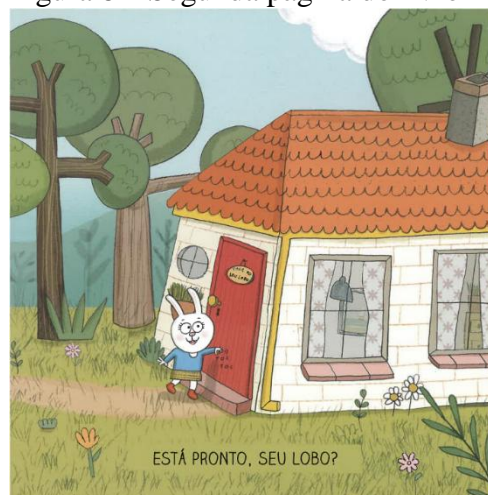




O sinal de “FLORESTA” foi repetido no final para situar novamente o verbo “BRINCAR”. Ora, “onde as crianças iriam brincar?”; na ilustração está claro que seria na floresta, por isso a necessidade de contemplar o visual das ilustrações nas escolhas tradutórias. Os sinais de cada personagem foram acompanhados por expressões faciais e movimentação corporal coerente com o visual dos animais, além do que as duas mãos foram utilizadas para causar mais dinâmica na sinalização.

Na segunda página, deparei-me com a estrutura do português diferente da Libras, o que exigiu tomar decisões tradutórias para evitar o português sinalizado. Veja a página seguinte:

Figura 8 – Segunda página do livro



Fonte: Rando (2020).

Para a tradução, foi necessário incorporar a ilustração na sinalização, desta vez utilizando a incorporação da personagem Coelho e a disposição espacial da casa, enfatizando a porta, que é o ponto de ação da narrativa. A palavra “LOBO” está presente na frase como vocativo, seguindo a estrutura sintática do português, mas para as crianças surdas não fica claro que o Coelho está chamando o Lobo, por isso é importante destacar o Lobo como sujeito da oração por meio de uma pergunta no final da sentença: “cadê você?”, novamente tornando a sequencialidade da frase diferente. Veja a seguir a sequência adotada:



As expressões faciais sempre acompanham a sinalização. Destaco a expressão bucal no verbo “BATER”, contemplando a sonoridade visual da Libras. O grito, apesar de não estar explícito na ilustração, ainda foi utilizado como recurso da cultura ouvinte, tendo em vista que as crianças surdas veem pessoas sendo chamadas. Não foi utilizado o sinal de “GRITO” em Libras, mas escolhi uma ilustração corporal baseada em percepções sobre o corpo dos ouvintes em situações sociais. Diante desse recurso do GRITO/CHAMAR, a tradução perpassa valores sociais, compreensão de hábitos culturais entre ouvintes e surdos, sendo, portanto, um elemento transcultural adotado que convida as crianças a perceberem o mundo à sua volta na narrativa. O sinal “LOBO” foi criativamente sinalizado como se ecoasse do grito.

Após contemplar a sinalização da sentença na página, é possível retornar à imagem do Coelho, acrescentando a narrativa em Libras e retomando o personagem à brincadeira. Esse complemento narrativo torna mais significativo o advérbio de tempo “ENQUANTO”, não sinalizado por sinais específicos, mas implicitamente presente durante

toda a narrativa. Enfim, para a tradução da página, foram utilizadas: informações das ilustrações na tradução, classificadores por meio de incorporações, expressões faciais, mudança na sequência dos termos da frase e acréscimo de informações na frase.

Na terceira página, a frase em português não oferece imagens; o lobo diz estar acordando, porém, a partir da ilustração, vemos a cama. Na tradução, ainda são contempladas expressões vocais, deixando explícito que o lobo se comunica como ouvinte, dando coerência textual ao chamado da coelhinha. Veja a página abaixo:

Figura 9 – Terceira página do livro



Fonte: Rando (2020).

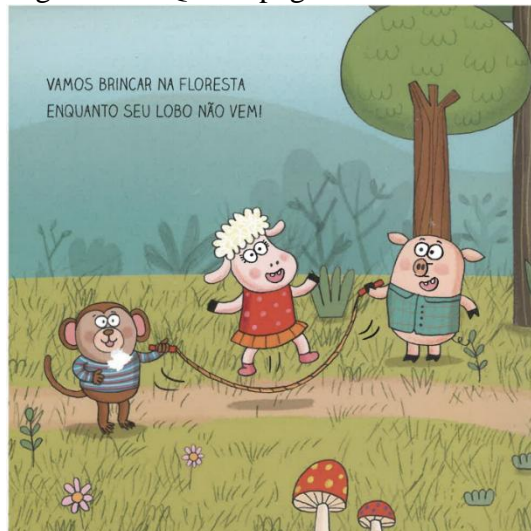
Outro ponto interessante para a tradução é o gerúndio do verbo “ACORDAR”, que deve ser contemplado nas escolhas visuais do verbo a partir de uma movimentação mais lenta da configuração da mão, indicando a abertura dos olhos devagar. Veja a seguir a sinalização e note que o verbo acompanha, como acréscimo, um advérbio de modo por meio de expressões faciais e corporais, dando a ideia imagética do lobo acordando de modo preguiçoso e incomodado.



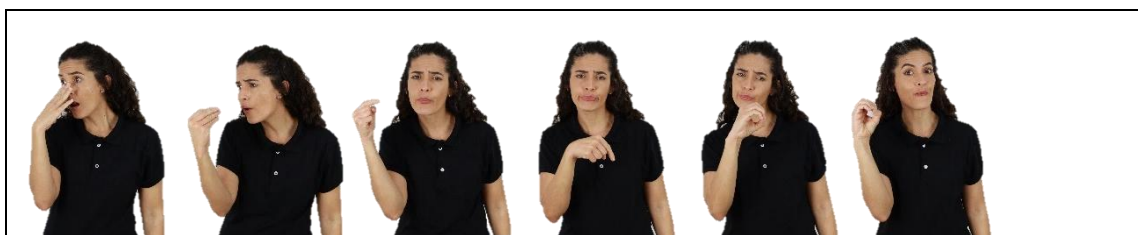


Retomando a construção visual da primeira página (os personagens brincando na floresta), está a tradução da quarta página, mas diferenciando o modo de brincar, que agora é pulando corda. Os personagens são sinalizados em seus respectivos posicionamentos conforme ilustração, para tanto o uso da rotação de tronco e a incorporação dos verbos foram necessários. A ordem de sinalização dos animais seguiu a lógica de estabelecimento das ações: primeiro os animais que estavam bombeando a corda (MACACO, PORCO, CORDA-DOIS-LADOS); por último, a Ovelha, que estava pulando. Essa estratégia é importante porque a Libras é uma língua visual-espacial que permite a compreensão imagética do cenário. Caso fosse em ordem, o Macaco estaria bombeando a corda sozinho em primeiro momento, porque o Porco seria o último animal a ser alocado.

Figura 10 – Quarta página do livro



Fonte: Rando (2020).

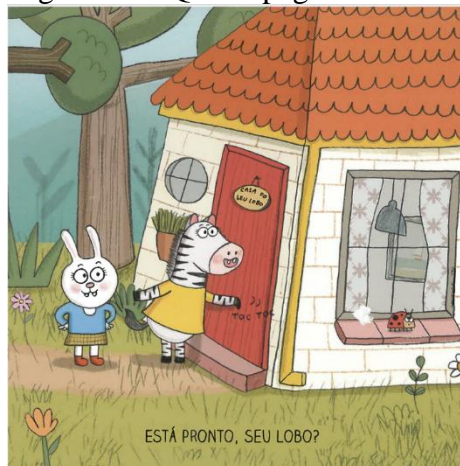


|  |  |   |
|--|--|---|
| LOBO   | VIR  | NÃO   |
|  |  |   |
| VAMOS  | BRINCAR  | FLORESTA  |
|   |  |  |
| MACACO   | PORCO  | PULAR CORDA   |
|  |  |  |
| OS DOIS SEGURANDO CORDA  | CABRA  | PULAR   |

Destaco novamente a ordem das frases, pois há a condição de o Lobo não estar na floresta ao verbo “BRINCAR”. As mudanças de ordem são propositais para associação dos fatores pelas crianças surdas, além de não concluir a narrativa. Proporcionar pontos de atenção ao sequenciar sentenças contribui para que as crianças acompanhem toda a narrativa sem perder interesse.

A quinta página retoma a ideia de o Coelho bater à porta do Lobo (segunda página), mas agora junto com a Zebra. A disposição corporal é fundamental para incorporar os dois personagens e indicar as características de cada um, enquanto a rotação de tronco foi um recurso linguístico utilizado para alocar os personagens; a expressão facial diferenciou as características do Coelho e da Zebra. Veja a seguir:

Figura 11 – Quinta página do livro



Fonte: Rando (2020).

|             |  |                      |       |  |  |
|-------------|--|----------------------|-------|--|--|
|             |  |                      |       |  |  |
| COELHO      |  |                      | ZEBRA |  |  |
|             |  |                      |       |  |  |
| BATER PORTA |  | GRITAR: LOBO CADÊ... |       |  |  |
|             |  |                      |       |  |  |
| ...VOCÊ?    |  |                      |       |  |  |

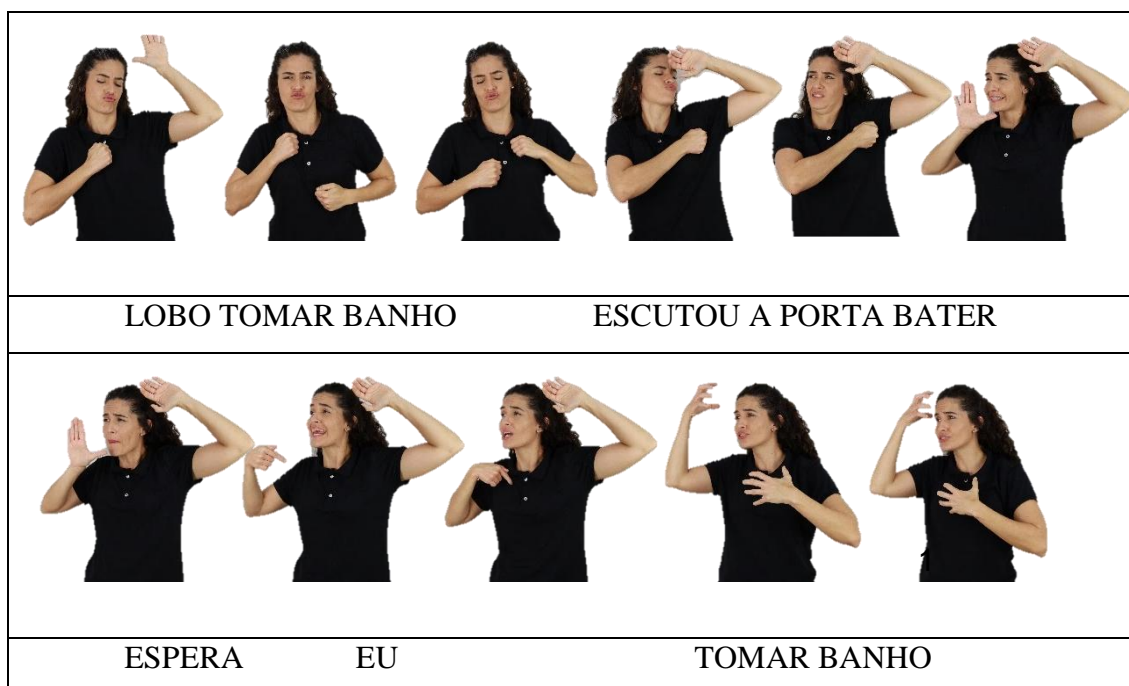
A sexta página retoma a estratégia da terceira página para contemplar a ideia do gerúndio, agora no verbo “TOMAR”: sinalização mais lenta, incorporação de ações ao tomar banho referenciando a ducha e esponja. Como acréscimo, o verbo “ESPERAR” contribui com a circunstância do gerúndio.



Figura 12 – Sexta página do livro

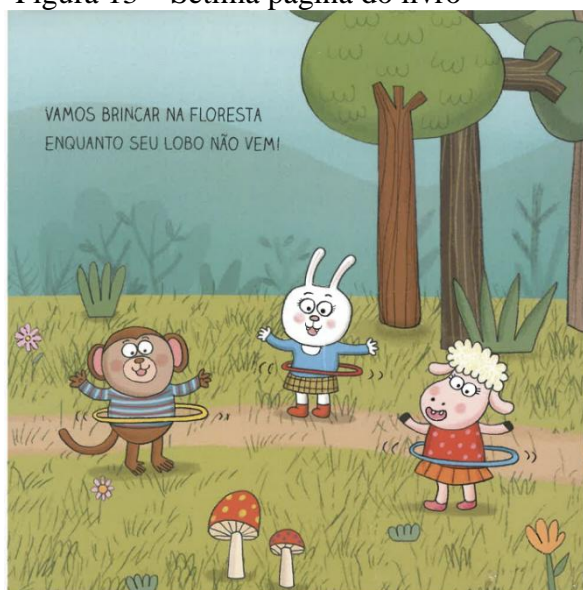


Fonte: Rando (2020).



A sétima página retoma a sinalização da quarta página, alterando a forma de brincar, que agora é com bambolês. Novamente: a condição do seu Lobo não estar presente, o local da narrativa sendo a floresta, a alocação dos personagens seguindo a ilustração, a incorporação do brincar. Veja a seguir:

Figura 13 – Sétima página do livro



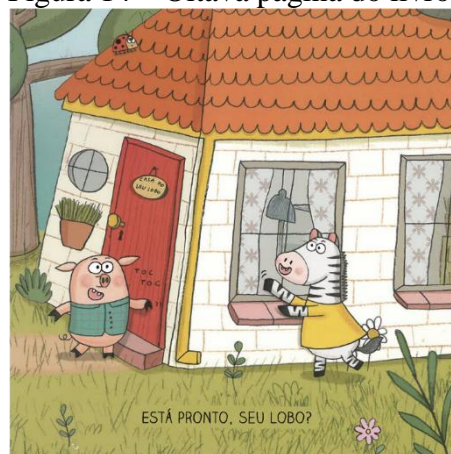
Fonte: Rando (2020).

|        |         |          |
|--------|---------|----------|
|        |         |          |
| LOBO   | VIR     | NÃO      |
|        |         |          |
| VAMOS  | BRINCAR | FLORESTA |
|        |         |          |
| MACACO | COELHO  | CABRA    |



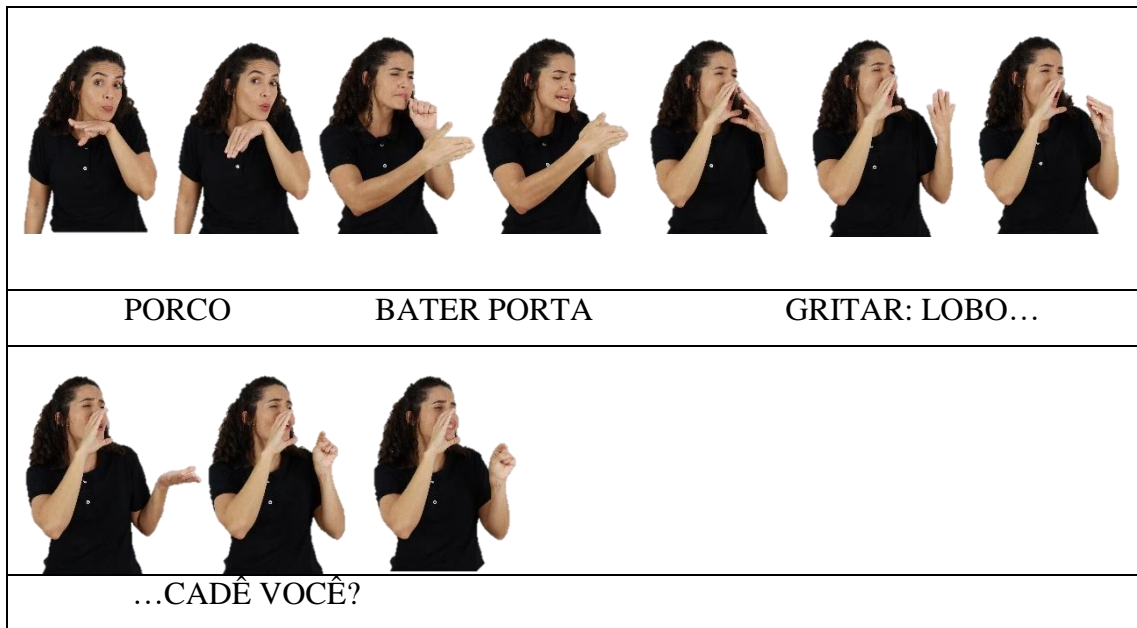
Para a tradução da oitava página, é necessário posicionar os dois personagens que estão em pontos espaciais distintos. Para tanto, utilizarei a rotação de tronco. O adjetivo “CURIOSA” para a Zebra precisa ser incorporado por meio da inclinação do tronco para frente, mostrando o interesse do personagem em ver o que há dentro da casa, enquanto o Porco é incorporado batendo e chamando o Lobo à porta, assim como na segunda e quinta páginas. Veja a seguir:

Figura 14 – Oitava página do livro



Fonte: Rando (2020).





Na nona página, notei a simultaneidade nos seguintes sinais: “ESCOVAR”, “ESPERAR” e “DENTINHOS”. Manter o sinal de “ESCOVA” contribui para a ideia de o Lobo estar ouvindo os gritos e, em seguida, falando enquanto escova os dentes, contemplando o gerúndio do verbo “ESCOVAR”, além de ser coerente com a ilustração. Veja a imagem abaixo:

Figura 15 – Nona página do livro



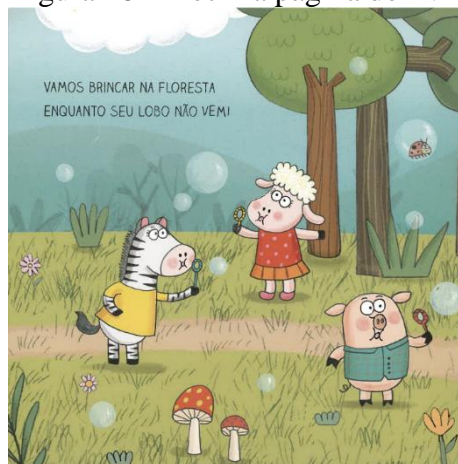
Fonte: Rando (2020).

A Libras é uma língua visual-espacial cujos sinais podem ser enunciados simultaneamente por meio das diferentes mãos, que são canais linguísticos, o que não é possível com os fonemas nas línguas orais. Na tradução da nona página, o sinal de “ESCOVA” fica suspenso no ar enquanto a outra mão sinaliza “espera, meus dentinhos”, veja a seguir:



A décima página retoma a sinalização da quarta e sétima páginas, alterando a forma de brincar, que agora é com bolinhas de sabão. Para sinalizar a forma de brincar, foi utilizado um classificador instrumental, isto é, refletindo a forma de utilizar o objeto. Outro recurso linguístico utilizado é o classificador de plural para as bolinhas de sabão flutuando no espaço, seguindo a construção visual da ilustração. Veja a seguir:

Figura 16 – Décima página do livro

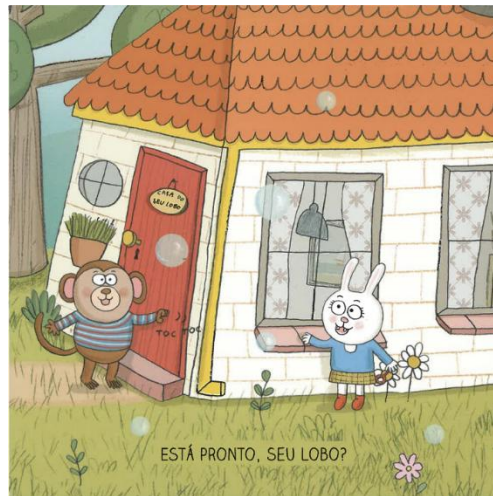


Fonte: Rando (2020).



Para a tradução da décima primeira página, é necessário posicionar os dois personagens que estão em pontos espaciais distintos. Para tanto, utilizei a rotação de tronco. Enquanto na oitava página a Zebra estava curiosa, agora é o Coelho quem está. O adjetivo “CURIOSO” manifestou-se pela disposição corporal do tronco encurvado, olhar cerrado e movimento da cabeça como se procurasse ver algo.

Figura 17 – Décima primeira página do livro



Fonte: Rando (2020).

|             |  |                      |  |        |  |
|-------------|--|----------------------|--|--------|--|
|             |  |                      |  |        |  |
| COELHO      |  | CURIAR JANELA        |  | MACACO |  |
|             |  |                      |  |        |  |
| BATER PORTA |  | GRITAR: LOBO CADÊ... |  |        |  |
|             |  |                      |  |        |  |
| ...VOCÊ?    |  |                      |  |        |  |

Na tradução da décima segunda página, utilizei a verbo-visualidade para indicar o chapéu no personagem. Para tanto, empreguei um classificador descritivo, levando em conta o formato do chapéu. A ação de abrir o chapéu e posicioná-lo na cabeça é visualmente didática para as crianças entenderem como fazê-lo. Da mesma forma que na décima primeira página,

há simultaneidade na fala “espera, eu colocando”, pois, enquanto uma mão fica suspensa segurando o chapéu, a outra sinaliza os sinais. Veja abaixo a ilustração e a tradução:

Figura 18 – Décima segunda página do livro



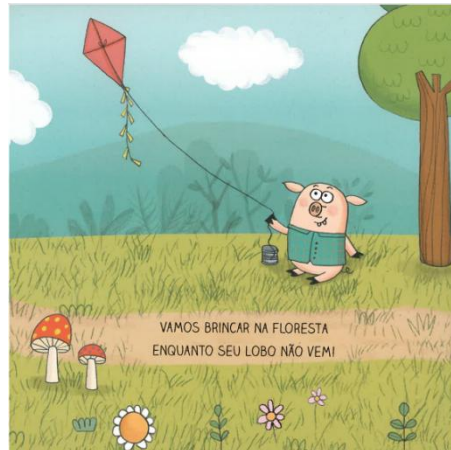
Fonte: Rando (2020).

|  |  |        |  |  |
|--|--|--------|--|--|
|  |  |        |  |  |
| COLOCAR TOQUE BLANCHE (CHAPÉU COZINHEIRO)    |  |        |  |  |
|  |  |        |  |  |
| ESCUTAR GRITO                                |  | ESPERA |  |  |
|  |  |        |  |  |
| EU COLOCAR TOQUE BLANCHE (CHAPÉU COZINHEIRO) |  |        |  |  |

Na décima terceira página, retomamos a sinalização das páginas anteriores em que os personagens estão brincando na floresta. Entretanto, apenas o Porco está presente e brincando com uma pipa. Veja a ilustração abaixo:



Figura 19 – Décima terceira página do livro



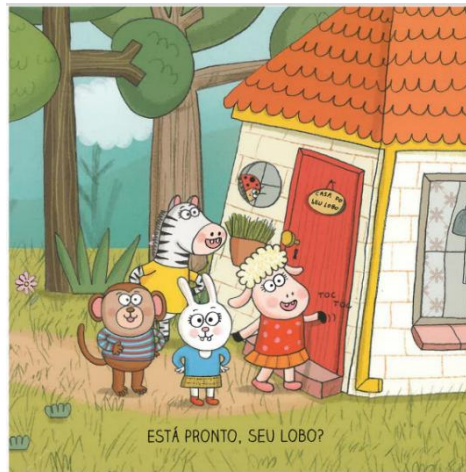
Fonte: Rando (2020).

O sinal de “PIPA” é icônico, sendo destacado corporalmente com a incorporação do personagem repetidamente com a pipa. Veja a sequência da tradução, relembrando a condição de o Lobo não estar presente na floresta.

|       |         |          |
|-------|---------|----------|
|       |         |          |
| LOBO  | VIR     | NÃO      |
|       |         |          |
| VAMOS | BRINCAR | FLORESTA |
|       |         |          |
| PORCO | PIPA    |          |

Na décima quarta página, a sinalização dos quatro personagens é necessária, tendo em vista a ilustração. O último animal a ser sinalizado é o que bate à porta, a Ovelha, para aproximar ao sinal de “ESPERAR”. Tendo em vista a quantidade de personagens, é necessário organizar os sinais e fazê-los pausadamente para não prejudicar a memória das crianças. Veja a ilustração abaixo:

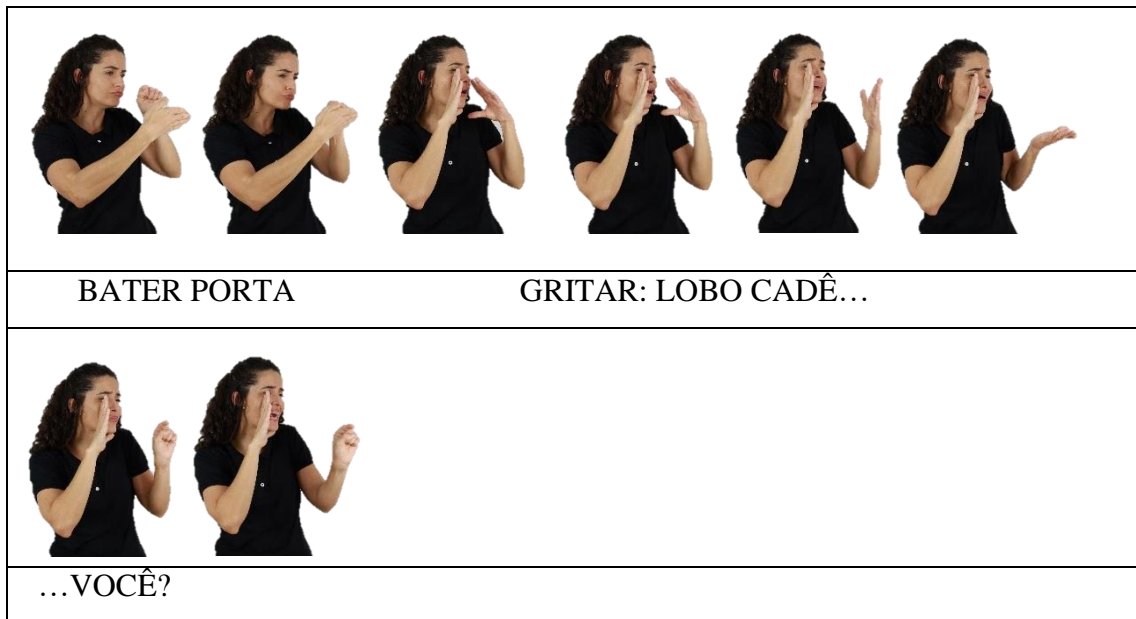
Figura 20 – Décima quarta página do livro



Fonte: Rando (2020).

Perceba que o verbo “ESPERAR” foi sinalizado não pelo sinal em Libras, mas por expressão corporal. O olhar e a movimentação demonstram inquietude durante a espera.





Na décima quinta página, o Lobo está na cozinha, preparando uma comida. A ilustração permite inferir o estado da cozinha. Para enriquecer visualmente a tradução, iniciei alocando o visual da cozinha, sinalizando: “PANELA GRANDE”, “FOGÃO” e “COZINHAR”. Veja a ilustração abaixo:

Figura 21 – Décima quinta página do livro



Fonte: Rando (2020).

Para a tradução, acrescentei o sinal de “CHEIRO BOM”, proporcionando valor sentimental à imagem. Para intensificar o cheiro, os ombros foram levemente levantados e uma expressão facial adequada foi utilizada. A sequência é fundamental para contemplar a visualidade em que a cultura surda é embasada. Caso fosse sinalizado primeiro o chamado e depois o Lobo cozinhando, não teria sentido lógico. Por isso, novamente ocorre a simultaneidade dos sinais “CHEIRO” e a expressão facial-corporal, indicando que o Lobo ouviu o chamado dos animais. A tradução finaliza com a fala do Lobo “estou preparando uma

surpresa”. No entanto, para a estrutura visual, a sinalização em Libras ficou “eu preparando surpresa”. Veja a tradução abaixo:



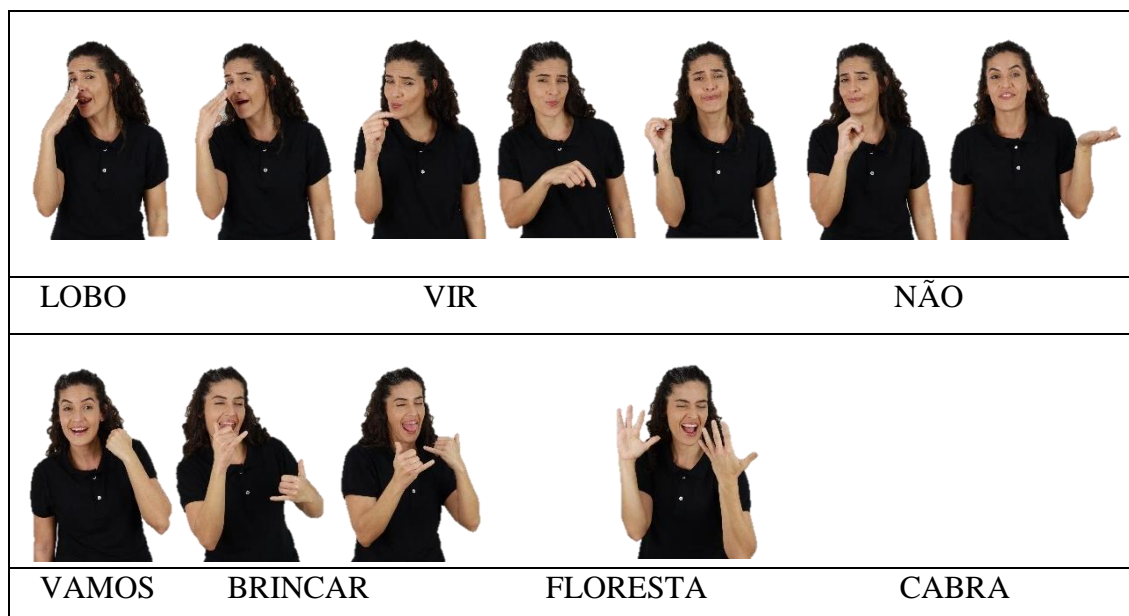
Na décima sexta página, cada ação dos personagens deve ser sinalizada, ordenadamente no espaço: a Ovelha se esconde, o Macaco e o Porco correm da Zebra, que está vendada, procurando os amigos. A brincadeira é cabra cega, sendo uma brincadeira típica dos ouvintes que se norteiam pelo som e tato para achar os demais. Veja a ilustração a seguir:

Figura 22 – Décima sexta página do livro



Fonte: Rando (2020).

Explicar como ocorre a brincadeira é fundamental, sendo uma explicação sucinta e incorporada na tradução. Perceba, por exemplo, a rotação do tronco para direções diferentes do espaço, indicando que a Ovelha, o Macaco e o Porco fogem da Zebra. Além disso, é sinalizado que a própria Zebra amarrou a venda em si, indicando que faz parte da brincadeira. O sinal de “PROCURAR” é sinalizado corporalmente por meio da movimentação da Zebra para os lados, a fim de encontrar os demais animais. Veja a seguir:



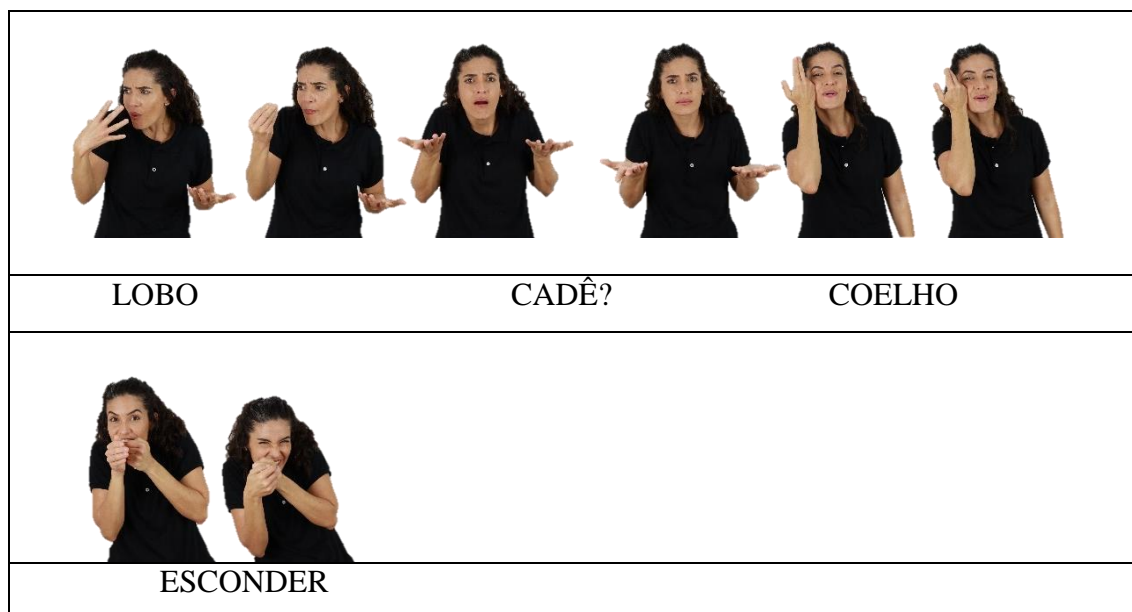


Diferentemente das páginas anteriores, a décima sétima página estrutura a frase de forma diferente, indicando que a fala é do personagem, e não do narrador. Veja a disposição corporal, com os ombros levantados e o tronco inclinado durante toda a tradução, indicando que quem fala é o Coelho, que está escondido.

Figura 23 – Décima sétima página do livro



Fonte: Rando (2020).



Perceba que na décima oitava página, a disposição do Lobo está para o lado, sendo assim, a tradução contemplou a direção por meio do tronco. Veja a ilustração a seguir:

Figura 24 – Décima oitava página do livro



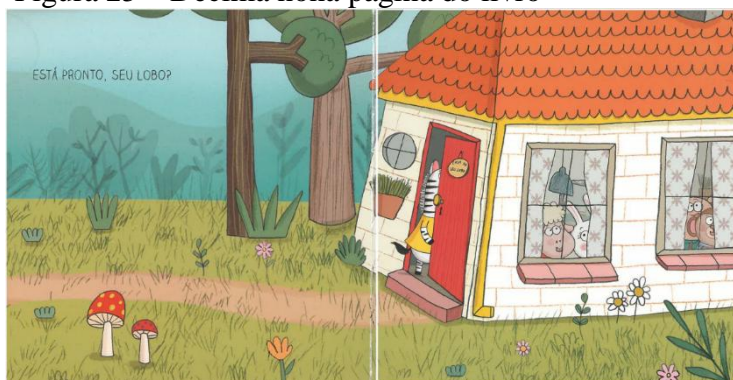
Fonte: Rando (2020).

A sinalização do Lobo abrindo a porta é lenta, contemplando o gerúndio. Além disso, as expressões faciais indicam cautela do Lobo ao lentamente se mover em direção à porta. A expressão facial no sinal “FOME” enfatiza o sentimento do Lobo, assim como a expressão facial.

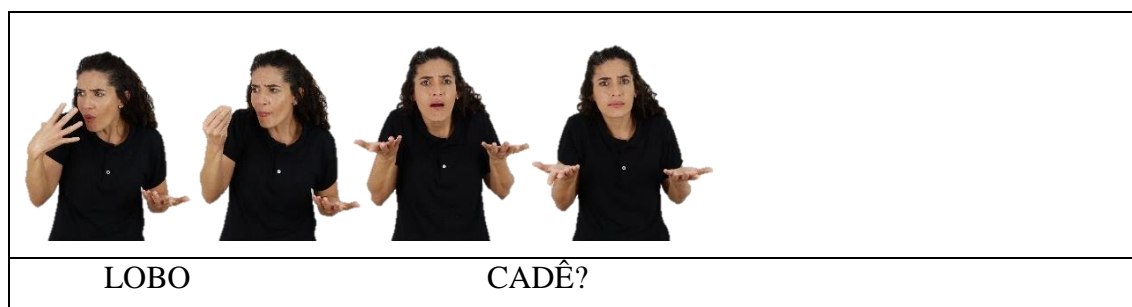


Apesar de a frase da décima nona página ter sido apresentada anteriormente, a ilustração traz novas informações: os animais entrando na casa. Nesse sentido, para complementar a tradução, acrescento os personagens entrando na casa. Veja a ilustração e a tradução abaixo:

Figura 25 – Décima nona página do livro



Fonte: Rando (2020).







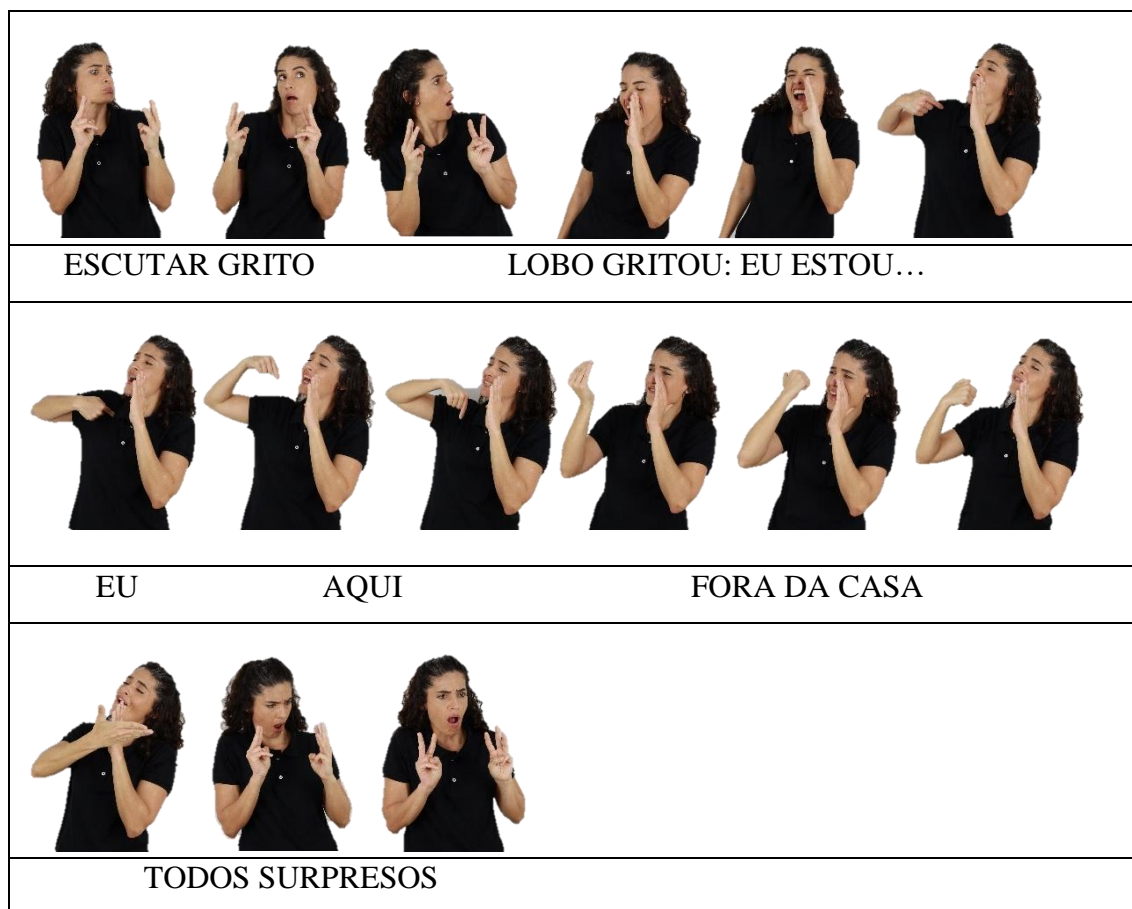
Dentro da casa, na vigésima página, os personagens procuram o lobo. A expressão facial dos animais demonstra espanto, além da legenda “Ué? Cadê o Seu Lobo?”, na tradução sendo contemplado pelo verbo “PROCURAR”, especialmente sinalizado, indicando os vários olhares dos personagens. A pergunta “LOBO CADÊ?” é sinalizada olhando para o público, dinamizando a participação do público. Veja a ilustração e a tradução abaixo:

Figura 26 – Vigésima página do livro



Fonte: Rando (2020).





Ainda sobre a tradução da vigésima página, há utilização de classificador de entidade referenciando os quatro personagens. Veja na imagem “ESCUTAR GRITO”, os animais olham uns para os outros ao ouvirem a voz do Lobo. Para a tradução, percebo que a ilustração, que é uma imagem estática, torna-se mais dinâmica, porque os animais procurando o Lobo são acrescentados. O estado de surpresa é apresentado pelas expressões faciais ainda na ação de procurar o Lobo, e os animais são postos olhando uns para os outros, espantados ao ouvir o Lobo. Além disso, o Lobo, que não está na ilustração, é incorporado pela tradutora para indicar sua fala.

Por fim, na vigésima primeira página, todo o cenário é sinalizado, contribuindo para a imersão do público no cenário. A ação de “COLOCAR MESA” deu sentido ao trabalho que o Lobo teve durante toda a história. Outro fator fundamental é analisar a disposição dos personagens, para que a rotação do tronco seja realizada durante a tradução, construindo assim o cenário enriquecido visualmente e organizado. Veja a ilustração abaixo:

Figura 27 – Vigésima primeira página do livro



Fonte: Rando (2020).

É válido destacar que foram utilizados classificadores de plural para indicar a quantidade de pratos, copos e garfos. A vibração dos personagens foi incorporada e traduzida pelo sinal de “LEGAL”. A frase “bom apetite” foi traduzida por “vamos comer, bom!”. Veja os elementos explicados na tradução abaixo:





Diante dessas explicações, os elementos mais utilizados para contemplar a visualidade da Libras foram: incorporação dos personagens, expressões faciais e corporais, organização espacial e classificadores. Não foi utilizado o antropomorfismo e o visual vernacular, embora sejam estratégias válidas para a tradução dessa história. Em resumo, destaca-se que a tradução não segue apenas a estrutura do português ou as informações dispostas nas sentenças, mas é importante enriquecer a estética visual trazendo à tradução elementos das ilustrações.

Outro ponto interessante a ser destacado na tradução do livro é a utilização de estratégias para torná-la intercultural. A tradução intercultural permite contemplar recursos de diferentes culturas, como aspectos da cultura ouvinte, ensinando às crianças surdas questões socioculturais. Durante a tradução, elementos como chamar pela voz alta, bater à porta e a brincadeira de olhos vendados são fatores comuns aos hábitos dos ouvintes e não foram necessariamente descartados da tradução, mas contemplados, apesar da estranheza cultural que podem causar às crianças surdas.

O livro não tem nomes para cada personagem, mas constantemente foram sinalizados os sinais correspondentes de cada animal. A criação de sinais para personagens

específicos pode ser realizada, desde que haja estudo, preparo e identidade visual para o personagem, o que não foi o caso do livro “Enquanto Seu Lobo não vem”.

A repetição dos sinais dos animais, assim como a estrutura frasal repetida em algumas páginas, permite a memorização, o aprendizado e a participação das crianças. Com isso, a repetição não é necessariamente algo negativo em uma tradução.

Outro destaque é a alteração na estruturação frasal na maioria das frases, considerando a ordem de fatores, ações e condições entrelinhas da narração. Houve ocorrência de acréscimos de sinais às frases, além de sinais sinalizados simultaneamente com as duas mãos. Ainda ocorreu de sinais serem contemplados por expressões corporais e faciais (elementos não verbais), não sendo necessariamente toda a tradução contemplada por sinais.

Destaca-se ainda a importância de manter a sinalização espacial, seja sintaticamente ao alocar os personagens e rotacionar o tronco como forma de referenciá-los, ou ao manter o ritmo de sinalização. O ritmo é importante para o envolvimento do público, e a tradução do livro manteve a sinalização na altura do peito, sendo poucos os sinais na altura da cintura. O ritmo indica aspectos dos verbos, assim como influencia o envolvimento das crianças na história, sendo semelhante a uma leitura com entonações que atraem sonoramente as crianças ouvintes à história.

Para o público ouvinte, a leitura do livro, associada à visualização das imagens, é capaz de proporcionar compreensão, por dominarem a língua portuguesa. Para crianças surdas, é um pouco mais complicada a situação por não terem domínio da língua, valendo-se principalmente das fotos, que são imagens estáticas. O gênero contação de histórias, tanto para o público ouvinte quanto para o surdo, é um gênero mais rico de conteúdo, logo, proporciona mais dados, o que facilita a compreensão de ambos os públicos. Para o público surdo, porém, esse gênero é ainda mais funcional, pois se trata de uma tradução, uma ponte, um acesso a outra cultura, como no caso do nosso *corpus*.

Nossa proposta de tradução para o gênero contação de histórias é um tipo de Tradução Cultural, pois propõe uma negociação entre as duas culturas, respeitando o público-fonte e o público-alvo. Nossa proposta é contar a mesma história de modo que o público-surdo possa ter o mesmo nível de compreensão de ouvinte falante de português.

Da mesma maneira que um contador de histórias para ouvintes faz uso de várias estratégias para chamar a atenção e despertar a curiosidade do seu público, um contador para surdos também faz, usando da tradução artística, que valoriza ao máximo os elementos das línguas de sinais já explicados na seção 5.3: antropomorfismo, incorporação, classificador,

efeito visual e espacial, estrutura gramatical, expressão facial/corporal, imagem visual, visual vernacular (VV), sinais simetria e onomatopeia.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Venho compartilhar experiências para que qualquer pessoa possa entender que a tradução entre português e Libras incentiva os surdos a reconhecer a área da literatura e, além disso, compreender a importância de desenvolver o seu cognitivo, expressando-se, imaginando, divertindo-se, brincando, contando histórias. Tudo isso sem prejuízo algum ao seu desenvolvimento desde a infância.

Assim, as orientações precisam de atenção em cada detalhe, pois há a necessidade de que os professores se especializem na área, seja com cursos e/ou oficinas, para que assim possam cada vez mais aprofundar seus conhecimentos e assim ajudar melhor a comunidade surda com o trabalho de tradução. É de suma relevância destacar que, assim, a tradução será feita com mais excelência e ajudará o profissional a não sentir obstáculos.

Propus um percurso de pesquisa que retrata bem a minha experiência como cidadã surda, membro de uma sociedade que ainda apresenta diversas barreiras para os surdos, desde a sua infância. Comecei falando das pesquisas recentes sobre Estudos Surdos e tradução, em que apresentei um panorama do que vem sendo estudado na área, e trouxe um excerto dos desafios dos surdos na escola, em que relatei a dificuldade de a comunidade surda ter acesso à educação de qualidade, com metodologias e modalidades que atendam às suas especificidades.

Depois discorri sobre a genuína riqueza cultural do povo surdo, expressa por meio de seus artefatos, sobretudo a literatura. Chamei atenção ao fato de que a cultura surda é um elemento de valorização dessa comunidade, é a maneira como pode se expressar não somente artisticamente, mas também cotidianamente.

O capítulo 5 começou a introduzir o tema da pesquisa, que é tradução de literatura infantil no par português-Libras, discorrendo sobre o papel do professor/intérprete nas escolas, de quem basicamente depende muito do autorreconhecimento e da afirmação enquanto membros da comunidade surda; são figuras nas quais as crianças começam a se espelhar para se autoafirmar.

Passei à apresentação do papel do contador de histórias, que, através das suas estratégias de interpretação/tradução em Libras para crianças, tem o poder de fazer o seu público atingir proficiência na sua própria língua, mostrando a riqueza de seu vernáculo, por meio de antropomorfismos, classificadores, expressões faciais e corporais, incorporações etc.

O trabalho culmina na proposta de tradução do livro infantil “Enquanto Seu Lobo não vem”, em que apresento o que eu acredito não somente sobre tradução intermodal, que

envolve a tradução funcional e a tradução cultural, mas também sobre a minha maior intenção: a valorização da Libras como elemento de desenvolvimento, autonomia e, sobretudo, identidade cultural da comunidade surda brasileira.

Espero que este trabalho contribua academicamente, sendo inspiração para novas pesquisas na área dos Estudos da Tradução e também dos Estudos Surdos, e socialmente, fomentando ideias para novas políticas públicas para os surdos do Brasil.



## REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. A.; COSTA, M. P. P.; ADAMS, H. G. Contar um conto com encantamento: a construção de sentidos e efeitos da tradução para libras. **Revista Diálogos (REVDIA)**, v. 6, p. 87-104, 2018.
- BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. (ed.). **Post-colonial Translation: theory and practice**. London: Routledge, 1999.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/civil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/civil_03/LEIS/2002/L10436.htm). Acesso em: 26 jan. 2022.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- BRITO, L. F. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- CAMPELLO, A. R. e S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- CRUZ, L. de A.; GUEDES, M. A.; LEMOS, A. M. Literatura Surda: análise de um conto infantil à luz da tradução intercultural e intermodal. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 41, n. esp. 2, p. 223-249, ago./dez. 2021.
- FERNANDES, V. M. **A importância da comunicação em Libras para o surdo brasileiro**. 2018. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.
- FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educ. Soc.**, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002. ISSN 1678-4626.
- GESSER, A. **LIBRAS? que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
- HELENA, Sarah. **Enquanto Seu Lobo Não Vem: um Original Leiturinha para ler e cantar!** 24 nov. 2020. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/enquanto-seu-lobo-nao-vem-um-original-leiturinha-para-ler-e-cantar/>. Acesso em: 2 abr. 2022.
- HOLCOMB, R.; HOLCOMB, S.; HOLCOMB, T. **Deaf Culture – Our Way: Anecdotes from the Deaf Community**. 3. ed. San Diego: DawnSignPress, 1994.
- HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. *In*: BROWER, R. A. (Ed.). **On Translation**. Cambridge: Harvard University Press, 1959. p. 232-239.

KARNOPP, L. B. **Literatura Surda**. Material elaborado para uso na disciplina “Introdução aos Estudos Literários”, do curso de Licenciatura em Letras-Libras, na modalidade a distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

LORENZETTI, C. A contação de histórias como gênero oral ensinável mediado pela leitura da obra Tristão e Isolda. *In*: PARANÁ. Secretaria da Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Paraná: Seduc, 2013. Disponível em:

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_unioeste\\_port\\_artigo\\_carmen\\_lorenzetti.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_port_artigo_carmen_lorenzetti.pdf). Acesso em: 16 fev. 2022.

MACEDO, J. L. M. F. de. **Literatura surda e letramento visual**: a criação de uma história infantil e de material didático bilíngue para surdos. 2017. 100f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Instituto de Biologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

MELEGARI, J. B. **Análise curricular da disciplina de Libras como L2 no Ensino Superior**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Libras) –Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2018.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda**: experiência das mãos literárias. 2016. 285f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

NICHOLS, G. **Literatura surda**: além da língua de sinais. 2016. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

NORD, C. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Tradução e adaptação coordenadas por Meta Elisabeth Zipser. Florianópolis: Rafael Coppetti Editor, 2016.

NOVAK, P. A política do corpo. *In*: ENCONTRO DE PERFORMANCE DO INSTITUTO HEMISFÉRICO, 5., Belo Horizonte, 2005.

OLIVEIRA, R. dos S. **A criança surda e a escola**: condições e contradições no ambiente escolar para efetivar a inclusão. 2016. 63p. Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PERLIN, G. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PIMENTA, N. **Aprendendo LSB**: Complementação. Livro do Professor. Rio de Janeiro: LSBVideo, 2004.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. O “Bi” em bilinguismo na educação de surdos. *In*: FERNANDES, E. (Org.). **Surdez e bilingüismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

QUADROS, R. M. **O tradutor e o intérprete da língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial – Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, R. M.; PIMENTA, N. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.

RANDO, S. **Enquanto Seu Lobo não vem**. Poços de Caldas: Leiturinha, 2020.

ROSA, D. G. da. **Educação e surdez: em defesa da língua de sinais para a inclusão social dos surdos**. 2013. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago. 2005.

SANTOS, A. B.; LIMA, S. A. A. Literatura Surda: algumas considerações. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, Aracaju: UNIT, 2016.

SANTOS, A. B. **O suporte digital de língua portuguesa para a comunidade surda: o caso da obra “As aventuras de Pinóquio” em língua de sinais/português**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pesquisa em Letras, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2016.

SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA, I. B. da. **A contação de histórias na perspectiva bilíngue para aquisição de leitura em libras pelo surdo: análise de dissertação no contexto brasileiro**. 2021. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, 2021.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUZA, R. M. **Que palavra que te falta?** Linguística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STOKOE, W. Sign language structure: an outline of the visual communication system of the American deaf. **Studies in Linguistics: Occasional Papers**, n. 8, 1960.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: EdUFSC, 2013.

SUTTON-SPENCE, RACHEL. LITERATURA SURDA ORIGINAL PARA CRIANÇAS PEQUENAS. *Revista Espaço*, p. 159-176, 2021.

SUTTON-SPENCE, R.; KANEKO, M. **Introducing Sign Language Literature: Folklore and Creativity**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

VALLE, J. P. S. do. **Literatura e Libras: a contação de histórias como apoio no processo humanizador de crianças surdas**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) – Universidade Federal de Goiás, 2016.

VALENTE, Marcela Iochem; GUARISCHI, Rafael Machado. A tradução intercultural e seus desafios: uma questão para os estudos da linguagem ou para os estudos culturais? **Revista Alpha**, v. 11, p. 163, 2010.

VASCONCELOS, J. P. dos S. **A trajetória e os desafios do tradutor intérprete de Libras na educação de surdos**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) — Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2017.

XAVIER NETA, C. N. **Senta, que lá vem história!** Representações de docentes sobre a Hora do Conto em Língua Brasileira de Sinais. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

## ANEXO A – LIVRO CORPUS DE PESQUISA

Título: Enquanto Seu Lobo não vem. Autora e ilustradora: Silvana Rando

Editora: Leiturinha. Ano: 2020.













## ANEXO B – ENTREVISTA COM A AUTORA E ILUSTRADORA SILVANA RANDO

Entrevista com a autora realizada por Sarah Helena, da Editora Leiturinha<sup>1</sup>.

**Leiturinha:** Como foi o processo de dar vida, cores e personalidade para os personagens dessa cantiga tão divertida?

**Silvana Rando:** *Dar vida a uma cantiga conhecida é sempre um desafio, pois ela já habita no imaginário das pessoas. É preciso desconstruir e criar tudo de novo. Escolhi pequenos animais para serem as crianças e um lobo mais engraçado do que assustador. Tentei criar um suspense para o final, quando finalmente o lobo irá sair de casa, mas de maneira leve e bem humorada. Também brinquei de esconder uma joaninha que está presente em toda a história.*

**Leiturinha:** Quais eram suas cantigas preferidas quando você era criança?

**Silvana Rando:** *Tenho uma memória afetiva importante da canção O Pato, de Vinicius de Moraes. Lembro da minha mãe fazendo graça enquanto cantava e dançava para mim. Me dá muita saudade de ser criança.*

**Leiturinha:** Como você espera que os pequenos leitores recebam este livro?

**Silvana Rando:** *Entrar na casa das pessoas através dos livros gera responsabilidade e também muita expectativa. É muito bom quando recebo um retorno dos meus leitores e na maioria das vezes esse é bem positivo. Espero que as crianças se divirtam com essa obra e pensem sobre como às vezes criamos preconceito com relação aos nossos lobos.*

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/enquanto-seu-lobo-nao-vem-um-original-leiturinha-para-ler-e-cantar/>. Acesso em: 2 abr. 2022.